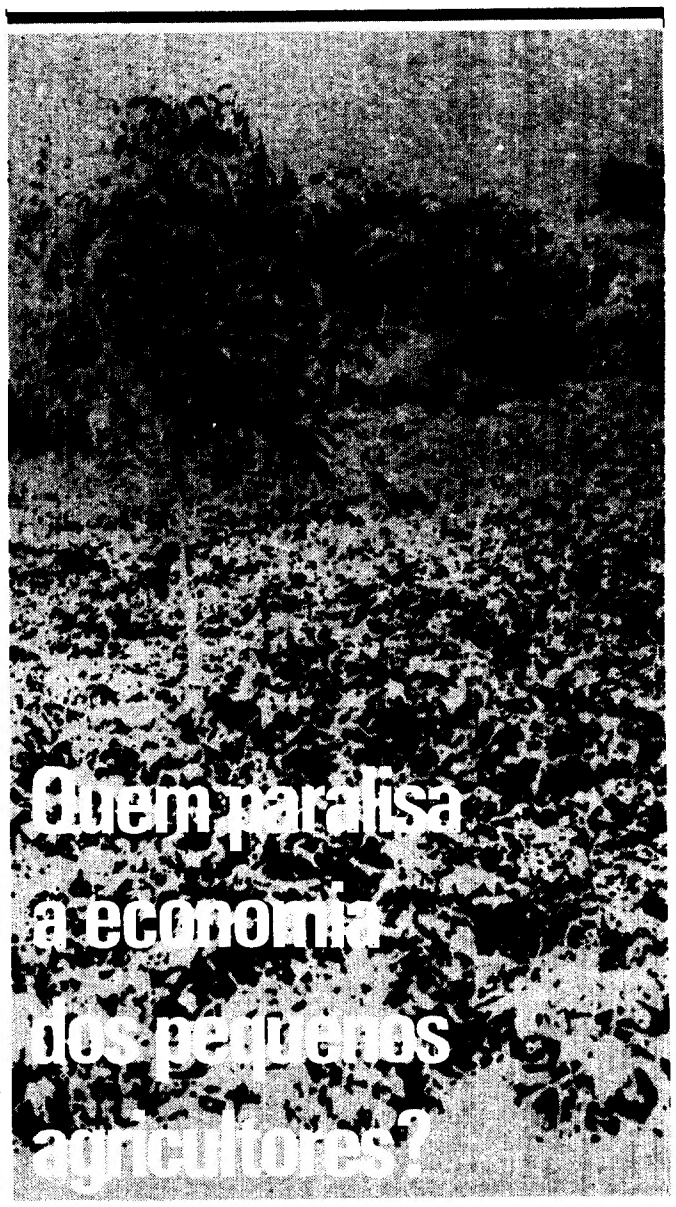
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º / N.º 18889 4$00

SEXTA-FEIRA 10 OUTUBRO 1975



● **Os trabalhadores dos organismos de coordenação económica tomam o assunto em suas mãos.**

(Pág. 6)

SABOTADORES TÊM PROTECÇÃO?

A U.S.P. DENUNCIA DESCONGELAMENTO DE CONTAS

. «A confusão que os acontecimentos das últimas semanas lançaram na situação política e militar tem que merecer de todos os trabalhadores um esforço sério de discussão e análise» — lê-se numa nota dirigida a todos os trabalhadores pela União dos Sindicatos do Porto. Depois de dizer «não» à sabotagem económica, ao fascismo, aos saneamentos à esquerda, à repressão sobre o povo explorado e trabalhador, a nota diz, também «não» ao descongelamento das contas bancárias de sabotadores, afirmando: «O graduado brigadeiro Pires Veloso, comandante da R.M.N. ordenou já o descongelamento de contas bancárias de sabotadores económicos. Ordens confidenciais, não vão as comissões de trabalhadores saber do assunto... Porque se permite que inimigos do povo, da independência nacional que muito mal fizeram a este País, possam voltar a movimentar as contas bancárias com dinheiro que pertence aos trabalhadores, às empresas?»

. A nota termina, afirmando que «Portugal não será o Chile da Europa» e salienta: «No Chile morreram já 40 000 pessoas desde que a Junta subiu ao poder. Quantos quererão os fascistas assassinar em Portugal?».

Cimeira em França

TÓQUIO, 10 (R) — Dirigentes de seis dos principais países não comunistas encontrar-se-ão em França, numa cimeira de três dias a começar em 15 de Novembro, a fim de debaterem problemas económicos mundiais, segundo foi anunciado em Tóquio.

Um comunicado conjunto dizia que na conferência participariam os Estados Unidos, Japão, Grã-Bretanha, França, República Federal Alemã e Itália.

O local exacto da cimeira será conhecido mais tarde.

S.U.V. manifestam-se em Coimbra

"A REVOLUÇÃO COMEÇOU AGORA"

COIMBRA, 10 — (Do nosso enviado especial, Ribeiro Cardoso) — Milhares de pessoas, entre as quais três a quatro mil soldados, participaram ontem ao princípio da noite numa manifestação de apoio aos S. U. V.

De acordo com habitantes da cidade, esta foi uma das maiores manifestações aqui realizadas, podendo ser comparada ao 1.º de Maio. No entanto, nunca tinham sido vistos tantos soldados a manifestarem-se. Mais de 30 mil pessoas vieram para a rua com cartazes e bandeiras vermelhas.

Coimbra pode ver emocionada e estupefacta soldados do R. I. T. (Tomar), do C. I. C. A. F. E., do R. A. L. (Leiria) R. A. M. (Torres Novas), E. P. A. M. (Lisboa), R. I. A. (Abrantes), B. E. 3 (Santa Margarida), Ralis (Lisboa), E. P. S. M. (Sacavém), E. P. E. (Tancos), R. I. (Castelo Branco), R. A. S. P., R. I. V. (Viseu), E. P. C. (Santarém), C. I. O. L. (Lamego), R. A. C. (Oeiras), R. I. 5 (Caldas) e representações de várias unidades de Coimbra, desde a do Quartel-General à do Regimento de Infantaria. Soldados que de mãos dadas com o povo organizado em comissões de moradores e de trabalhadores fizeram uma «serenata» diferente, gritando: «Soldados, Sempre, Sempre, ao lado do Povo».

Quem viu não teve mais dúvidas: A verdadeira Revolução só agora começou. Sem capuzes, caras a descoberto, exibindo o seu orgulho e a sua força, os S. U. V. — soldados e marinheiros — mostraram-se como já são: imparáveis.

em toda a zona adjacente, desde a Ferreira Borges à Rua da Sofia, que parecia um mar vermelho. Esperando por delegações de unidades militares que chegaram à última hora, a manifestação arrancou com certo atraso, passando perante filas cerradas de pessoas pela Rua da Sofia, Av. Fernão de Magalhães, Largo da Portagem, Ferreira Borges, Visconde da Luz, Av. Sá da Bandeira, terminando na Praça da República que encheu por completo.

Nas mãos dos manifestantes, além dos dísticos e das bandeiras, um comunicado dos S. U. V. — Região Militar do Centro.

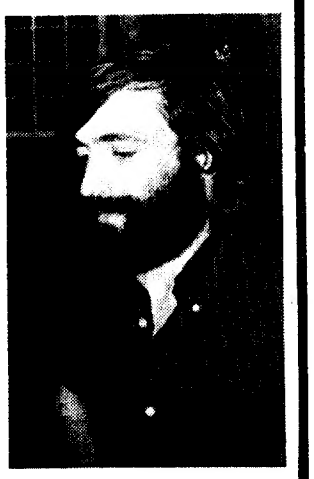
Um excerto:

. «O nosso inimigo não é o M. F. A. São os oficiais reaccionários que aplaudem a sua reconversão direitista para em seguida o submergirem nas estruturas pesadas de um Exército burguês. São os reaccionários que se preparam para montar um monstruoso aparelho repressivo dirigido contra os trabalhadores e que dê cobertura a uma política de liquidação das conquistas revolucionárias feitas. São os que lançam uma insidiosa campanha e põem em prática uma vasta manobra

Continua na pág. 20

«O NOSSO INIMIGO NÃO É O M.F.A.»

A concentração de pessoas fez-se cerca das 19 horas em frente à Igreja de Santa Cruz. Em breve não se podia circular



A FORÇA JUSTA DAS VÍTIMAS DE UMA GUERRA INJUSTA

(Págs. CENTRAIS)

CONSELHO DA REVOLUÇÃO REUNIDO NO RESTELO

O Conselho da Revolução está reunido no Restelo, desde as 10 horas da manhã, sob a presidência do general Costa Gomes. Não se conhece a agenda mas sabe-se que estão a ser debatidos assuntos de extrema gravidade no plano político-militar. Fonte de confiança refere que, para além das questões de ordem geral como a chamada «disciplina e ordem» no seio das Forças Armadas e das questões já conhecidas relacionadas com unidades militares fiéis aos princípios revolucionários autênticos (entendendo-se essa autenticidade como a Revolução a ser feita pelas massas trabalhadoras ao lado dos militares revolucionários, julga-se que estarão mesmo a ser postas em causa algumas das figuras mais destacadas do 25 de Abril, que não caucionam uma viragem à direita, como Otelo e Fabião.

As posições encontram-se neste momento suficientemente definidas para que os confrontos ideológicos se produzam em toda a sua amplitude. Entretanto, ontem à noite Álvaro Cunhal, secretário geral do P. C. P., foi inesperadamente convocado para uma entrevista com o Presidente da República.

Desconhece-se o teor dessa entrevista e se outros dirigentes de partidos foram também convocados para audiências similares. De qualquer forma, todos estes factos são componentes importantes do processo político-militar extremamente tenso em que o País está envolvido e a que a reunião do Restelo confere hoje um clima de grande expectativa.

PORTUGAL NÃO QUER IMPOR SOLUÇÕES EM ÁFRICA

(Pág. 20)

OS ACONTECIMENTOS DO PORTO

MILITARES DO R.A.S.P. CONTESTAM COMUNICADO DO Q.-G.

PORTO, 10 — (Da nossa delegação) — «A presença de populares dá a verdadeira dimensão política do significado da nossa luta. A luta pela reabertura do CICAP não é só a luta dos militares do CICAP nem só a luta dos militares que se encontram dentro deste quartel» — foi afirmado ontem ao fim da tarde no decorrer de uma conferência de Imprensa no RASP e durante a qual os militares fizeram uma análise dos acontecimentos da madrugada de ontem.

Pelo grupo de comunicação com a Imprensa foram lidos dois comunicados explicativos de toda a acção na última madrugada e de resposta dos militares do RASP ao brigadeiro Pires Veloso.

Imputando de falso o comunicado emitido pelo Q.-G. afirmaram que «é falso que só tenham sido detidos civis no CICAP. Em 7 de Outubro foram detidos três militares quando distribuiam comunicados aos colegas ocupantes do CICAP». Informaram ainda ser falso «que só estejam no RASP recrutas do RTM e do CICAP e que os restantes sejam na sua maioria oficiais e furriéis do Quadro de Complemento». Há — foi salientado — soldados, sargentos e oficiais do RASP, RIVRC, CICAP, RTM, RIP, RQO, RCPOE, QG/ RMN, HMIL;

Continua na pág. 20

Álvaro Cunhal:

"O P.P.D. NADA TEM A FAZER NO GOVERNO"

(PÁG. 2)

20 PÁGINAS

Nacional

ÁLVARO CUNHAL EM MOSCAVIDE

"O P.P.D. não tem nada que fazer no Governo"

Com o Pavilhão de Moscavide literalmente cheio e ainda com muitas centenas de pessoas cá fora, Álvaro Cunhal, acompanhado por diversos elementos do Comité Central do P. C. P., da Comissão Concelhia de Loures e da Freguesia de Moscavide, falou durante quase duas horas aos militantes e simpatizantes do P. C. P., num comício muito informal, transformado em sessão de esclarecimento onde as pessoas fizeram todas as perguntas que quiseram, inclusivamente «perguntas agressivas», como pediu o secretário-geral do P. C. P. que fossem feitas.

Álvaro Cunhal chegou com certo atraso motivado, segundo explicou Carlos Brito, pelo facto de quando se preparava para sair, ter sido chamado para uma entrevista com o Presidente da República. Naturalmente que esta revelação despertou curiosidade e expectativa entre os presentes e uma das perguntas feitas visava saber os motivos da visita ao Presidente. Alvaro Cunhal explicou que, embora no seu partido tudo seja claro e feito à vista de todos, os presentes compreenderiam que não lhe seria possível revelar publicamente o teor da entrevista que motivara a sua deslocação a Belém. «Não posso dizer o que se passou. Entretanto alguma coisa posso dizer. Defendemos que é necessário castigar a reacção. Pensamos que o P. P. D. não tem nada que fazer no Governo, pensamos ser necessário que o Governo se modifique no sentido da esquerda, que as Forças Armadas devem ter à sua frente os oficiais revolucionários e não os reaccionários. É isso que aqui defendemos e naturalmente em Belém defendemos a esma opinião.»

O comício, promovido pela Comissão da Freguesia de Moscavide do P. C. P., tinha como objectivo a «Unidade antifascista para bater a reacção». Estiveram presentes, além do secretário-geral, Carlos Brito, Francisco Miguel, Alda Nogueira e Geogette Ferreira, do Comité Central; Jorge Gomes, membro do secretariado da célula da Fábrica Nacional de Munições e Armas Ligeiras; Rogério Paulo, da U. J. C. de Moscavide, e Euclides Pereira; Armando Tavares, Fátima Amaral, Ramiro Morgado e António Pedro, todos da Comissão Concelhia de Loures do P. C. P.

Jorge Gomes foi o primeiro orador a usar da palavra, salientando a necessidade da unidade entre todos os trabalhadores através da existência de comissões de trabalhadores unitárias. Hermínia Figueiredo, mãe do furriel Figueiredo, um dos militares que foram libertados da Trafaria aquando da manifestação dos SUV's agradeceu a todos quantos ajudaram a essa libertação. Rogério Paulo e Ramiro Morgado foram os oradores seguintes. Este último afirmou que a organização de Loures do P. C. P. «não se poupará a esforços para assumir as responsabilidades que lhe cabem», e terminou com um viva à classe operária e à «unidade do povo com o M. F. A. reconstruído».

Entretanto chegaram à mesa duas moções uma apoiando a luta dos militares do C. I. C. A. P. e outra exigindo a libertação imediata de Luís Corvalan, cuja vida corre perigo nas masmorras de Pinochet. Ambas foram aprovadas por aclamação enquanto o público gritava «O Chile vencerá», «Espanha vencerá», «Angola vencerá», «M. P. L. A.», «Portugal vencerá», «Corvacho voltará», «Vasco voltará». Depois de um minuto de silêncio em memória de Che Guevara, sugerido por um dos assistentes ao comício, foi aprovada outra moção saudando os operários metalúrgicos «pelo exemplo de que estão dando provas».

Cerca das 10 horas chegou Carlos Brito acompanhado de outros elementos do Comité Central do P. C P., que disse estar encarregado por Álvaro Cunhal de transmitir uma comunicação explicando os motivos da sua demora e, ao mesmo tempo, estar ali para responder às perguntas que os presentes pretendessem fazer.

Carlos Brito, após referir se à contra-ofensiva das forças reaccionárias, informou o público das notícias recebidas de Coimbra acerca da grandiosa manifestação que ali estava a decorrer afirmando: «Agora não é só Lisboa, não é só na cintura industrial, na margem sul do Tejo. Agora é também no Porto, na região Centro que durante algum tempo pareceu constituir uma ameaça à luta dos trabalhadores. São milhares de soldados que vêm para a rua. Temos razão para ter toda a confiança na vitória. Há quem acuse toda esta grande movimentação de indisciplina, mas esses não chamavam indisciplina quando oficiais reaccionários se opunham às ordens de comandos revolucionários.» Referindo-se ao P. S. e ao P. P. D., disse ainda Carlos Brito: «Esses dois partidos, alguns militares de direita e outros moderados e toda a clientela de direita julgavam que, porque em Tancos se criaram certas maiorias, podiam realizar uma política de direita, minar a revolução, fazer uma política no sentido social-democrata, mas massas populares estão dando a devida resposta a quem alimentava estas ilusões e ao lado das massas populares estão também milhares e milhares de soldados progressistas.»

RESPOSTA PARA MUITAS PERGUNTAS

Álvaro Cunhal só chegou de Belém cerca das 11 e 15. Sorridente, recebeu flores dos pioneiros e foi saudado pelo público com a vibração habitual. Propôs que na sessão fosse seguido o método já preconizado por Carlos Brito. Choveram perguntas: se não seria melhor no actual momento político que o P. C. P. em lugar de participar num Governo de direita se tivesse alheado e continuado na F. U. R.; o que tinha Álvaro Cunhal ido fazer à Presidência da República; se o saneamento de administradores do Banco de Portugal não será mais uma tentativa de cortar o crédito agrícola; sobre a formação de uma força como o A. M. I. integrando antigos comandos e retornados; onde estava o socialismo em Portugal, se o ordenado mínimo era de 4 contos e os ministros ganhavam mais de trinta... Outra pergunta acerca de Otelo Saraiva de Carvalho e se neste momento ele «está por nós ou contra nós» e muitas outras abrangendo um vasto leque de assuntos.

Alvaro Cunhal iniciou então uma longa exposição na qual, mais do que responder apenas às perguntas, procurou explicá-las. Começou portanto por analisar a actual crise político-militar que, no seu entender, não foi resolvida com o VI Governo e explicou como a direita fascizante se aproveitou das divergências no M. F. A. para avançar posições.

Sobre Otelo Saraiva de Carvalho, o secretário-geral do P. C. P. disse que não devem ser dadas opiniões políticas pelos partidos sobre os chefes militares. Eles não tinham experiência política e é perfeitamente natural que haja uma evolução. «Cada homem tem a sua evolução natural e não é de ligar cada homem a uma posição definitiva.»

Sobre os retornados de Angola, Álvaro Cunhal distinguiu duas posições: a dos verdadeiramente necessitados, das crianças e mulheres que sempre teriam um lugar nos lares dos trabalhadores portugueses e os outros, aqueles que, se Angola tivesse uma solução diferente, do tipo rodesiano, já teriam o seu passaporte angolano e não queriam saber de Portugal. «Que eles venham para cá não para criarem complicações ao nosso povo, não para serem a base da contra-revolução, instalados em hotéis de luxo, com altos vencimentos, tendo no fim de contas muito mais do que os trabalhadores portugueses e voltando-se ainda por cima contra eles e contra a revolução portuguesa.»

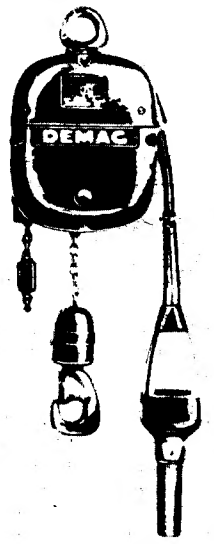
Outro dos presentes perguntou se Melo Antunes tinha ido à C. E. E. «vender Portugal ou empenhar Portugal». Cunhal explicou o mecanismo de todas essas ajudas e como elas muitas vezes se transformam em exploração através do alto juro ou do seu elevado preço político. E concluiu: «Se a C. E. E. quer emprestar dinheiro a Portugal não tem que nos dizer quem deve ser o ministro das Finanças ou do Comércio Externo. Pensamos que devemos manter boas relações com todos os países desde que eles não pretendam ingerências na nossa política interna.»

4

DEMAC

APARELHOS DIFERENCIAIS

ELÉCTRICOS DE CORRENTE



PARA CARGAS DE 125 a 2.000 Kg.

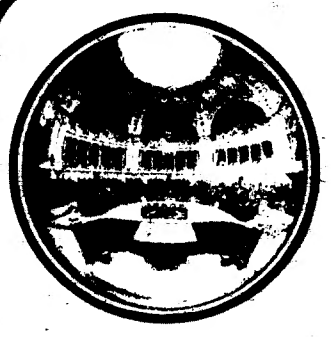
ROMAR

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

CARRILLO FAVORÁVEL A SOARES

PARIS, 10 — (F. P.) — O semanário socialista «L' Unité» publicou ontem uma entrevista de Santiago Carrillo, secretário geral do Partido Comunista Espanhol, e de Felipe Gonzales secretário geral do Partido Socialista Operário Espanhol (P. S. O. E.)

Santiago Carrillo declarou nomeadamente que é «inteiramente favorável «a proposta de Mário Soares de uma conferência dos oito partidos socialistas e comunistas de Espanha, França Itália e Portugal.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

As classes

O deputado Mota Pinto, líder parlamentar do P. P. D. surgiu ontem em S. Bento, após uma ausência de vários dias. Veio dizer que «se impõe» a saida do Governo do Partido Comunista Português. O professor em Coimbra de Teoria Geral do Direito justificaria a sua intervenção dizendo que o P. C. P. não apoia mas ataca o VI Governo Provisório. Da bancada dos comunistas foi dito simplesmente: «atacamos a burguesia e os fascistas»!

A intervenção deste deputado veio a culminar uma séria de sessões de violentos ataques entre representantes do P. P. D. e do P. C. P., reflectinfo ao mesmo tempo, e exemplarmente, a forte agudização da luta de classes entre nós.

SOLDADOS

Jaime Serra (P. C. P.) visando, por sua vez, os «pèpedês» ligaria o peso da participação do P. P. D. no Governo aos já fortes indícios de uma prática de discriminação política que se aproxima do que é costume chamar-se «a caça às bruxas».

«Todos podem observar — sublinhou Jaime Serra — que em vez das indispensáveis medidas de saneamento dos fascistas e reaccionários dos postos-chave que ainda ocupam, tanto no aparelho de Estado, como nos quartéis, se assiste à constituição dos sanemaentos à esquerda».

Salientando por outro lado que «o novo fluxo revolucionário a que se assite, constitui magnífica resposta do povo português às forças reaccionárias e conservadoras, às tentativas de uma viragem à direita», o deputado do Partido Comunista referindo-se às manifestações de soldados, diria:

«É errado interpretar, como fazem alguns, a grande movimentação de soldados como um factor de caos e anarquia. O amplo e vigoroso movimento dos soldados é uma viva expressão da luta do povo trabalhador e uma afirmação de que, tal como no aparelho civil, a autoridade, a disciplina e a ordem nas forças armadas, só se pode alcançar retirando reaccionários de postos de comando e mantendo e reforçando o espírito revolucionário.»

CULTURA E CLASSES

Na ordem do dia a discussão do papel do Estado em relação à cultura foi também significativa das posições de classe visíveis em S. Bento. Cardia, pelo P. S., e José Seabra, pelo P. P. D., defenderiam o papel passivo do Estado, considerando-se que ele não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, políticas, ideológicas ou religiosas.

Sousa Pereira (M. D. P.) e Vital Moreira, Francisco Miguel e Manuel Gusmão (todos do P. C. P.) que defendiam, sem prejuízos da liberdade cultural, ideológica ou religiosa, o apoio e estímulo do Estado às necessárias transformações culturais da sociedade portuguesa, no sentido da construção de uma sociedade socialista, marcaram claramente que o puro liberalismo cultural apenas servirá no actual momento português a classe dominante, ou seja, a burguesia.

E. A.

VOLTA E MEIA

Movimentar-se

A. PEREIRA DA SILVA

Em comunicado recente, o Copcon mete no mesmo saco três vespertinos de Lisboa, acusando-os de especulação quando tratam de problemas políticos imediatos. Um deles era o «Diário de Lisboa», o que, felizmente, raras vezes acontece. E nem desta deveria ter acontecido, valha a verdade. Somos, por norma, avessos à especulação, embora tenhamos a nossa óptica sobre os problemas: o «DL» não é um saco sem fundo nem um caixote do lixo. E faz reflectir a sua visão da verdade.

O breve espaço do comunicado em referência, a nós dedicado, referia o termos afirmado que notámos uma certa movimentação do general Otelo Saraiva de Carvalho, na noite da célebre «inventona» do PS. De facto, temos de reafirmá-lo, notámos nessa noite de trabalho «certa movimentação» do popular comandante do Copcon. Notámos que «se movimentou» de qualquer sítio para o Palácio de Belém.

Notámos que «se movimentou do Palácio de Belém para o Forte do Alto do Duque.

Notámos, finalmente, que ali «se movimentou» para a cama. Foi isso que dissemos: como a maioria dos portugueses, às três da manhã, o general Otelo dormia descansadamente sobre a «inventona» de acordo com a informação recolhida.

A nossa obrigação é estar atentos «ao que se movimenta». Esperemos que o Copcon faça o mesmo.

post scriptum

Há disciplina e disciplina

Depois da viagem que o Ex.ª fez aos países socialistas, esperava-se que o Ex.ª dissesse ao povo português o que viu e as suas opiniões sobre o que é o socialismo nesses países. Pois estando nós numa fase de transição para o socialismo, interessava saber o que pensava o sr. Presidente desses países onde o socialismo tem, no caso da União Soviética, mais de 50 anos.

Mas tal não foi o meu espanto quando o Ex.ª, no discurso que fez nas comemorações do 5 de Outubro, pouco disse da construção do socialismo nesses países e ainda por cima, disse que a disciplina é aceite pelos povos socialistas.

Como sr. Presidente? Isso não será muito ambíguo? Esses povos aceitam a disciplina ou é o próprio povo que impõe a disciplina e a ordem revolucionária?

(...) no nosso País vivemos ainda em sistema capitalista em transição para o socialismo.

E o choque entre o explorador que não quer perder os seus privilégios, e os explorados são inevitáveis. Quando se assiste ao recuo das classes progressistas e trabalhadoras não surpreende que certas forças militares e políticas tanto apelem para a disciplina.

Penso que é lamentável que o Ex.ª lance mais confusão no espírito do povo, quando os governantes deviam esclarecer com clareza os trabalhadores.

E senão vejamos: será que a disciplina para que tanto apelam o PPD, o CDS e até o PS será a mesma dos países socialistas? Claro que não

Quando estes partidos pedem disciplina o que querem eles? A opressão, a exploração, do homem pelo capital e o regresso ao fascismo (...)

Filipe Marinho — Lisboa

Carta ao irmão soldado

Diz-me, na madrugada de 25 de Abril ficaste na caserna ou, pelo contrário, estiveste na primeira linha sem saber sequer o que fazias?

Em África ficavas no quartel ou, diariamente, arriscavas a vida no mato?

Realmente nessa altura não tinhas uma opção; havia que obedecer às ordens, sem te preocupares se eram justas ou não. Enfim! Outros tempos...

E agora? Tens opção? Claro que não. Fazes parte das minorias. A democracia não chega para ti. É propriedade dos pluralistas, dos socialistas em liberdade, das maiorias que foram engrossadas (por votos) pelos capitalistas, tecnocratas, latifundiários e outros, cujo obscurantismo apenas lhes permitiu perguntar ao patrão, ou ao prior, se deviam votar na «bola preta», nas «setas ao alto» ou na mão fechada. É claro que são todos estes que te pagam (tão pouco!) para que deixes de ter opções de classe, para que deixes de ser homem e para que sejas somente... SOLDADO.

E os teus superiores? Esses, como não são pagos pelo povo, podem escrever e divulgar «Documentos», podem conceder entrevistas, dizer e desdizer. Enfim, outra classe....

Portanto irmão soldado, deixa-te de SUVs e outros, permanece no quartel, come do rancho e recebe o pré e aguarda a disponibilidade, não sejas empata. Deixa que os «iluminados» construam a sociedade sem classes — fazendo saneamentos à esquerda — acabem com a exploração do homem pelo homem — mantendo os privilégios da burguesia — e depois aparece, pois o teu lugar está certo junto dos explorados e oprimidos deste País.

Não queria porém acabar sem te dizer que a casa não é construída pelo engenheiro e arquitecto; é necessária também a mão do pedreiro, do carpinteiro; e recorda-te que o 25 de Abril foi também feito por ti e pelo povo do qual és filho e meu irmão.

Manuel Moia — Vila Real de Santo António

Ao sr. Presidente da República

(...) Não há dúvida sr. Presidente, nos países socialistas existe uma grande disciplina e ordem, coisa que não existe em nenhum país capitalista. Isto porque nos países socialistas existe mesmo socialismo, não há antagonismo de classes, há colectivização dos meios de produção não há capitalismo, não há partidos mesquinhos que queiram vender a sua pátria ao imperialismo. Assim sim! Pode existir ordem e disciplina, porque estas não são contra o povo, mas sim, a vontade do povo expressa pelos seus órgãos: os sovietes, as estruturas sindicais, o partido da classe e outros órgãos populares.

Só quem não queira não vê que não é essa disciplina e ordem que pretendem impor aqueles que, na nossa Pátria, falam tanto hoje em autoridade e disciplina e pensam em repressão. Esses «disciplinadores» de hoje não tiveram vergonha em se indisciplinarem ontem, como é o caso dos «disciplinadores» comandantes de unidades da R.M.N., que tomaram atitudes de indisciplina contra Eurico Corvacho, só por este ser aliado da classe operária e dos trabalhadores. Como também o fizeram impunemente aqueles que, hoje, promovem manifestações onde reclamam por «disciplina», mas não tiveram vergonha de, com atitudes que qualquer homem minimamente honesto seria incapaz de ter, caluniar, inventar, tentar, sujar, recorrer às maiores faltas de disciplina contra o maior e único oficial verdadeiramente revolucionário, o general Vasco Gonçalves. E tudo isto só porque ele foi e será um intransigente defensor da sociedade e da disciplina dos operários e camponeses e do povo em geral.

Assim sr. Presidente porque não se falou em disciplina a essa gente, nem se fala agora quando tentam fomentar uma guerra civil, para melhor fornecer pretexto ao imperialismo para uma intervenção com que ele sonha desde o 28 de Setembro(...).

Sr. Presidente, disciplina e ordem, como tudo, também têm uma origem de classes (...).

Jorge Peixoto — Lisboa

INGLATERRA: AVIZINHA-SE UM INVERNO DURO PARA WILSON

O septuagésimo quinto aniversário da fundação do Partido Trabalhista ficará assinalado com uma pedra branca na carreira de Harold Wilson. Um pouco mais de dezoito meses após o seu regresso-surpresa ao Poder, e numa conjuntura económica, pelo menos preocupante, o primeiro-ministro britânico vê a sua posição brilhantemente confirmada à cabeça do seu partido.

Todos pensavam que o Congresso trabalhista de Blackpool alargaria ainda mais o fosso cavado entre a esquerda e a direita do partido. Na verdade, a esquerda marcou vários pontos: fez excluir do comité directivo o ministro das Finanças, Denis Healey, principal responsável pela política económica do Governo e substituiu-o por um adversário decidido de Wilson, Eric Effer, marxista convicto e notório anti europeu. Tony Benn, o ministro da Energia, afirmou-se, mais claramente que nunca, o chefe de fila da oposição a Wilson e seu eventual sucessor à cabeça do partido. Viram-se — espectáculo raro além-Mancha — vários oradores da extrema-esquerda monopolizar a tribuna para fustigarem Mário Soares, que veio trazer a «saudação fraterna» dos socialistas portugueses. Apesar desta ofensiva, Wilson pôde seguir com toda a tranquilidade os debates do congresso.

Uma vez mais, o líder trabalhista aproveita da conjuntura económica. Os sindicalistas tinham-no dado a entender por altura do seu Congresso de Setembro. Os trabalhistas confirmaram-no categoricamente desde o princípio do Congresso de Blackpool: vamos dar ou não uma oportunidade ao trabalhismo na Grã-Bretanha?

Na verdade, qual será a solução se os sindicatos comprometerem o plano económico de Wilson, se as greves selvagens voltarem a surgir, como em 1974, se as divisões no seio do «Labour» provocarem a famosa cisão de que há tantos anos se fala? Nesse caso, os conservadores têm fortes oportunidades de regressar ao Poder, com a sr.ª Thatcher à cabeça, dirigente, que, com razão ou sem ela, passa por ser mais reaccionária que o seu antecessor, Edward Heath.

Apesar do seu gosto pelos jogos parlamentares, os britânicos, a começar pelo patronato, estão hoje muito conscientes do perigo que a sua economia periclitante, o desemprego e os sobressaltos da libra fazem correr ao país para que tomem o risco de uma mudança de maioria.

Foi isso que Wilson compreendeu muito bem, colocando diversas vezes directa ou indirectamente os membros do Congresso perante as suas responsabilidades. A atitude da esquerda do partido continua, aliás, a ser muito ambígua. Tony Benn deu provas de moderação pouco habitual.

Mas nem por isso a situação de Wilson é mais confortável. O congresso dos sindicatos (T.U.C.), aprovou o plano de luta contra a inflação, mas nada garante que todas as federações respeitarão as instruções do aparelho sindical. A situação da libra, fortemente abalada por uma diminuição maciça do afluxo de petrodólares — que começam mesmo a sair da Grã-Bretanha — vai provavelmente obrigar o Governo a pedir um novo empréstimo ao Fundo Monetário Internacional.

O Inverno será duro e o mais difícil está por fazer», declarou Wilson em Blackpool. Mais aguerridos perante as dificuldades económicas, mais disciplinados que os seus parceiros europeus, os britânicos são talvez mais capazes de fazer face à crise com serenidade. A verdade, porém, é que se Wilson não conseguir travar a inflação e o desemprego nos meses mais próximos, o seu êxito em Blackpool arrisca-se a ser anulado. É talvez isso o que esperam os ideólogos da esquerda trabalhista para voltarem ao ataque...

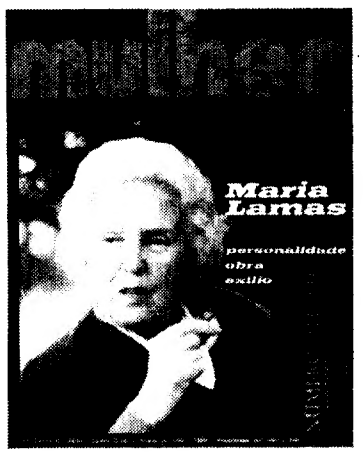
C. «Le Monde»

MARIA LAMAS

Uma vida de luta contra a repressão

«Hoje não há problemas do lar que não sejam problemas sociais, do mesmo modo que não há problemas masculinos e femininos. Simplesmente, muitas vezes os homens, na elaboração dos estatutos sociais, esquecem-se de que é assim e colocam a mulher, que é a sua companheira de trabalho e fadigas, à margem da própria lei».

Esta afirmação foi feita por Maria Lamas no «Diário de Lisboa», em Outubro de 1945. Trinta anos depois, a sua verdade não é mais uma descoberta: tem sido dita e redita por pessoas diversas de diferentes maneiras. Mas em 45, quando o Estado Novo vivia desafogadamente sem o bervicacho da guerra colonial e tinha disponibilidade para se aplicar eficazmente na repressão interna, identificar, publicamente, num órgão de comunicação social, os problemas da mulher e do homem com os problemas sociais, ressaltando a injustiça da condição feminina, era, pelo menos, um acto de coragem.



Vários actos de coragem assinalaram a vida de Maria Lamas, portuguesa nascida em meio burguês, em Torres Novas, no ano de 1893, e que o semanário «Mulher» (Modas e Bordados) acaba de homenagear com o número que salvo as rubricas habituais, lhe é totalmente dedicado.

Actos de coragem que não se traduziram apenas em opiniões publicamente divulgadas, mas em opções, daquelas que modificam irreversivelmente uma vida. Opções decorrentes de uma dupla luta: contra o fascismo e contra a condição da mulher.

A renúncia a um casamento de juventude que o desejo de emancipação e de conhecer o mundo não permitia continuar; a luta contra a censura; também contra a P.I.D.E. como directora (a primeira) da revista «Modas e Bordados», onde tentou despertar a mulher e a juventude para a verdade dos seus problemas; a renúncia à direcção daquela revista para poder continuar (porque lhe foi apresentada como opção pelo director de «O Século», Pereira da Rosa) como presidente do «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», tarefa a que teve também de renunciar por aquela organização ter sido encerrada pelo Governo; o mostrar aos senhores deste País a situação deprimente da mulher portuguesa, desde a camponesa do Continente e das Ilhas Adjacentes à intelectual, passando pela operária e pela doméstica, sem esquecer a mãe solteira, a prostituta, as instituições femininas, etc., na obra «As Mulheres do meu país» livro que lhe levou dois anos a percorrer Portugal «de porta em porta»); e o exílio em Paris, com os seus momentos de depressão, dificuldades económicas, saudade, solidariedade e estudo, são alguns dos pontos significativos da trajectória de Maria Lamas.

Também reveladores das suas posições arrojadas e dos temas que fundamentalmente despertaram a sua curiosidade e sensibilidade, foram os seus livros «Humildes», «A Maria Cotovia», «Aventuras de Cinco Irmãozinhos», «A Montanha Maravilhosa», «A Estrela do Norte», «Brincos de Cerejas», «O Caminho Luminoso», «Para Além do Amor», «A Ilha Verde», etc..

Em 1952, depois de várias viagens, publicou «A Mulher no Mundo», e, na década de 50, ainda três revistas chamadas «As Quatro Estações», de efémera duração devido à repressão da censura. É no volume «Primavera» que aparece «O Despertar de Sílvia», texto grandemente truncado pela dita censura. Na entrevista concedida a «Mulher Modas e Bordados», Maria Lamas revelou que o ciclo «As Confissões de Sílvia» sairá em três volumes: «O Despertar», «O Caminho» e «A Luta».

O que ressalta dessas obras não será a qualidade técnica. A própria escritora afirmou a esse propósito, em «O Primeiro de Janeiro», de 24/10/45, que «O Livro do Amor» não é um romance nem um poema. É o «meu livro», aquele que brotou de mim, do meu desejo de sinceridade, de fraternidade, de amor universal. Literariamente, deve estar errado — refiro-me a técnicas e a escolas. Que importa, porém, a técnica para as reacções do espírito e da carne de cada um de nós? Pretendi escrever VIDA».

Silenciada forçadamente pelo regime fascista, a voz de Maria Lamas voltou a fazer-se ouvir entre nós depois da revolução dos cravos. Os anos correram; muita coisa se alterou. Mas esta figura de mulher, de cabeça branca ficará para a posteridade como uma lutadora, uma vanguardista do seu tempo. Sem exibições, sem sensacionalismos, com muita sinceridade e amor.

É esta mulher que «Mulher — Modas e Bordados» homenageia no seu número do passado dia 8 através de entrevistas, depoimentos, citações. Simultaneamente, oferece-lhe o título de directora honorária, que Maria Lamas aceitou com as seguintes palavras: «Pergunto-me se o convite para directora honorária da revista não será uma coisa ultrapassada. Não me recuso nem me faço rogada. Estou a ver é que, de repente, neste tempo que estamos vivendo, nesta revolução cada vez mais assustadora e prometedora, o que acontece é que um cargo honorário pode dar a impressão de que eu ainda estou imbuída do sentido das honrarias tradicionais».

Sabemos que não está. Só que gostaríamos de aqui salientar as palavras com que a escritora se refere ao actual momento português: «Desta revolução cada vez mais assustadora e prometedora». Quem quiser que escolha o susto, quem quiser, a promessa. Aos 82 anos, Maria Lamas consegue ainda associá-los, colocando a promessa à frente do susto.

Manuela Alves

Nacional

LUANDA EM FESTA

Luanda recebeu festivamente a delegação da Comissão de Conciliação da O. U. A. que esta tarde chegou àquela cidade. Até altas horas da noite, populares mobilizados pelo M. P. L. A. entregaram-se à limpeza e arranjo das ruas e parques públicos, bem como à pintura da fachada de vários edifícios. Simultaneamente, foi convocada uma grandiosa manifestação de apoio ao M. P. L. A. que decorrera no largo do Palácio do Governo quando ali chegarem os elementos da Organização da Unidade Africana.

A missão da O. U. A. é composta por cerca de 60 funcionários sendo chefiada pelo secretário-geral adjunto da organização, embaixador Djoudi. Prevê-se que permaneça em Angola cerca de dez dias dividida em três grupos

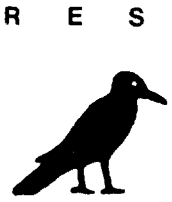
BOM APETITE

AMANHÃ
LULAS À REX
ENTRECOSTO DE PORCO NA BRASA
No restaurante panorâmico do HOTEL REX

RESTAURANTE PANORÂMICO DO
hotel Rex
Rua Castilho, 169
PREÇOS POPULARES

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — TELEF. 790169 — LUMIAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.ªs feiras)

R E S T A U R A N T E
QUINTA DE S. VICENTE



TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO
Encerrado às 2.ªs-feiras a partir das 16 h e 3.ªs-feiras todo o dia

REX
BAR REX
RESTAURANTE BAR
AGORA E ALÉM DOS ALMOÇOS E JANTARES, SERVIÇO DE CEIAS ATÉ ÀS 2 H. DA MANHÃ • AMBIENTE AGRADÁVEL
RESERVAS PELO TELEFONE N.º 36 01 14
CHIADO - LISBOA
RUA NOVA DA TRINDADE N.º 1-B • LISBOA

RESTAURANTE
número 1
RUA DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO, 44-A
TELEFONE 68 43 26 - LISBOA
«STEAK HOUSE»
ABERTO AOS DOMINGOS

Dona Maria
Restaurante - Cervejaria - Bar
AGORA COM NOVO SERVIÇO — MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
REFEIÇÃO ESPECIAL — 66$00 (incluindo vinho e taxas)
— Aceitam-se senhas de almoços —
Encerrado aos Domingos (Excepto para banquetes)
Largo do Regedor, 7-1.º — Telef. 3 49 82 (Junto ao Teatro Nacional)

LEÃO D'OURO
(RENOVADO)
ALMOCE E JANTE NESTE
RESTAURANTE
AR CONDICIONADO
Rua 1.º de Dezembro, n.º 93 — Telef. 326195

CAFÉ PURO CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ

DIZ O P.C.P.

A SITUAÇÃO DO PAÍS AGRAVA-SE

«A viragem de 180 graus à direita que o P.S. e o P.P.D. procuram efectuar na política do Governo está agravando todos os conflitos e aprofundando mais a crise que se pretendia superar» — acusa o P.C.P., num comunicado emitido e posto a circular ontem conforme teve referência que já lhe fizemos. Trata-se de uma tomada de posição pública sobre a situação política, militar e social actual e designadamente a propósito da crise que fundamentalmente a caracteriza. «Os factos estão confirmando, dia a dia, que o P.C.P. tinha razão nas suas análises e advertências. A crise — diz o texto — não pode ser resolvida por uma remodelação direitista dos órgãos superiores do poder político (M.F.A. e Governo) e pela tentativa de uma viragem à direita da política portuguesa. Revelam-se completamente erradas as afirmações do P.P.D., do P.S. e de alguns sectores militares, segundo os quais, uma vez diminuídas radicalmente as posições da esquerda revolucionária, se conseguiria uma rápida estabilização da situação política, económica, militar e social. Os factos estão mostrando precisamente o contrário.»

Segundo o P.C.P., o VI Governo vê a sua acção «comprometida»: por causa da participação do P.P.D. («que representa a reacção») e «pela política direitista que insiste em realizar o P.S.». Mais, «para agravar a situação, contra o acordo nas negociações para a formação do Governo, estão procurando reduzir-se ainda mais as possibilidades de intervenção do P.C.P. na política governamental, alterando secretarias de Estado que lhe deveriam ser atribuídas e procurando diminuir-se o âmbito de acção de outras». E, «em vez de firmes medidas contra a reacção, continuam os saneamentos à esquerda, tanto nas Forças Armadas como em vários ministérios e no aparelho de Estado em geral. Em vez da consolidação das conquistas da Revolução, vê-se ser negada a publicação de decretos do V Governo, que respondem a problemas das massas trabalhadoras, e serem comprometidas, através de decisões de ordem prática, reformas económicas e sociais.». A solução da crise, diz o P.C.P., «exige o firme e imediato combate às forças contra-revolucionárias e não o combate às forças revolucionárias e os saneamentos à esquerda civil e militar». Por isso o P.C.P. sublinha que «a ordem democrática só pode ser assegurada liquidando as actividades contra-revolucionárias»; «a disciplina cívica e social só **pode ser alcançada com uma política revolucionária que corresponda às aspirações e interesses das massas populares»; «a ordem, a autoridade e a disciplina nas Forças Armadas não serão alcançadas por métodos repressivos, mas pela coincidência entre a linha de comando e a confiança dos militares no espírito revolucionário»**.

AUTORIDADE, DISCIPLINA, ORDEM

«Um dos aspectos mais característicos da situação presente é o facto de as forças revolucionárias, a classe operária e as massas populares retomarem a iniciativa e passarem à contra-ofensiva»

diz o P.C.P., para, de seguida, referir três expressões recentes da «luta da classe operária pelos seus direitos»: as greves e as manifestações dos trabalhadores agrícolas do sul, dos metalúrgicos, e as movimentações públicas das populações e dos soldados. «É errado interpretar, como fazem alguns, a grande movimentação de soldados como um factor de caos e anarquia» — considera o P.C.P. — «O amplo e vigoroso movimento dos soldados é uma viva expressão da luta do povo trabalhador e uma afirmação de que, tal como no aparelho civil, a autoridade, a disciplina e a ordem nas Forças Armadas só se podem alcançar retirando reaccionários de postos de comando e reforçando o espírito revolucionário.» Concretizando, o P.C.P. refere «os apelos alarmistas» do P.S. e o encerramento do C.I.C.A.P., apontando para o significado político dos acontecimentos, veladamente, embora. «A crise das Forças Armadas — assevera o texto — resolve-se com as forças revolucionárias e não contra elas. Resolve-se com os oficiais, sargentos e soldados revolucionários e não com o seu saneamento. Resolve-se com o M.F.A. como vanguarda revolucionária das Forças Armadas e não com a sua dissolução ou reconversão direitista.»

UMA PROPOSTA

A gravidade da situação exige que todas as forças empenhadas em que Portugal não regresse ao fascismo, todas as forças empenhadas na defesa das liberdades e das outras conquistas da Revolução façam um decido esforço para encontrarem uma saída da crise que continua a aprofundar-se.» E é na sequência desta constatação que «o P.C.P. insiste na sua proposta de um encontro de representantes das várias tendências do M.F.A., do P.C.P., de outros partidos da esquerda revolucionária e do P.S., para examinarem em conjunto a situação com vista a debaterem os graves problemas da actualidade».

A proposta foi feita pela primeira vez nos últimos dias de Agosto. De acordo com o texto presente do P.C.P., a situação não se alterou senão no sentido de um maior agravamento. O momento actual — diz o P.C.P. — exige a estrita cooperação tendente à unificação das forças revolucionárias, populares e militares.»

MANIFESTAÇÃO «PROVOCATÓRIA E ILEGAL»

Uma nota da Direcção Regional do Norte do P.C.P. considera «provocatória e ilegal» a manifestação que o P.S. acaba de convocar para amanhã sexta-feira, às 19 horas, no Porto. Chamando a atenção para o facto de já, no passado dia 4, os jornais terem anunciado que o Conselho Municipal do Porto convocara uma manifestação para as 19 e 30 da tarde do mesmo dia, no mesmo local, com «objectivos claramente divergentes e inconciliáveis», o P.C.P. refere que o «intento dos dirigentes do P.S. é claramente o de ocupar previamente o local criando condições para graves confrontações de imprevisíveis consequências.»

«O reclame «presença de Mário Soares — diz a nota — faz prever a tentativa de uma manifestação que agregue todas as forças reaccionárias e de direita (do P.P.D. ao E.L.P.) na tentativa de diminuir e contrabater a grandiosidade das sucessivas e múltiplas manifestações populares de 6 e 7 de Outubro.»

Ao governador civil, o socialista dr. Mário Cal Brandão, para não continuar a actuar de forma estritamente partidária, só resta a proibição sem equívocos, da projectada contra manifestação. Não poderá servir de justificação, o facto do governador civil do Porto ser simultaneamente deputado por Aveiro, ausentando-se, (legalmente?), por isso, do Porto, 4 dias úteis em cada semana, e delegando no militante do P.P.D., governador-civil substituto, dr. Fernando Cabral.»

«Nenhuma provocação da direita pode esconder o novo fluxo revolucionário que constitui uma magnífica resposta do Povo Português às forças reaccionárias e conservadoras às tentativas de uma viragem à direita».

DIZ A INTER

"NÃO" ÀS AMBIGUIDADES SOCIAIS-DEMOCRATAS

Relativamente à actual situação político-militar no País, o Secretariado da Intersindical Nacional emitiu um comunicado em que começa por afirmar que a crise reinante, «longe de ser superada com a tomada de posse do VI Governo Provisório e com as transformações verificadas no C. R. tende a agravar-se, pois a nova composição dos órgãos do poder civil e militar não correspondem à dinâmica das massas populares, nem ao sentido inequivocamente socialista da Revolução».

Refere-se em seguida aos «recentes atentados contra as unidades militares progressistas, o recrudescimento da repressão, o afastamento e saneamento de militares que têm lutado (...) pelo avanço da Revolução» e a outras medidas repressivas, como as exercidas sobre os deficientes das Forças Armadas e sobre a população do Porto, o boicote às medidas legislativas do V Governo Provisório, a censura dos emissores de Rádio e Televisão, o boicote às relações económicas com os países socialistas» que considera alguns dos exemplos de viragem à direita.

Denuncia mais adiante «o papel reaccionário do P. P. D. (...) que tem servido os interesses da contra-revolução e do imperialismo». Concretamente, cita a manifestação organizada no passado dia 8, no Porto, «em defesa dos saneamentos à esquerda e do desmantelamento do C. I. C. A. P.», a qual, segundo o comunicado, «veio provar que o P. P. D. como partido contra-revolucionário não pode estar no Governo».

A propósito sublinha:

«As suas acções tendentes a criar um clima propício à divisão entre as Forças Armadas e entre estas e o povo trabalhador e a criar confrontos entre estas componentes fundamentais do processo revolucionário merecem da Intersindical Nacional o mais vivo repúdio. Que as massas trabalhadoras, os soldados, os marinheiros, os sargentos e oficiais revolucionários não podem permitir que por muito mais tempo e em nome de arruaceiros fascistas, e reaccionários, o povo português seja insultado diariamente pelas acções de banditismo que esses senhores organizam.

O povo trabalhador não quer a guerra civil, mas não permitirá mais provocações contra as forças revolucionárias civis e militares.»

O Secretariado da Intersindical Nacional afirma ainda que: «não aceita nem nunca aceitará as ambiguidades sociais-democratas, historicamente traidoras da classe operária e de todos os trabalhadores»; «esta na firme disposição de avançar na sua tarefa de desmascaramento das mentiras dos opressores das massas trabalhadoras, ao mesmo tempo que denunciará e combaterá qualquer tentativa de pôr em causa as conquistas já alcançadas».

Termina o comunicado da Intersindical apelando «a todos os trabalhadores e aos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, para cada vez mais estreitarem a sua unidade em defesa da Revolução contra o fascismo e as forças da direita».

ÁDÓQUE grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas
A C.I.A. DOS CARDEAIS
UMA BARRIGADA DE RISO!
UMA GRANDE REVISTA POPULAR!
(Não ac. men. 18 anos)

Nacional

APOIO À P.M.

"Não dispararemos jamais sobre o povo"

«Em todo o país os trabalhadores estão na rua ao lado dos soldados e marinheiros, constituindo uma força imparável à qual ninguém se pode opor», disse o major Campos Andrade, 2.º Comandante do R.P.M. dirigindo-se a várias centenas de manifestantes que ontem demonstraram o seu apoio àquela unidade e às atitudes progressistas que vem assumindo.

«Nos quartéis, os soldados vão tendo, embora pouca, alguma organização, sendo alvo de ataques de quem pretende impedir, mesmo assim, essa organização. Porquê? Porque esta organização é a única forma de conduzir à conquista do poder por aqueles que têm força efectiva para dirigir o país», afirmou também o major Campos Andrade.

A MANIFESTAÇÃO

A concentração dos manifestantes, prevista para as 19 horas, na Avenida de Ceuta, englobaria as convocatórias da Comissão de Moradores de Alcântara, zona 1, e a Comissão de Trabalhadores da Tinturaria Portugália, as quais, tendo convocado demonstrações para a mesma hora e com idênticos objectivos, haviam concordado, inicialmente, em realizar uma única manifestação. Divergências de última hora fizeram, contudo, com que os manifestantes convocados pela comissão de moradores não se integrassem no desfile até ao R.P.M., mantendo-se concentrados na Avenida de Ceuta.

Assim, enquanto várias centenas de manifestantes desfilaram até ao R.P.M., na Ave. de Ceuta a comissão demoradores de Alcântara aprovava uma moção na qual expunha a sua determinação de convocar nova demonstração de apoio à Polícia Militar, a qual se deverá realizar no próximo dia 16.

VI GOVERNO NÃO

Frente ao R.P.M., os populares concentrados lançavam palavras de ordem tais como «VI Governo não, Governo revolucionário sim», e «P.M. sim, A.M.I. não», interrompendo frequentemente os oradores.

Em nome dos trabalhadores da Tinturaria Portugália, uma operária atacou, vigorosamente, as forças de direita que, aliadas à social-democracia, pretendem destruir as conquistas já alcançadas pelos trabalhadores e aludia ao Conselho da Revolução como sendo «um autêntico conselho da contra-revolução».

Pelos militares, dirigiu-se aos manifestantes o 2.º comandante da P.M., major Campos Andrade, que, agradecendo a sua presença como forte incentivo a todos os militares do seu regimento, acrescentaria: «Os trabalhadores do nosso país têm vindo a desenvolver importantes lutas. São eles que fazem a revolução face às manobras do capital». E mais adiante: «Os militares da P.M. sentem-se solidários com os operários, camponeses e trabalhadores em geral e apoiá-los-ão sempre na sua luta por aquilo que consideram um seu direito inalienável.»

Destacando que, embora se possa constar que é possível dividir os trabalhadores, «isso vai durar pouco tempo», o major Campos Andrade denunciou ainda o facto de, através do aparelho de Estado, se tentar impedir a organização popular para «perpetuar a direcção pelos que não servem os interesses dos trabalhadores». «Para isso, disse, acusam-se as unidades onde principia a organização dos soldados, de indisciplina; acusam essas unidades de esquemas que são os da reacção. Acusam-nos, inclusive de roubarmos armas. Nós dizemos: o R.P.M. tem armas para os seus soldados e para, quando o povo for atacado, o defender ao lado dos trabalhadores organizados».

Um soldado do regimento, usando em seguida da palavra, frisaria ainda que «não dispararemos jamais sobre o povo ou sobre os nossos irmãos. Mas não hesitaremos jamais em atirar a matar sobre a burguesia. Estaremos sempre ao lado do povo, do verdadeiro povo, no caminho da revolução».

Deficientes das F.A.

O POVO POR JUIZ

Os deficientes das Forças Armadas, reunidos ontem em conferência de Imprensa no Palácio da Independência, afirmaram que «a definição de deficiente fornecida pelo M.C.S. no seu comunicado é apenas uma forma de ir buscar à gaveta o projecto de Marcelo Caetano, apenas com uma pequena adenda no que diz respeito ao risco específico equiparável em campanha».

Foi dirigido um convite ao Governo e ao C.R. para um encontro numa mesa-redonda televisiva com representantes dos deficientes de forma a que o povo possa julgar de que lado está a razão. Igualmente os deficientes manifestaram o seu desagrado perante a entrega do seu caso feita pelas cúpulas das F. A. ao Governo.

Em relação aos boatos espalhados após os incidentes em S. Bento e Belém, segundo os quais o lugar dos deficientes teria sido ocupado por intrusos, foi afirmado: «Foram deficientes que ocuparam a rua depois de decisões tomadas em plenário e as próteses que deixámos junto do quartel são nossas».

Quanto à tentativa de isolamento por parte do Governo, os deficientes lembraram que têm o apoio inequívoco das Unidades, dos soldados, sargentos e oficiais revolucionários, «embora não aconteça o mesmo com as cúpulas. «Por outro lado», é infeliz a comparação das pensões dos deficientes com as de outros trabalhadores sinistrados, uma vez que os termos da comparação deviam ser a pensão de Kaulza de Arriaga e a dos soldados».

Os deficientes afirmaram ainda que a aprovação da verba de quatro milhões pelo Conselho de Ministros em relação aos retornados (constitui uma manobra para virar deficientes contra retornados.»

A grande linha Guerlain, **para a beleza da mulher, apresenta: «Emulsion d'Ambroisie», «Supernourrissante», «Créme pour le Cou», «Gelée Nettoyage», «Lotion Aromatique»; todos os dias, limpar, tonificar, proteger e nutrir. Este é o programa** Guerlain **que prolonga o aspecto jovem e saudável**

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

Os trabalhadores, desta Indústria, vêm dar conhecimento público de que, nos termos legais, o horário de trabalho desta Indústria passa a ser o abaixo indicado, a partir do próximo dia 13.

Dado que, a conquista desse horário, constitui uma vitória para a nossa classe, e indirectamente, para os trabalhadores em geral, vimos pedir a boa compreensão do público, muito embora alguns transtornos momentâneos, aceitem de bom agrado esta nova situação, na certeza de que representa o querer desta classe, que durante tantos anos por ela lutou e finalmente, em clima revolucionário virado para o interesse dos trabalhadores se conseguiu.

A RESPECTIVA ALTERAÇÃO

SECÇÃO DE FABRICO

De 2.ª a 6.ª feira

ENTRADA DO AMASSADOR	05.00 horas
RESTANTE PESSOAL	05.30 »

SÁBADO

ENTRADA DO AMASSADOR	21.30 »
RESTANTE PESSOAL	22.00 »

SECÇÃO DE VENDA

De 2.ª a 6.ª feira

ENTRADA	08.00 h saída às 13.00 horas
ENTRADA	16.30 » » » 19.00 »

SÁBADO

ENTRADA	07.00 » » » 13.30 »

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS MÉDICOS

COMUNICADO AO POVO PORTUGUÊS E AOS TRABALHADORES DA SAÚDE

Com a maior indignação, tomaram conhecimento as Direcções dos Sindicatos dos Enfermeiros e dos Médicos da Zona Sul que o actual Secretário de Estado da Saúde (VI Governo Provisório) ordenou o afastamento do Director-Geral dos Hospitais, Dr. Artur do Céu Coutinho, que foi Secretário de Estado da Saúde no V Governo Provisório, e do Inspector Superior da Acção Hospitalar, Dr. João Alves Falcato.

Estes dois médicos, conhecidos desde há longos anos pelas suas posições progressistas e já perseguidos no tempo do regime fascista, defenderam sempre intransigentemente uma política de saúde ao serviço do povo, a qual se empenharam em levar à prática no exercício das suas funções, conforme o atestam as acções por eles desenvolvidas.

A sua nomeação para estes cargos mereceu todo o apoio e confiança destes Sindicatos, confiança esta que a sua actividade confirmou.

O afastamento que denunciamos faz parte, com toda a evidência, da ofensiva da reacção visando o assalto a todos os escalões do poder. Com isto, o actual Secretário de Estado da Saúde, conhecido membro do PPD, mostra que a sua maior preocupação é, neste momento, não a solução dos gravíssimos problemas médico-sanitários que afectam a população em geral e daqueles que dizem respeito aos trabalhadores da saúde, mas o saneamento à esquerda no seu departamento, onde nunca foi conseguido o saneamento à direita.

As Direcções destes Sindicatos responsabilizam desde já o VI Governo Provisório, e o Secretário de Estado da Saúde em especial, pelas consequências que advirão destes afastamentos para a efectivação das medidas inovadoras e progressistas que vinham sendo desenvolvidas na política da saúde pela Direcção-Geral dos Hospitais.

Por tudo isto, estas Direcções tomarão as medidas e desencadearão todas as formas de luta para que também esta ofensiva reaccionária e contra-revolucionária seja derrotada.

Lisboa, 9 de Outubro de 1975.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

SINDICATO DOS MÉDICOS DA ZONA SUL

almoce ou jante JUNTO AO MAR TAMARIZ

RESTAURANTE E SNACK BAR A PREÇOS NORMAIS

TELEF. 261665 ESTORIL

Nacional

"NÃO PACTUO COM A SOCIAL-DEMOCRACIA" — diz o governador-civil de Faro

«Não pactuo, como nunca pactuei, com a social-democracia. Será através das organizações populares de base que poderemos construir um verdadeiro socialismo em Portugal» — disse o dr. Ramires Ferro, governador civil de Faro, aos milhares de manifestantes que ontem se movimentaram naquela cidade algarvia, numa jornada orientada por dois **slogans** principais: «Contra os ataques reaccionários aos órgãos de poder popular» e «Contra os saneamentos à esquerda». Outro **slogan** ainda: «Por um governador civil que apoia o desenvolvimento do poder popular». A manifestação era uma afirmação de apoio ao dr. Ramires Ferro, ultimamente muito contestado pelo Partido Socialista. A iniciativa da manifestação pertenceu à Frente Unida Revolucionária e ao Partido Comunista Português.

«Que fique bem expresso que os revolucionários não estão agarrados a lugares, os revolucionários não defendem lugares, os revolucionários defendem a Revolução» — disse o governador civil de Faro, da varanda do edifício do Governo Civil.

Antes, falara José Manuel Raimundo, do M.E.S.: «Numa altura em que no Algarve já se faz propaganda do M.D.L.P. de Spínola e C.ª Lda., a Direcção Regional do P.S. aponta as suas baterias não para o combate aos fascistas mas para sanear o governador civil e atacar o poder popular» — disse — «Perante isto a tarefa que se põe aos revolucionários é a de empenhar todos os seus esforços na consolidação da unidade revolucionária e avançar na organização do poder popular de modo a travar a escalada social-democrata e impedir o retorno do odioso regime fascista que objectivamente a direcção do P.S. favorece, e preparar-se para a tomada de poder instaurando uma sociedade sem exploradores nem explorados».

MANIFESTAÇÃO DE APOIO AOS MARINHEIROS DO ALFEITE

Promovida pelas comissões de moradores de Pombal, Barroca, Bairro, Pão de Açúcar e Zona Centro da Cova da Piedade (concelho de Almada) realiza-se hoje uma manifestação de apoio à força de fuzileiros e da Marinha estacionada no Alfeite.

A manifestação começa com uma concentração no Laranjeiro às 19 e 30.

HOJE, NO PORTO

Ainda para hoje, o Conselho Municipal do Porto, anuncia uma manifestação nesta cidade. A manifestação começa com uma concentração na Praça da Liberdade às 19 e 30. Pretende-se «que seja uma demonstração inequívoca da vontade do povo do Porto de defender as suas conquistas democráticas, em particular a existência do Conselho Municipal e de ter à frente da Câmara elementos revolucionários que gozem da confiança das estruturas populares e que seja também uma demonstração inequívoca de que o povo do Porto quer construir um País socialista e diz não a todas as tentativas de fazer voltar para trás a Revolução» — lê-se numa folha volante que tem andado a circular.

A propósito do local da concentração inicial, a Praça da Liberdade: era para ser na Praça Humberto Delgado. Posteriormente, porém, o P.S. marcou uma manifestação para aqui e para a mesma hora. O Conselho Municipal do Porto decidiu «não responder a provocações» e convoca os aderentes à sua manifestação para se concentrarem no outro local.

SOCIEDADE SULGINA, S.A.R.L.

Certifico que, por escritura de 4 de Julho de 1975, lavrada de fl. 2 v.º a fl. 7 v.º do livro n.º 24-H de notas do 8.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado em Direito Eduardo António Correia de Azevedo, foram remodelados totalmente os estatutos da Sociedade Sulgina, S.A.R.L., com sede em Lisboa, na Avenida de Fontes Pereira de Melo, 30, 7.º, que nassarám a ser os constantes dos artigos seguintes:

CAPÍTULO I

Denominação, sede, objecto e duração

Artigo 1.º — A sociedade anónima de responsabilidade limitada, com a denominação de Sociedade Sulgina., S.A.R.L., fundada em 1922, por escritura de 7 de Julho, outorgada nas notas do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, então com a denominação de Sociedade de Floricultura Sulgina, S.A.R.L., posteriormente alterada nará aquela denominação por escritura de 21 de Maio de 1931, também outorgada no 12.º Cartório Notarial de Lisboa, e com a subsequente alteracão constante da escritura de 7 de Novembro de 1931, do mesmo Cartório Notarial de Lisboa, continua a sua existência jurídica, ao presente regida por estes estatutos.

Artigo 2.º — A sociedade mantém a sua sede em Lisboa e o domicílio na Avenida de Fontes Pereira de Melo, 30, 7.º

§ único. O conselho de administracão, de acordo com o conselho fiscal, poderá mudar a sede social e criar novas sucursais, agências e outras formas de representacão social, onde e como julgar conveniente.

Artigo 3.º — A sociedade tem por objecto a compra de propriedades, edificacão de imóveis, bem como a construcão de obras acessórias ou complementares dos mesmos, a venda de propriedades adquiridas ou construídas, actividades industriais e comerciais relativas à utilizacão de imóveis de sua propriedade, podendo exercer qualquer outra actividade que por deliberacão da assembleia geral resolva explorar e lhe seja permitida por lei.

Artigo 4.º — A duracão da sociedade é por tempo indeterminado.

CAPÍTULO II

Capital social, acções e obrigações

Artigo 5.º — O capital social é de 200 000$, dividido em 2000 acções do valor nominal de 100$ cada uma, e está integralmente subscrito e realizado, em dinheiro.

Artigo 6.º — O conselho de Administracão, mediante parecer favorável do conselho fiscal, fica autorizado a elevar o capital social, por uma ou mais vezes, até à quantia de 100 000 000$, na oportunidade, montante, modalidade e condições que fixar para cada caso.

§ único. O aumento ou aumentos de capital poderão realizar-se quer por incorporação de reservas, quer por subscricão em numerário.

Artigo 7.º — Os accionistas terão preferência na subscrição de novas acções, na proporção das que já possuirem, salvo se pela própria natureza da operação a que se destinam as emissões elas haiam de ser colocadas de outro modo.

Artigo 8.º — Poderá haver títulos de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 acções, as quais poderão ser nominativas ou ao portador, sempre reciprocamente convertíveis à opção e à custa dos respectivos possuidores, quando tal conversão não for contrariada por lei ou pelos estatutos.

§ 1.º Os títulos, quer nominativos, quer ao portador, são transmissíveis nos termos de direito.

§ 2.º Os títulos definitivos ou provisórios, representativos das acções, conterão as assinaturas de dois administradores, uma das quais pode ser aposta de chancela.

Artigo 9.º — A sociedade poderá adquirir e alienar acções próprias e fazer com elas todas as operações que forem úteis aos interesses da sociedade.

§ único. No caso de alienacão de acções próprias, terão preferência os accionistas, nos termos previstos no artigo 7.º.

Artigo 10.º — Mediante autorização da assembleia geral, a sociedade poderá emitir obrigações, nos termos das disposições legais aplicáveis.

CAPÍTULO III

Assembleia geral, administração e fiscalização

Assembleia geral

Artigo 11.º — A assembleia geral, ordinária ou extraordinária, será constituída pelos accionistas possuidores de, pelo menos, 10 acções, nominativas ou ao portador, contanto que umas e outras já se achem averbadas nos respectivos registos ou depositadas nos cofres da sociedade ou em estabelecimento bancário com uma antecedência não inferior a oito dias da data marcada em primeira convocação.

§ 1.º. Os accionistas poderão fazer-se representar por procuracão ou simples carta mandadeira, mas sempre conferida a outro accionista que também faca parte da assembleia geral, não podendo cada mandatário representar mais de três mandantes.

§ 2.º. As procurações e cartas mandadeiras serão entregues na sede da sociedade pelo menos quarenta e oito horas antes da reunião, sendo o presidente da mesa a única entidade competente para resolver qualquer dúvida.

§ 3.º. As assembleias poderão ser convocadas para reunir na sede ou em qualquer outro local.

Artigo 12.º — A mesa da assembleia geral é composta por um presidente e dois secretários, eleitos trienalmente, com possibilidade de reeleicão, de entre os accionistas que não facam parte dos conselhos de administração e fiscal.

Artigo 13.º — A assembleia geral, tanto ordinária como extraordinária, considera-se validamente constituída sempre que estejam presentes ou representados dez ou mais accionistas cujas acções correspondem, pelo menos, à quinta parte do capital social.

§ 1.º. Exceptuam-se as deliberacões sobre a dissolucão e alteracão do pacto social, para as quais é necessário um número de votos que representem, pelo menos, três quartas partes do capital com direito a voto.

§ 2.º. Não podendo reunir na primeira convocação, seja qual for o seu objecto, a assembleia geral será novamente convocada para ter lugar dentro de trinta dias, mas não antes de quinze, resolvendo-se então com o número de accionistas presentes ou representados.

Artigo 14.º — A convocacão far-se-á por anúncios pela forma designada na lei com antecedência, pelo menos, de quinze dias completos.

Artigo 15.º — Os accionistas com direito a fazer parte da assembleia geral terão um voto por cada 10 acções que possuírem.

§ 1.º As deliberacões serão tomadas pela maioria de votos.

§ 2.º As votacões (com excepcão das eleições, que são por escrutínio secreto) serão feitas pelo modo designado pelo presidente da mesa da assembleia geral, mas qualquer accionista pode requerer que as votacões sejam feitas por outro modo.

Artigo 16.º — No caso de empate em eleições decidir-se-á pelo voto do accionista que possuir maior número de acções; havendo accionistas com número igual de acções, será a decisão tomada pelo accionista de entre estes que for mais antigo; se ainda assim se verificar igualdade, decidir-se-á pela sorte.

Administração

Artigo 17.º — A sociedade será gerida por um conselho de administracão, composto de três ou cinco accionistas, pessoas singulares ou colectivas, eleitos trienalmente pela assembleia geral e sempre reelegíveis.

§ 1.º Os administradores eleitos escolherão entre si um presidente.

§ 2.º O conselho de administracão reunirá ordinariamente uma vez por mês.

Artigo 18.º — Cada administrador, para exercer as suas funcões, deverá depositar 10 acções nos cofres da sociedade, a fim de servirem de caucão do seu cargo.

Artigo 19.º — À administracão competem os mais amplos poderes de gerência e representação da sociedade, activa e passivamente, em juízo e fora dele, podendo ainda contratar empréstimos, com ou sem garantia real, transigir e confessar em acções em que a sociedade seja parte ou desistir e comprometer-se em árbitros.

§ 1.º A sociedade fica obrigada pela assinatura de dois dos seus administradores.

§ 2.º Para actos de expediente ordinário é suficiente a assinatura de um só administrador.

Fiscalização

Artigo 20.º — A fiscalizacão dos actos da administracão incumbe a um conselho fiscal, constituído por três membros efectivos e um suplente accionistas ou não.

§ 1.º Os membros do conselho fiscal, efectivos e suplente, são eleitos por três anos, com possibilidade de reeleicão, pela assembleia geral, que indicará entre eles o presidente.

§ 2.º A substituicão dos membros do conselho fiscal, por impedimento temporário ou cessação de funcões de um dos membros efectivos, processa-se nos termos da lei.

Artigo 21.º — O conselho fiscal terá as atribuições determinadas na lei e reunirá ordinariamente em todos os trimestres e extraordinariamente sempre que o entenda necessário ou seja convocado pela administração.

Artigo 22.º — As remunerações dos membros dos conselhos de administracão e fiscal serão fixadas por uma comissão composta por três membros, eleitos pela assembleia geral.

CAPÍTULO IV

Lucros, reservas e exercícios sociais

Artigo 23.º — Os lucros líquidos anuais, depois de retirados, pelo menos, 5 % para o fundo de reserva legal, enquanto não estiver realizado em 50 % do capital ou sempre que for preciso preciso reintegrá-lo, serão distribuídos como for deliberado pela assembleia geral ordinária, a qual poderá, mediante proposta da administracão, constituir fundos de reserva especiais para quaisquer fins de interesse social.

Artigo 24.º — O ano social será o ano civil.

CAPÍTULO V

Artigo 25.º — Será da competência exclusiva da assembleia geral que se ocupar da dissolucão e liquidacão da sociedade regular o modo pelo qual se deverá proceder, de harmonia com a legislação em vigor.

Está conforme com o original, não havendo na parte omitida da dita escritura nada em contrário ou além do que aqui se reproduz.

8.º Cartório Notarial de Lisboa, 14 de Julho de 1975.

O Segundo-Ajudante
Edmundo Edilberto Ramalho

CARNE E LEITE: CRISE À VISTA?

MANIETADA A ACÇÃO DA J.N.P.P. — afirmam os trabalhadores

A quem aproveitam os protelamentos, as demoras, o guardar nas gavetas instrumentos legais elaborados com vista a salvaguardar os legítimos interesses de pequenos e médios agricultores?

Quem quer aumentar o justo descontentamento daqueles que trabalham a terra? Quem não vê, ou não quer ver, ou quem quer mui fagueiramente atirar os descontentes para os braços da reacção?

Na nossa edição de sábado passado demos conta das ameaças que se adensam sobre o abastecimento de carne e leite. Por um lado, o regulamento em devido tempo elaborado pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários visando a defesa de pequenos e médios produtores continua nas gavetas ministeriais. Por outro, as portarias reguladoras da concessão de subsídios aos pequenos e médios produtores de leite não têm passado de letra morta. Ronda os 150 mil contos a dívida do Fundo de Abastecimento à J. N. P. P., organismo coordenador que se viu já obrigado a comunicar às organizações da Lavoura a impossibilidade de continuar a pagar dos seus próprios fundos os subsídios.

O agravamento desta situação levou a que os trabalhadores da J. N. P. P. reunidos em plenário, decidissem expor públicamente as suas apreensões, «dado o risco de falta de operacionalidade em que a Junta incorre por não lhe serem facultados os meios financeiros necessários ao cumprimento das intervenções económicas a que está obrigado por directrizes do próprio Governo, como pela não definição até agora das políticas de apoio à pequena e média lavoura que lhe incumbe pôr em prática em defesa da Revolução.»

Concretamente, os trabalhadores da J. N. P. P. citam na sua moção as já referidas dificuldades para abate, «com reflexos cujo alcance se vislumbra altamente nefasto para a produção que, perdendo o estímulo, depressa se deixa avassalar pelo espírito de desistência, e para o normal abastecimento do País em dois géneros de primeira necessidade. E citam ainda, como elemento decisivo no avolumar do Regulamento de Comercialização do gado bovino para abate, documento a que de início nos referimos e que constitui peça importante na demarcação da «linha de rumo para providências instantes em prol da Reforma Agrária, dos lavradores mais necessitados e do operariado rural».

PRESIDÊNCIA DA J N P P

A moção dos trabalhadores da J. N. P. P. que temos presente, depois de reiterar que «as responsabilidades advenientes da imobilização das suas funções de intervenção no mercado não lhe poderão ser imputadas, quaisquer que sejam as repercussões quer no abastecimento público, quer no apoio de que a pequena e média produção tanto carecem», solidariza-se com a actual presidência da Junta, «por reconhecer que tem agido em defesa dos interesses superiores da Revolução, entre os quais avulta prioritariamente a protecção devida às classes mais desfavorecidas quer da produção quer do consumo.» Por outro lado, os trabalhadores da J. N. P. P. exigem do Governo Provisório que a crítica situação daquele organismo seja encarada efectivamente e que sejam adoptadas «desde já, as medidas pertinentes à resolução dos problemas enunciados, especificamente quanto à dotação financeira indispensável e às linhas programáticas propostas no Regulamento que continua a aguardar aprovação».

COOPERATIVA DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

O gesto de solidariedade dos trabalhadores da J.N.P.P. para com a actual presidência, segundo se infere da moção, é resultante de um conjunto de acções visando desacreditar a Junta, acções que os trabalhadores consideram como estando integradas numa campanha orquestrada por indivíduos e forças até aqui privilegiadas e que agora se entendem lesadas. Deste modo, «consideram indignadamente de repudiar a campanha insidiosa que a Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis desencadeou e vem alimentando na Imprensa, assinalando faltas destituídas de fundamento e denunciando deficiências que, se as há, não cabem à J.N.P.P.». Por outro lado, os trabalhadores da Junta congratulam-se com o gesto de solidariedade «tomado significativamente por grande número de organizações cooperativas de pequenos produtores do Norte, em contraste com a atitude caluniosa e provocatória da Cooperativa de Oliveira de Azeméis».

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

ACÇÃO MÉDICO-SOCIAL

A Comissão Administrativa sente-se na obrigação de comunicar a todos os beneficiários que, os trabalhadores da Acção Médico-Social deliberaram, em Plenário, encerrar todos os serviços aos sábados, incluindo Postos Clínicos.

Dado que esta decisão contraria o estabelecido pelo Governo sobre o assunto, foi dela dado conhecimento à Secretaria de Estado da Saúde.

Lisboa, 9/X/75

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DA A. M. S.

SEGUNDA-FEIRA HÁ MANIF

A Comissão Dinamizadora da Assembleia Popular do Lumiar vai promover a realização de uma manifestação com o objectivo de reclamar à Câmara Municipal de Lisboa e ao Ministério da Administração Interna, a participação dos órgãos de poder popular na gestão do município de Lisboa.

A manifestação terá lugar na próxima segunda-feira, com concentração marcada para o largo fronteiro à Câmara, às 15 horas, de onde seguirá um cortejo para o Ministério da Administração Interna.

Num comunicado que nos foi enviado, através do G. D. U. da Escola Prática de Administração Militar (E. P. A. M.), a C. D. P. A. P. do Lumiar considera esta manifestação necessária devido à actual situação política do País e às afirmações do presidente da Comissão Administrativa da Câmara, que, nas comemorações do 5 de Outubro, afirmou querer entregar a Câmara aos órgãos de poder popular, através, nomeadamente da constituição do Conselho Municipal de Lisboa.

Para preparação da referida manifestação realizar-se-á no próximo sábado às 15 horas, uma reunião na E. P. A. M. para a qual são convocadas as comissões de moradores e trabalhadores bem como outros órgãos de poder popular de Lisboa.

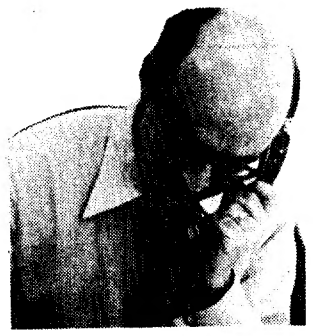
Necrologia

CANDIDA FERREIRA GOMES GONÇALVES

Faleceu a sr.ª D. Cândida Ferreira Gomes Gonçalves, de 75 anos, de Lisboa, viúva de António dos Santos Gonçalves. Era mãe das sr.as D. Rosa Gomes Gonçalves Henrique, D. Rosalina Gomes Gonçalves Laranjo Gomes e D. Natalina Gomes Gonçalves Costa; sogra dos srs. Carlos Henrique, Henrique Augusto Laranjo Gomes e Jorge Afonso Costa, avó do sr. António José Gonçalves Henrique e dos meninos António Henrique Gonçalves Laranjo Gomes e Ana Paula Gonçalves Costa; e irmã dos srs. Carlos Gomes e Ester Gomes.

O funeral sai amanhã, às 10 e 30, da igreja de S. Mamede, para cemitério a designar. Será celebrada missa de corpo presente.

Nacional



O repórter de serviço

PEDRO ALVIM

O CUBO

O Outono não esmoreceu o nosso ânimo.

O nosso ânimo, o ânimo do Povo Português. É impossível esquecer a Primavera da Revolução — e há um nome, que forças obscuras afastaram de nós, que se mantém presente como um pilar. Em todas as manifestações progressistas esse nome é gritado, disparado alto e bom som.

Não. Não vamos escrever aqui esse nome. Tão certo ele é, tão exacto, tão sincero, que todos nós o sabemos pronunciar. Esse nome existe dentro de nós, é um objecto, nada há a tirar-lhe nem a por-lhe. Completo, enfim, como um cubo.

E porque é assim, porque não queremos trair, trair todo um povo, temos de agarrar esse cubo, toda essa integridade que vai da cabeça aos pés, e apresentá-la como suprema razão. Como Revolução que é, movimento que tudo engloba e tudo coloca no seu devido lugar.

Mas sem aquele temor, aquela hesitação, que nos levam a esquecer um programa político e fatalmente nos conduzem para a comodidade da nossa cadeira, do nosso lençol, do contacto suave da lâmina na barba...

«Mas que aspecto tão fresco você tem hoje» — saudar-nos-á a voz da burguesia, num tom conivente, doce, bem vestido.

Essas são as palavras mansas que devemos rejeitar. Interessa é estarmos sempre com o cubo, objecto perfeito, indestrutível, que se impõe no espaço como farol para toda a comunidade.

Dizia o operário, com um paralelepipedo na mão, a cumprir o trabalho da sua vida:

. «Isto sim. Isto é que é a arma». — E sorria, e era o Outono, véspera do Inverno que muitas vezes é um autêntico general... E o «General Inverno» (sabêmo-lo nós ao longo das estepes da nossa vida) sabe sempre triunfar no país ocupado. É um cubo inamovível — a arma, enfim, que o operário tinha na mão e cujo nome existe no mais íntimo de nós todos.

CONSELHO DE MINISTROS

NOVA ADMINISTRAÇÃO PARA O BANCO DE PORTUGAL

Ontem reunido no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros nomenou seis elementos para o Conselho de Administração do Banco de Portugal. Para governador, foi nomeado o antigo ministros das Finanças, dr. Silva Lopes. Os drs. António Seixas Leal da Costa e Emílio Rui Vilar (antigo ministro da Economia) foram nomeados vice-governadores. Igualmente por nomeação, quatro administradores: os drs. Joaquim Mestre, Walter Marques, António Loureiro Borges e Alberto José dos Santos Ramalheira.

Entre outras medidas que a reunião dos ministros aprovou, pode destacar-se a aprovação de um diploma que regulariza a situação do pessoal da telescola, outro que estrutura a secretaria de Estado dos Retornados, e de outro ainda que estabelece regras inovadoras no âmbito da intervenção do Estado nas empresas. Foi ainda decidido alargar o crédito agrícola a pequenas e médias empresas agrícolas, intervir no Colégio Brotero suspendendo os administradores em exercício e nomeando administrador o eng. Artur Pimenta Alves. Mais duas medidas no âmbito das finanças: «em ordem a fazer participar o sistema financeiro nacional no desenvolvimento dos investimentos públicos — citamos o comunicado final — foi autorizada a emissão de um empréstimo interno amortizável, determinado «Obrigações do Tesouro, 7,5 por cento, a 1975, 2.ª emissão, Planos de Investimentos Públicos» até importância total nominal de 5 milhões de contos, cujo produto se destina ao financiamento de investimentos públicos»; e «foi criado um fundo especial, que o Fundo de Habitação estruturará e administrará, destinado à cobertura financeira de projectos a lançar ao abrigo de contrato de empréstimo de treze milhões duzentos e cinquenta mil dólares americanos celebrados em 30-6-75, entre o Governo de Portugal e o Governo dos Estados Unidos da América.»

A mesa que presidiu à conferência, vendo-se Fernando Rosas no uso da palavra.

CONFERÊNCIA DO M.R.P.P.

A LUTA DAS LINHAS

Numa semana carregada de acontecimentos para o M. R. P. P., realizou-se ontem à tarde, na sua sede, uma conferência de Imprensa. A linha negra encabeçada pelo «renegado Sanches» de que os jornais já há muito vinham falando e Arnaldo de Matos denunciou vigorosamente numa comunicação de 11 de Setembro (Apelo à Esquerda e ainda o Informe de Jales), a morte de Alexandrino Sousa, director do jornal da F. E. M. L., enquanto colava cartazes na madrugada de ontem no Terreiro do Paço, e as comemorações do 3.º aniversário do assassinato do estudante Ribeiro Santos, morto pela P. I. D. E. e militante do M. R. P. P. a título póstumo, foram a substância de uma hora de encontro entre Fernando Rosas, membro do Comité Central do M. R. P. P. e director do «Luta Popular», e representantes de órgãos da Informação.

Entretanto, já terminada a conferência foi anunciado que o corpo de Alexandrino Sousa ficará em câmara-ardente na sede principal do M. R. P. P. seguindo hoje às 17 horas o préstito para o cemitério da Ajuda.

Socorrendo-nos das palavras de Fernando Rosas, o 12 de Outubro ganha «um significado muito grande» com a morte por afogamento de «António» a marcar a madrugada de ontem. «Todas as comemorações do 12 de Outubro foram jornadas de luta», recorda.

Além do comunicado e do relato dos incidentes amplamente divulgados pelos órgãos da comunicação social, o director do «Luta Popular» viria fornecer novos pormenores da morte de Alexandrino Sousa. Seguindo a linha de relato de Fernando Rosas, a madrugada do Terreiro do Paço teria começado por uma intimidação de elementos identificados como do O. R. P. C./U. D. P. a militantes do M. R. P. P. para que arrancassem os cartazes que entretanto tinham colado e depois abandonassem o local. Para tanto tinham 15 minutos. Retirando à narrativa de Fernando Rosas os adjectivos qualificativos, continuemos: os militantes do M. R. P. P. (três rapazes e três raparigas) recusaram-se a arrancar os cartazes. Foram manietados um a um. E um a um ao rio foram lançados. Alexandrino Sousa, primeiramente, foi esmurrado. «Até ao último momento demonstrou coragem», realçou o relator. Então deitaram-no ao rio. Alexandrino Sousa não sabia nadar. Um popular lançou-se à água e socorreu os outros dois. Mais tarde uma carrinha com os elementos identificados como do O. R. P. C./U. D. P. regressaria ao local. Um «chauffeur» de taxi reconheceu-os forçando a sua prisão. Estão no Governo Civil.

«Mas nós não contamos que o aparelho judicial e policial que matou Ribeiro Santos, faça agora justiça», afirmou Fernando Rosas. «Este assunto diz respeito ao povo, às massas. Nem sequer diz exclusivamente respeito ao Partido», concluiu.

Serão postas em prática «as medidas que o caso requer».

O problema das linhas («luta de classes no interior do Partido») vinha já desde a criação do Movimento e desenrolara-se em quatro fases.

A primeira fase da luta centrou-se na questão de saber se teria havido ou não um Partido Comunista em Portugal; a segunda luta travar-se-ia a respeito da questão em saber que partido fundar. Com o 25 de Abril a chamada «linha negra» foi de opinião que o fascismo já estava destruído sendo portanto necessário construir o socialismo. Assim, Saldanha Sanches tomaria ao tempo a atitude de combater o «social-fascismo» de preferência ao fascismo. Exactamente o inverso do que agora estaria a acontecer. Retira-se de uma mínima análise que enquanto a «linha vermelha» perspectivava a sua luta em dois objectivos mas simultaneamente como partes do mesmo todo («o imperialismo e o social-imperialismo»), a «linha negra» unilateriza va a sua luta no interior do Movimento conforme a intensidade e as fases da luta de classes na sociedade. A terceira fase de luta entre as duas linhas viria a ganhar especial relevo com os acontecimentos do Ralis de 18 de Maio (sequestro e interrogatório do ex-fuzileiro Coelho da Silva) e as consequentes detenções do 28 de Maio. Esta operação teria sido conduzida pela «linha negra».

A quarta e última fase vem travar-se no «Luta Popular» aquando da sua passagem para diária e onde a «linha negra» tinha preponderância.

Ainda é cedo para tirar conclusões. O comício de 12 de Outubro, no Campo Pequeno, poderá ser decisivo para os observadores quanto à evolução do M. R. P. P. que programa transformar-se em partido até à data do seu sexto aniversário.

OPERÁRIOS E CAMPONESES EM TELEFORUM

Um debate a desenvolver entre trabalhadores da CUF e trabalhadores rurais preenche mais uma edição da rubrica dominical do 1.º Programa da RTP — «Teleforum».

E este debate, porquê?

Porque o tema é a aliança operários-camponeses e, nela, uma CUF nacionalizada terá necessariamente uma palavra a dizer. A palavra adequada à compreensão da sua importância em todo o vasto processo da Reforma Agrária e no cerne da própria aliança dos operários com os camponeses.

Pela voz dos trabalhadores que enfrentam a situação real e, melhor do que ninguém, podem e devem perspectivar as situações adequadas, «Teleforum» procura dar uma achega ao estudo de um problema que se insere nos caminhos revolucionários que trilhamos.

Atenção, pois, ao «Teleforum» do próximo domingo.

Em LAGOS o DIARIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

O outono já anda pelas ruas...

E você já pode comprar a sua roupa de Outono-inverno. Prática, jovem, cheia de à vontade e comodidade. Para si ou para os miúdos. Nas cores maravilhosas desta estação... e inteiramente fabricada em Portugal. No pronto a vestir dos Supermercados Pão de Açúcar* e A.C. Santos**

*Lojas: Lisboa - Av. de Ceuta e Olivais · Venda Nova · Porto - Av. da Boavista · Vila Nova de Gaia · Barreiro · Almada · Cascais

**Lojas: Pascoal de Melo, Av. da Igreja, Moscavide e Odivelas

PRONTO A VESTIR exija fabricado em Portugal

Pão de Açúcar A.C. SANTOS

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

1 — ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES

Como é do conhecimento geral e foi amplamente divulgado pelo Sindicato, as Eleições para os Corpos Gerentes encontravam-se marcadas para o dia 4 do corrente.

Entretanto, a Mesa da Assembleia, no desempenho das funções que lhe competem pelos Estatutos, verificou que, devido a atraso dos Serviços do Sindicato, os Boletins de Voto (das tres listas) não iriam ser distribuídos dentro do prazo estipulado no n.º 4 do Art.º 84.º dos Estatutos, que obriga à sua distribuição pelos sócios até cinco dias antes da data das eleições.

Este atraso dos serviços verificou-se devido à elevada quantidade de Boletins de Voto que são necessários para estas eleições. Com efeito, em nenhuma das eleições anteriores existiu uma quantidade tão elevada de Boletins.

Verificada a total impossibilidade de cumprir o prazo estipulado nos Estatutos, a Mesa da Assembleia deliberou adiar por uma semana a realização das Eleições, tendo marcado a data de 11 de Outubro de 1975.

Este pequeno adiamento, foi a única solução legal encontrada para poder resolver um problema administrativo.

Pela parte que compete a esta Comissão Directiva, como responsável pela gestão do Sindicato, reconhecemos que possam resultar alguns inconvenientes para a classe com o adiamento das Eleições. Todavia, como se trata apenas de uma semana, o acto eleitoral, no fundamental, não é prejudicado.

Este adiamento a que nos vimos referindo, foi tornado público pela Mesa da Assembleia, em convocatória datada de 30 de Setembro e amplamente divulgada.

2 — CADERNOS ELEITORAIS

Porque os ficheiros de sócios se encontram em reorganização, dado que os recebemos muito desactualizados, considerou a Comissão Directiva organizar os Cadernos Eleitorais por moradas de empresas.

Para efeitos de consulta e simplificação do processo eleitoral esta é a forma mais prática de elaborar os Cadernos Eleitorais. Nesta base emitimos um comunicado no dia 24 de Setembro onde é referido este facto e são indicadas as quatro Mesas de Voto com os concelhos que abrangem.

Entretanto, diversos sócios começaram a apresentar reclamações e a levantar a hipótese de as Eleições serem impugnadas se a votação não estivesse organizada pela residência dos sócios.

Efectivamente, o n.º 2 do Art.º 87.º diz que «Os sócios residentes na área de qualquer Delegação, votarão obrigatoriamente na Mesa nessa instalada».

Assim, esta Comissão Directiva não tem qualquer problema em alterar aquela disposição e organizar os Cadernos Eleitorais pelas residências dos sócios que constam no ficheiro do Sindicato.

Divulgamos os aspectos mais importantes para a votação no dia das eleições.

1 — Existem quatro Mesas de Voto com a seguinte distribuição:
Sede de Lisboa
Rua Barata Salgueiro, n.º 36
no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes

Delegação de Vila Franca de Xira
Rua Serpa Pinto, n.º 136, 2.º
Delegação de Sacavém
Praça da República, n.º 66-A
Delegação de Torres Vedras
Rua Miguel Bombarda, n.º 23

2 — Na Mesa de Voto da Sede existem 12 Mesas de escrutínio numeradas de 1 a 12
Nas Mesas de Voto das Delegações existem quatro Mesas de escrutínio numeradas de 1 a 4.

Existirão portanto, 24 mesas de escrutínio para facilitar a distribuição do elevado número de votantes que se espera.

Em cada mesa de escrutínio os Cadernos Eleitorais estão organizados pelo número de sócio, cuja numeração consta, em letreiro bem visível, por cima de cada mesa de escrutínio.

Independentemente dos boletins de voto distribuídos pelo correio, no dia das Eleições existirão nas 4 Mesas de Voto, boletins de voto das três Listas em quantidade suficiente.

Finalmente, existirão nas Mesas de Voto, Mesas de Reclamações para a solução das reclamações e dúvidas que surjam.

Contamos que estas eleições registem uma afluência sem precedentes, o que certamente ocasionará dificuldades de funcionamento difíceis de prever na sua totalidade, pelo que apelamos para a compreensão de todos os sócios, na certeza de que o [illegible] para que as Eleições decorram com a [illegible] e comodidade que é possível atingir neste momento.

Lisboa, 2 de Outubro de 1975

Trabalho

SANEAMENTOS À ESQUERDA

Trabalhadores do B.P. continuam em plenário

«Estão a passar-se muitas coincidências no Banco de Portugal. Num dia, a comissão de delegados foi saneada e no dia seguinte era a vez de três administradores progressistas serem demitidos» — afirmou-nos um ex-elemento da comissão de delegados.

Entretanto, no plenário que ontem se efectuou e esta tarde vai continuar, foi aprovada na generalidade uma proposta que «apoia o VI Governo Provisório» com alguns considerandos, classificados por este elemento como «muito graves».

Esta proposta foi aprovada por 118 votos a favor e 113 contra, tendo a declaração de voto de vencido sido assinada por 102 trabalhadores.

Quanto ao «saneamento» da comissão de delegados verificou-se numa reunião geral de delegados, tendo sido ratificada por 15 votos a favor, 14 contra e 13 abstenções. «É bom não esquecer que os trabalhadores do Banco de Portugal são das classes mais privilegiadas. Além de uma média salarial, que anda à volta dos 12 mil escudos, recebemos o 13.º mês, subsídio de férias e da Páscoa e agora a divisão de lucros. Isto tudo para além de outros privilégios» — continuou o nosso interlocutor.

Talvez por isso, os trabalhadores do Banco de Portugal ainda não tomaram posição sobre o «saneamento à esquerda» de administradores que eles próprios tinham escolhido. Até agora, apenas o núcleo do MES naquele Banco manifestou a sua posição de repúdio.

Enquanto o ministro Salgadc Zenha afirma que não se trata de «saneamento mas de substituição» até porque quer «formar a sua própria equipa para reestruturar financeiramente o País», os protestos por mais este «saneamento à esquerda» avolumam-se. Assim, presidentes, vice-presidentes e directores de vários organismos de Coordenação Económica (Instituto de Cereais, Junta Nacional de Produtos Pecuários, Junta Nacional de Frutas, Administração-Geral do Açucar e do Alcool, etc.) enviaram um telegrama ao Primeiro-Ministro de protesto contra o saneamento do dr. Mariguesa, Mário Brandão e Tavares da Cruz, elementos progressistas da administração do Banço de Portugal.

Tambem as comissões de saneamento de dez estabelecimentos bancários repudiaram o afastamento da administração do B. P. dos três administradores. Trata-se, «de uma efectiva ameaça à Revolução, lesiva dos interesses dos trabalhadores» e exigem à direcção dos bancários» uma clara e inequívoca tomada de posição».

E a direcção do Sindicato dos Bancários tomou uma posição de facto «clara e inequívoca». Em declarações prestadas à ANOP afirmou um elemento que «esta direcção não considera correcto que sejam os trabalhadores do Banco a eleger os administradores. Acha sim que eles devem ser designados pelo Governo e depois devidamente controlados pelas bases».

Por último, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, afirma sobre estes saneamentos: «É bem clara a intenção do senhor ministro: trata-se de se livrar de elementos que não permitirão que a nacionalização da Banca seja posta ao serviço dum capitalismo de Estado, trata-se de cortar o crédito às Cooperativas Agrícolas e de Consumo; às pequenas e médias empresas, muitas delas de construção civil e às comissões de trabalhadores que tomaram conta de empresas abandonadas pelos patrões».

E conclui: «Esta manobra do senhor Salgado Zenha faz parte dos planos da burguesia e dos partidos que ela representa, planos esses que visam a reconquista de posições dentro do aparelho de Estado, para entregar o País aos capitalistas estrangeiros, engordar os capitalistas portugueses, devolvendo-lhe a Banca, enfim, hipotecar o País ao imperialismo, o que conduziria à perda da independência nacional, sem a qual o futuro da Revolução portuguesa estará gravemente ameaçada».

Por sua vez, o M. D. P. / C. D. E. distribuiu uma nota em que salienta:

«Na luta contra os saneamentos à esquerda na Banca e de uma forma geral, no aparelho de Estado, os trabalhadores bancários e da função pública deverão ocupar a primeira linha de resistência. Mas o problema diz respeito a todos os trabalhadores e às massas populares que devem com vigor cada vez maior e firmeza cada vez mais elevada exigir o fim dos saneamentos à esquerda, quer nos quartéis, quer no aparelho de Estado».

Enfermeiros do Norte: "Estamos cansados de esperar"

PORTO — O Sindicato dos Profissionais de Enfermagem do Norte «vêm desde Maio a fazer uma luta com o seu caderno reivindicativo» — segundo se lê num comunicado enviado ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução, ao Primeiro-Ministro, ao presidente da Assembleia Constituinte, aos ministros do Trabalho, das Finanças e do Comércio Interno, ao comandante da Região Militar do Norte e ao governador civil do Porto.

Diz ainda, o documento: «Os sucessivos Governos e á preocupação que sempre tiveram em evitar formas de luta que poderiam servir determinados fins, que nunca os nossos, não têm, infelizmente, recebido da parte do Governo a atenção que o problema merece. Estamos cansados.

E a terminar: «Quem ganharia e compreenderia que os enfermeiros portugueses, como os demais, com senhorio, padeiro e leiteira como todos os outros viessem para a rua, exigindo aquilo a que têm direito? Será que, só quando o fizerem, se aperceberão do mísero ordenado, num trabalho diurno e nocturno, sem feriados e domingos?».

Entretanto, num plenário de delegados sindicais, há dias realizado, ficou decidido que «até ao dia 15» o sindicato «tudo fará para que o ministério respectivo (Assuntos Sociais) responda clara, positiva e concretamente. De outra forma e em plenário de 17 do corrente estudaremos e decidiremos as formas de luta a adoptar».

Vendedores de pão exigem contrato colectivo

Os vendedores de pão concentraram-se ontem, diante do Ministério do Trabalho, para exigir a integração na categoria de distribuidor, previsto no Contrato Colectivo de Panificação. O secretário de Estado do Trabalho, que considerou este desejo «justo e viável», comprometeu-se a solucionar urgentemente a questão.

Com efeito, as entidades patronais têm-se recusado a reconhecer a integração dos vendedores, prevista na portaria de regulamentação de trabalho para os trabalhadores ao serviço da indústria panificadora de 4 de Junho.

Os vendedores, através de uma comissão representativa, tiveram oportunidade de expor ao secretário de Estado as suas pretensões tendo este convocado uma reunião com os representantes dos industriais hoje, no Ministério do Trabalho.

Segundo um comunicado oficial, «se tal diligência não tiver êxito, o secretário de Estado do Trabalho promoverá as diligências necessárias para que, com a máxima urgência, seja elaborada e publicada no Boletim do Ministério uma portaria que consagre a referida integração».

A categoria de distribuidor corresponde o vencimento de 4 300 escudos mensais e diversas regalias, como subsídio de férias, 13.º mês, e assistência da Previdência.

BARREIRO DESCE À RUA

Comissões de trabalhadores e de moradores do Barreiro anunciam [illegible] uma manifestação [illegible]. A [illegible] publicamente [illegible] de avançar o desenvolvimento do processo revolucionário e excluir as forças direitistas do Governo e do Conselho da Revolução — segundo as entidades promotoras da iniciativa. A manifestação começa [illegible] concentração às 17 e 30 [illegible] de Santa Maria, no Barreiro. Seguidamente, os manifestantes dirigem-se ao Palácio Coimbra, onde falarão diversos oradores.

Trabalho

FOMOS VENDIDOS ÀS CLARAS

«Temos sido roubados e vendidos às claras e impunemente» — lê-se num comunicado distribuído pelos delegados sindicais e pela direcção do Sindicato dos Continuos, Porteiros e Profissões Similares (delegação do Porto), face aos graves acontecimentos que ocorreram na firma Laranja (limpeza e enceramentos), de S. Mamede de Infesta.

A gravidade da situação decorre do não pagamento das diferenças salariais do mês de Julho. O patrão obrigava os trabalhadores a assinarem recibos referentes a essas quantias, sob a ameaça de despedimento. Com a agressão à navalhada e à vassourada de que foi vítima um delegado sindical, a situação deteriorou-se, e culminou com uma greve de 24 horas, a qual terminou na noite de ontem.

«A DISTRIBUIÇÃO DE LUCROS»

Quem diz que neste país não há dinheiro? Quem se atreverá a afirmar que não se caminha «a passos largos» rumo ao socialismo e em defesa das classes trabalhadoras»? Quem ousa duvidar? Senão vejamos: o ministro das Finanças decidiu subitamente que os 15 mil contos de lucros do Banco de Portugal seriam distribuídos pelos trabalhadores. Para atenuar as «carências» dos empregados do Banco de Portugal (mais de 12 mil escudos de rendimento mensal).

Mas que são 15 mil contos? Para que havia de servir este dinheiro? Quando por falta de verba, os deficientes lutaram e lutam por um ordenado quando não possibilidades de aumentar o pré dos soldados por falta de verba, quando os trabalhadores alentejanos não recebem salários, quando a um jornal como a «República» se não concede um empréstimo que garanta a sua sobrevivência, para que haveriam de servir 15 mil contos, não é?

A LUTA DOS GRÁFICOS

Os trabalhadores gráficos dos Sindicatos de Aveiro, Braga, Coimbra e Porto afirmam num comunicado que «defenderão intransigentemente as suas conquistas e o processo revolucionário rumo ao socialismo, e desde já responsabilizam a Associação dos Industriais Gráficos e Transformadores de Fapel por qualquer tomada de posição contrária aos legítimos direitos dos trabalhadores». No final da nota, alertam os trabalhadores para as manobras divisionistas do patronato.

CAMBOURNAC GANHOU O AVAL

Depois de longos meses de luta, os trabalhadores da Cambournac obtiveram o aval por parte do Estado. O dia de anteontem foi decisivo para a vitória dos trabalhadores. Dirigiram-se ao Ministério da Indústria (cerca de 600 pessoas, na maior parte mulheres) acompanhados da Comissão de Trabalhadores e delegados sindicais do Banco Espírito Santo. O ministro da Indústria, Marques do Carmo (SEDES) concedeu um empréstimo de 2 mil contos pagável em 120 dias e ainda mais 1990 contos em papel comercial (letras): Entretanto vai ser elaborado um plano para a empresa que garanta os postos de trabalho. «Estou emocionado. Os meus camaradas e eu vamos finalmente dormir descansados» — declarou um dos trabalhadores da Cambournac.

OS OPERÁRIOS APOIAM A REFORMA AGRÁRIA

«Operários e camponeses foram e são irmãos na fome, na opressão e exploração e, consequentemente, irmãos na luta contra o capital e pela sociedade sem classes» — é este um dos considerados de uma moção de apoio à Reforma Agrária, aprovada durante a concentração dos metalúrgicos, junto ao Ministério do Trabalho, na terça-feira.

«Apesar disso, os nossos irmãos camponeses não têm garantias de financiamento por parte do Estado, enquanto os grandes agrários continuam a beneficiar dele», afirma-se ainda na moção que exigia das autoridades, «nomeadamente do Conselho da Revolução, Governo e em especial do Ministério das Finanças, a imediata concessão dos créditos indispensáveis ao prosseguimento revolucionário da Reforma Agrária».

ELEIÇÕES NOS METALÚRGICOS

Lista "A" apela à votação maciça

Com um apelo à votaçao maciça dos trabalhadores metalúrgicos, a lista A, candidata aos corpos gerentes do respectivo sindicado, deu hoje por encerrada a campanha eleitoral, numa conferência de Imprensa nas instalações da firma Baptista Russo.

Em véspera do acto eleitoral, que tem lugar amanhã em todo o distrito de Lisboa, os elementos da lista de «Unidade Revolucionária, contra o Capital, pelo Socialismo» recapitularam sumariamente as suas actividades durante a campanha, que se traduziu em 60 sessões de esclarecimento, para trabalhadores de cerca de 120 empresas.

A lista A, constituída «por operários que têm dado sobejas provas de merecerem a confiança da classe», dedicou particular atenção à luta reivindicativa dos metalúrgicos, destacando-se pelo seu inequívoco apoio à greve. A propósito, os candidatos repudiaram as declarações que o ministro do Trabalho proferiu na TV, que classificam de «reaccionárias e divisionistas, depois de uma gloriosa jornada de luta como aquela que se viveu» na terça-feira.

Durante a campanha, a lista de Unidade Revolucionária apoiou integralmente a manifestação unitária realizada pelas comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa, em 18 de Setembro, e a manifestação frente ao RALIS, no dia 6. Outros comunicados, distribuídos à classe na devida altura, traduziram a solidariedade dos candidatos à luta do Povo chileno contra o fascismo, e contra a repressão do Governo franquista.

Também foi cumprido o propósito inicial de não atacar os camaradas de trabalho das outras duas listas candidatas: «Virámos todas as nossas forças contra o inimigo comum, que é o fascismo e o capital, e só lamentamos que os outros não tenham procedido do mesmo modo».

Os candidatos manifestaram ainda a intenção de prosseguir «a mesma linha de combate pelo fim da exploração do homem pelo homem», e de cumprir integralmente o programa, caso sejam eleitos pela classe.

AGRAVAMENTO DA CRISE NA INDÚSTRIA TÊXTIL

Perante a possibilidade de um rápido agravamento da crise da indústria têxtil, que se arrasta desde há cerca de dois anos, os trabalhadores do sector estão a tomar posição, preparando sugestões que permita ultrapassar a situação.

Assim, deverá ser criado um organismo de planeamento e reconversão do sector, para estabelecimento de ligações entre os aspectos técnicos e económicos, tendo presentes os objectivos sociais. Para tanto, o organismo seria dotado de poderes de intervenção na gestão de empresas, de congelamento dos bens pessoais do patronato e sua integração no património das respectivas empresas, e de poderes suficientemente amplos para permitir a intervenção nos problemas conjunturais e estruturais.

Este tipo de medidas foi proposto pelos trabalhadores no encontro nacional dos dirigentes sindicais do sector têxtil, que se efectuou em Ofir. Nessa reunião chegou-se à conclusão de que seria necessária a criação de três empresas de comercialização estatais: de fomento da exportação para os países de Leste e novos mercados do Terceiro Mundo; de fomento da exportação para os mercados tradicionais; e de centralização da aquisição de matérias-primas importadas.

Esta crise prolongada que já conheceu seis governos e de nenhum deles encontrou ainda a atenção que merece, pode vir a agudizar-se perante a recente imposição de taxas mais elevadas à importação de têxteis portugueses, decidida há dias pelos países do Mercado Comum.

OPTAR

..Evidentemente que o futuro do sector está relacionado com a óptica que ditar as soluções que vierem a ser encontradas. Trata-se de um sector onde se trabalhou, desde sempre sem obediência a qualquer plano coordenador, o que veio a ter grande importância na situação de recessão em que se encontra. Apontam-se dois exemplos: a pulverização das empresas e, por outro lado, o sobreequipamento do sector.

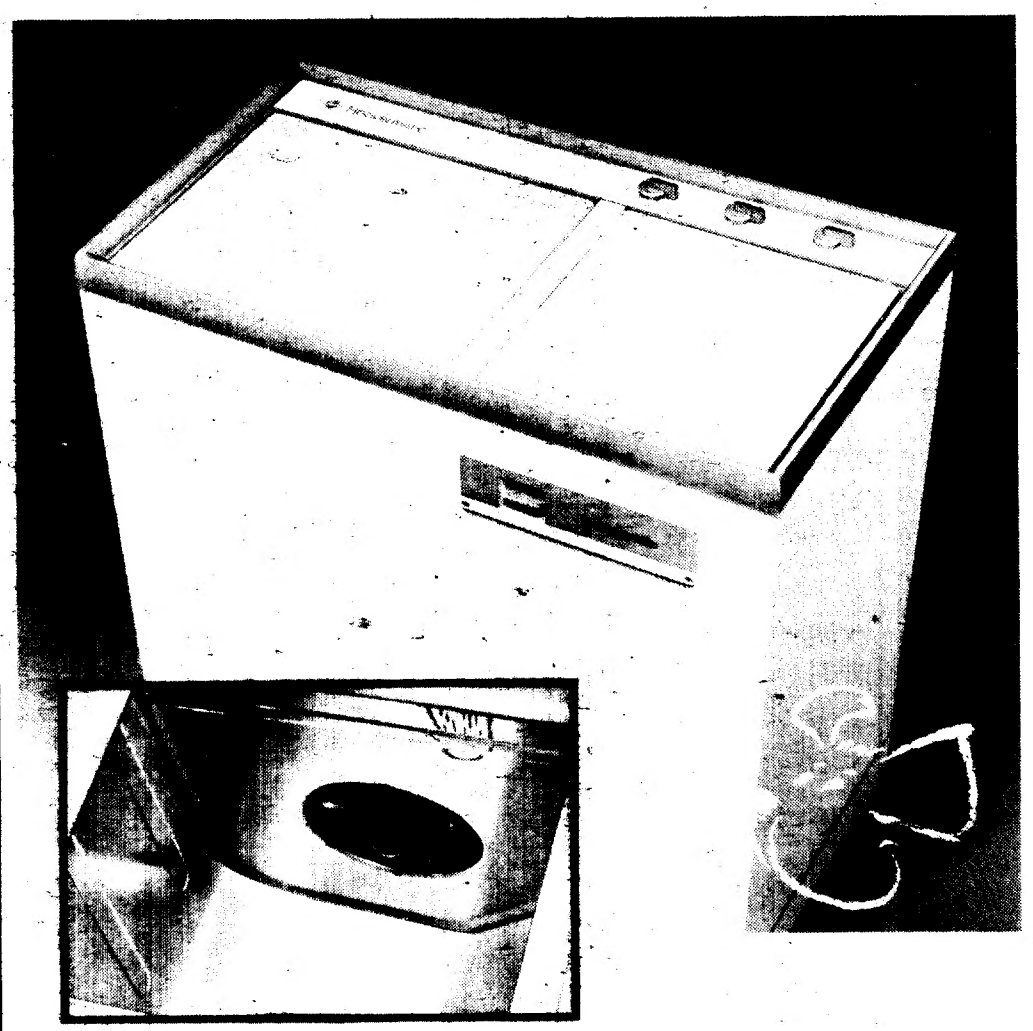
A nova estratégia industrial neste campo obedecerá certamente à estratégia que for decidida. Mas, aqui como em outros casos, os operários começam a tomar consciência da situação, e poderão vir a influenciar as decisões, opondo-se a uma estratégia de tipo capitalista para se enveredar por uma planificação ao serviço do País.

Outros problemas, em qualquer dos casos se põem. Para já, parece urgente praticar algumas medidas de apoio às empresas, tais como a reconversão do sector com concentração de unidades (e aí a opção dirá se se fazem ou não indemnizações no caso de ser eliminada maquinaria), apoio técnico às empresas, aperfeiçoamento da mão-de-obra e apoio à investigação tecnológica.

Certo parece ser a necessidade de rapidamente se ver o problema e avançar. Até porque os trabalhadores não param, particularmente numa situação como esta, em que muitos milhares de operários vêem ameaçados os seus postos de trabalho. E há cerca de um milhão de portugueses que vivem deste sector, sendo obviamente, na maioria, constituído esse milhão por trabalhadores.

Os operários queixam-se, eles mesmos e talvez por isso, da falta de apoio às empresas, em particular dos bancos e dos órgãos afins.

E, ainda recentemente, num encontro de representantes dos trabalhadores dos têxteis com representantes do Ministério do Trabalho, foi chamada a atenção do Governo para a ameaça de 70 000 trabalhadores ficarem rapidamente desempregados, caso não sejam tomadas medidas adequadas.



O cão é o melhor amigo do homem. Qual é o da mulher?

O melhor amigo da dona de casa tem de lhe resolver um problema: o da lavagem da roupa.
O cão não lava a roupa.
Então, o melhor amigo da mulher é a máquina de lavar roupa. Mas... elas são tão caras...!
(A Hoovermatic não é cara)
...Gastam tanta água...!
(A Hoovermatic gasta pouquíssima água)
E consomem muita electricidade.
(A Hoovermatic consome muito menos electricidade do que as outras).
O melhor amigo da mulher tem de ser a máquina de lavar roupa
mais económica do mundo!
(A Hoovermatic!)

HOOVER é tempo livre!

Geral

Os ministros e o Presidente do Conselho aprovaram na **generalidade** o projecto do decreto-lei dos Deficientes das Forças Armadas. São vinte e sete folhas de papel contendo as reivindicações das vítimas de uma guerra injusta. Dos oprimidos que a sociedade marginalizou com o rótulo de «inválidos». A sociedade, os Governos, as razões de Estado, os presidentes, os ministros que envolveram milhares de jovens numa guerra em defesa do capitalismo e do imperialismo. Quem os vai indemnizar das mutilações sofridas, dos braços e das pernas perdidas, das queimaduras que lhes rrepanham a pele, dos traumatismos psicológicos? No antigo regime as senhoras, cheirando a Chanel, do Movimento Nacional Feminino e da Cruz Vermelha espalhavam pelos hospitais os sorrisos constrangidos, os maços de cigarros, os canivetes, os porta-chaves, os santinhos — os presentes para «mitigar o sofrimento dos infelizes que tiveram o azar de não morrer». Essa solução seria muito mais fácil. Até para as famílias. Choravam os mortos, cobriam-se de luto, o desgosto depressa se diluía. E, possivelmente, alguns ainda se consolavam por terem um mártir caído ao serviço da pátria.

TRINTA MIL DEFICIENTES DAS FORÇ

A FORÇA JUSTA DE UMA GUERRA

Texto de LOURDES FÉRIA

Os generais entregavam as medalhas aos heróis. E regressavam aos bares dos quartéis para beberem o seu «wiskie». Tranquilamente. Em boa consciência. Assim tudo se passava. Disfarçadamente. Com aquele ar grande hipócrita da burguesia.

E os operários que não voltam a ser aceites nas fábricas? Os camponeses que não podem pegar mais na enxada? Sim: 95 por cento de mutilados pertencem às classes trabalhadoras. Não foram os generais, os brigadeiros, os coronéis que andaram a arriscar a pele, a esgotar-se de cansaço, a comer mal nas terras africanas.

O Conselho de Ministros, no conforto do seu gabinete alcatifado, aprovou uma proposta de decreto. Preparam-se os ministros, porém, pelo que deixa transparecer «o esclarecimento suplementar» ao comunicado final de reunião onde tomaram decisões, para rodear o problema, para recusar o fundamental da questão. Para já pretendem incluir na definição de deficientes das Forças Armadas apenas 5000 a 7000 homens. E os outros? A ADFA estimou, apesar de ainda não possuir dados concretos, em 30 mil os deficientes das Forças Armadas.

Englobam nesse conceito não só «os feridos em combate, na manutenção da ordem pública, na prática do acto humanitário ou de dedicação à causa pública», mas também todos os deficientes no exercício das normais funções ou deveres militares.

A propósito da luta dos deficientes das Forças Armadas ouvimos o capitão Calvinho, presidente da mesa da assembleia geral da ADFA. Uma luta que revelou originalidade e imaginação. Uma luta revolucionária quer pelos seus objectivos, quer pelos métodos utilizados. Atacar uma sociedade mercantil segundo as formas sob as quais ela existe, se justifica e domina, é reformismo. Será revolucionário atacá-la nos pontos onde se cruzam as suas contradições económicas e sociais. Os governantes políticos e militares ficaram muito incomodados com as acções desencadeadas pelos deficientes das Forças Armadas depois da manifestação ocorrida em Belém. E a prova disso está no tal «esclarecimento suplementar» em que se afirma: «Lamenta-se que os deficientes das Forças Armadas tenham recorrido a formas de luta que causaram às tão necessárias autoridades do Governo, ordem púb. ca e disciplina, danos de difícil reparação».

NADA DE DIRIGISMO

«A luta dos deficientes das FA — explica o capitão Calvinho — tem uma característica diferente de quase todas as lutas de classe trabalhadora, pois encontra-se desvinculada de qualquer espécie de dirigismo cupulista.

«Após a manifestação de Belém foram, as bases que não quiseram arredar pé e decidiram ali mesmo recorrer a outras formas de luta. A direcção fez uma autocrítica revolucionária e aderiu à luta travada pelas bases. Constituiu-se uma comissão de luta que não integrava qualquer elemento da direcção e assistimos a uma estratégia que não foi planeada. Que veio a acontecer por acaso. Na base desencadeia-se uma luta orientada de certa forma — e a direcção, por sua vez, age de outra maneira. Tudo convergia, porém, para a vitória final. A direcção desvinculou-se da posição tomada pelas bases, mas individualmente cada um dos membros directivos, como deficientes aderiram à luta».

Como foi possível esse espontaneísmo das bases? Segundo o capitão Calvinho existe na ADFA uma vida democrática muito intensa. Só assim se compreende que as bases não se deixem ir a reboque das decisões das cúpulas. Naquele sábado da manifestação mesmo que a direcção se opusesse, os deficientes, empenhados na luta, continuariam. Estavam determinados em ocupar a via férrea do Estoril, as estações de Rádio, as pontes que dão acesso a Lisboa. E ninguém seria capaz de os demover.

É espantoso como indivíduos que foram mutilados numa guerra colonial, que podiam muito bem justificar a sua deficiência agarrando-se ao mito do herói, conseguem estar com a revolução. Ainda mais: exigem que esta seja a sério. Estão fartos de palhaçadas. De pseudo-revoluções. De demagogias enganadoras.

«Antes de Abril (acrescenta o capitão Calvinho) cada indivíduo pretendia justificar a sua deficiência na justeza da guerra. No acto heróico. Se queria enfrentar a sociedade tinha de lutar para que a guerra fosse justa. Havia, portanto, o perigo de uma força reaccionária que congregasse todos os deficientes. Se um indivíduo perdeu um braço a praticar um crime tenta esconder esse braço. No entanto, se perder o braço a salvar, por exemplo, uma criança do fogo, a atitude da pessoa já é outra. E a sociedade até o encara bem. O braço deixa de ser um peso para passar a ser um estímulo.

«Por isso a tendência do deficiente era a de convencer-se de que a guerra tinha sido justa. A partir do momento em que a ADFA começa a dizer que a guerra fora injusta, depois do 25 de Abril, o deficiente quando nos ouve fica de pé atrás. Porém, já tínhamos uma vida associativa que abrangia à volta de duas centenas de deficientes. Vinham aqui e funcionavam como base de sustentação. Fazíamos sessões de esclarecimento e na cabeça dos deficientes cria-se um complexo problema: se a guerra é injusta, então nós somos os maus, os criminosos, os fascistas. Era necessário tirar-lhes esse trauma, arranjar um culpado».

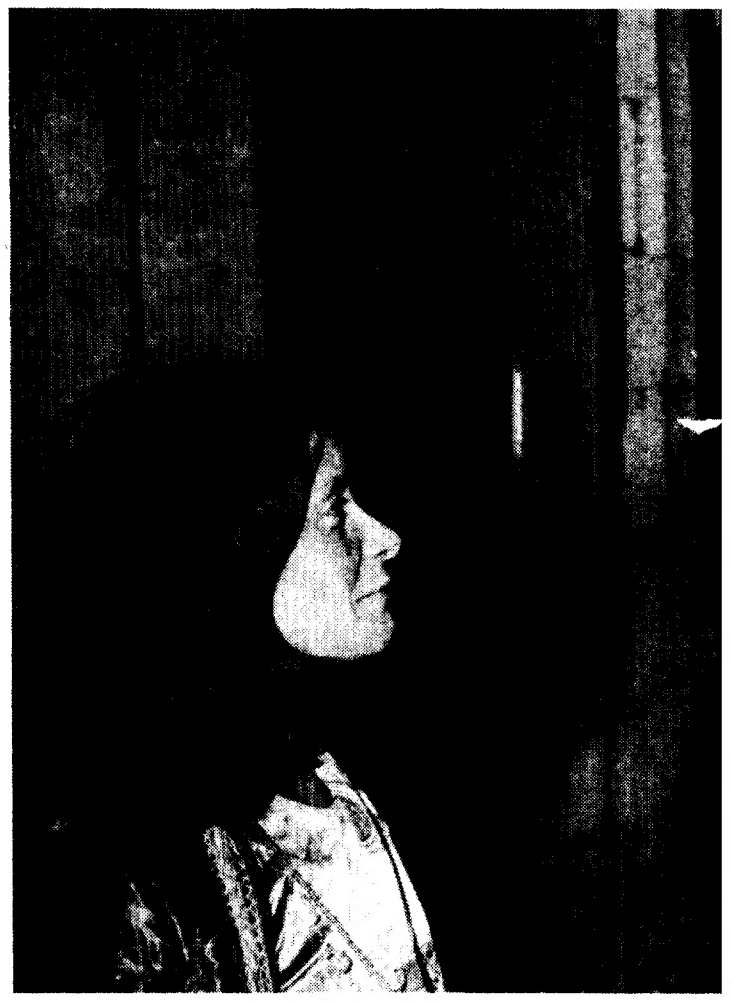
IMPERIALISMO: O INIMIGO

O capitalismo. O imperialismo. Esses, os responsáveis. Os inimigos comuns dos soldados portugueses que combatiam sem saber porquê. Igualmente inimigos dos guerrilheiros dos movimentos de libertação que lutavam por uma causa justa. Que sabiam que tinham de vencer.

«Isso mesmo. Assim ganhámos os deficientes para a revolução. Hoje podemos dizer que nas zonas mais afectadas pelo caciquismo e pelo clero, os nossos camaradas deficientes são dos indivíduos menos receptivos às ideias do anticomunismo. A aderência à Associação é generalizada. O deficiente estava sozinho e precisava de mostrar à sociedade que podia fazer qualquer coisa. Agarrou-se à Associação e sobretudo à nossa palavra de ordem: **Força justa das vítimas de uma guerra injusta.** Neste momento avaliámos em 30 mil os deficientes das FA. Na sua maioria esmagadora são das classes mais exploradas: pedreiros, camponeses... gente que tem de ser reabilitada profissionalmente. Não estamos interessados em levá-los a pegar na enxada, mas a pensar num esquema mais avançado. Pretendem que sejam criadas condições nos locais em que eles vivem.

No caso do Alentejo é importante que participem nas lutas travadas pelos camponeses, para que mais tarde venham a ter um lugar na agricultura. Um deficiente numa cadeira de rodas eléctrica pode desempenhar certas funções nomeadamente de sulfatagem. Há que reconverter, portanto, toda a estrutura fascista para receber os deficientes físicos como força de trabalho.»

Homens, em toda a pujança da vida, com idades entre os 25 e os 30 anos, massacrados pela metralha ou na explosão de uma mina recebiam uma «pensão» que obedecia a vários escalões. Um general sem nunca ter estado nas linhas de combate auferia uma indemnização pela carga de reumatismo adquirido na guerra dez vezes maior do que aquela a que tinha direito um soldado que perdera uma perna ou um braço. Evidentemente que aqui o sistema das hierarquias funcionava em pleno.



O capitão Calvinho adiantou:

. **Depois havia ainda os indivíduos feridos na instrução, que quando começou a guerra colonial passou a ser muito dura, feridos debaixo de uma viatura ou até no quartel a jogar à bola. Esses que sofriam esse estilo de desastres não recebiam nada. Há inúmeros casos de indivíduos feridos nessas condições. Nós achamos que qualquer soldado a partir do momento que entra para o serviço militar, se lhe acontecer alguma coisa, tem direito a uma indemnização. Não lhe chamo de «pensão» porque essa palavra traz consigo uma carga fascista. Nós entendemos que desde o momento em que entrou bom e saiu ruim é sempre o Exército o responsável.**

A história do decreto arrasta-se desde Maio de 1974 quando a A. D. F. A. entregou um documento à Junta de Salvação Nacional. Mais tarde foram recebidos por Vasco Gonçalves.

Nem sequer esperámos muito tempo. O Primeiro-Ministro recebeu-nos logo e preocupou-se com o assunto marcando uma nova entrevista e dando-nos possibilidades de participarmos na feitura do decreto. Nós dissemos a Vasco Gonçalves que não aceitávamos aquele quadro das «pensões» segundo as hierarquias. Queríamos acabar com o esquema do I Governo Provisório que catalogava os mutilados em feridos de campanha, serviço, etc. Abandonámos uma reunião com o antigo ministro da Defesa Firmino Miguel porque a conversa derivou para a perspectiva do bom, do herói... que nós recusámos. Então avançámos com a proposta! a todos segundo a sua deficiência, tendo em conside ração a parte do corpo perdida, fosse o dificiente soldado, capitão ou general. Firmino disse que não, que não podia ser. Isso iria abalar toda a estrutura do Exército...

Esmola ou pentes

E os deficientes mentais da guerra colonial?

Para esses não havia pensão nem sequer tratamento médico. Ficavam à responsabilidade da família ou da sociedade. Iam ao Hospital Militar e classificavam-nos como capazes de angariar os meios de subsistência, depois de os terem dado como inaptos para o serviço militar. Iam ao Júlio de

Ana Maria Guevara

UM MINUTO DE SILÊNCIO POR CATARINA EUFÉMIA

Nesta sala onde se encontram reunidos companheiros de três continentes quero pedir-vos que, como homenagem a todos aqueles que caíram na luta contra o fascismo e contra o imperialismo, façamos um minuto de silêncio à memória de Catarina Eufémia que sintetiza em Portugal essa luta infatigável.

Estas foram as primeiras palavras pronunciadas por Ana Maria Guevara num comício realizado em Almada em homenagem ao Comandante Ernesto «Che» Guevara. Este comício foi incontestavelmente um grande momento de solidariedade internacionalista e nele participaram revolucionários da América Latina, da África e da Europa.

A primeira intervenção teve como protagonista um representante da Casa de Solidariedade com a América Latina. Após ter afirmado que «o dia 8 de Outubro era não só um dia de luto, mas também um dia de luta e de esperança», o representante da Casa de Solidariedade com América Latina declarou, no meio de vibrantes aplausos que «a figura do «Che» é uma bandeira mais que suficiente para unir todos aqueles que lutam contra esse inimigo comum, chamado imperialismo».

Seguiu-se a intervenção de um camarada do M. P. L. A. que num discurso extraordinariamente claro e constantemente interrompido pelos aplausos da assistência tratou dos problemas políticos, económicos e militares de Angola.

Começou por denunciar a atitude dos Governos Provisórios portugueses que «nada têm feito pelo Povo angolano e pelo M. P. L. A. pretendendo que existem três movimentos de libertação quando afinal só há um movimento de libertação do Povo angolano e dois movimentos de traição ao Povo angolano...»

. Continuou: «O M. P. L. A. não ama a guerra, mas faz a guerra porque ama a Paz». Concluiu dizendo: A luta do Povo português e a luta do Povo angolano sempre estiveram e estão profundamente ligadas. **Ontem combatemos juntos o fascismo e o colonialismo, hoje continuamos a combater juntos o imperialismo e os seus lacaios internos.»**

. O grande momento deste discurso ocorreu quando Ana Maria Guevara após ter homenageado Catarina Eufémia, começou a sua intervenção. Escutada num silêncio religioso, Ana Maria Guevara focou a figura do «Che», a repressão na América Latina e o problema da unidade internacionalista indispensável aos revolucionários do mundo inteiro na sua luta contra o imperialismo. Preconizando essa unidade, Ana Maria citou o «Che»: «A vitória de qualquer país contra o imperialismo é uma vitória nossa, assim como a derrota de uma nação qualquer, é uma derrota para todos».

Recebida ontem na Associação de Amizade Portugal-Cuba, Ana Maria que deixa hoje o nosso país afirmou: «Tal como todos os latino-americanos desejo profundamente o êxito da Revolução Portuguesa». **Boa viagem Ana Maria e obrigado!**

ÇAS ARMADAS

A DAS VÍTIMAS
A INJUSTA

Matos e remetiam-nos para o Hospital Militar. Assim se viam muitos deficientes mentais da guerra colonial pelas ruas a pedir esmola ou a vender pentes.

Na guerra, o deficiente era encarado como o pão nosso de cada dia. Andava de um hospital para outro. Metiam-no no avião para Lisboa e nem tinham tempo de pensar em nada. Que ficasse bom. Os traumas apareciam depois. Nos internamentos longos, nos hospitais, onde era e não era tratado pelos médicos. Enfim... Em vez de reabilitarem os homens ainda os destruiam mais.

A A.D.F.A. quando iniciou a luta contava 3000 sócios. Está aberta a todas as idades. Aderiram também velhinhos da II Guerra Mundial.

Os inválidos da II Guerra Mundial encontram-se muito adormecidos. Todavia no tempo deles conseguiram reivindicações bastante justas expressas no «Código os Inválidos» que foi revogado em 1936 por Salazar. É por isso que nós dizemos aos deficientes que lutar apenas pelo decreto não interessa, pois pode surgir um Pinochet ou um Salazer e então adeus decreto, adeus Associação. A luta correcta terá de ser orientada na perspectiva do socialismo.

Em relação à tropa normal, os «comandos» apresentam uma percentagem superior de mutilados. Talvez porque se expunham mais. Porque eram preparados e mentalizados para funcionarem como tropa de elite nas acções de guerrilha...

Temos muitos comandos. E é curioso que quando os comandos de Jaime Neves nos atacaram, em S. Bento, os deficientes fardaram-se e puseram no «crachat» dos comandos uma fita negra. De luto.

Que pensa do comportamento de Jaime Neves?

. É obsoleto. Próprio de um indivíduo sem princípios morais. Tenho a certeza que era o único oficial capaz de fazer o que ele fez: virar as armas contra os soldados que pertenceram à sua companhia em África. Os soldados dos comandos que continuam a ter um treino duro e andam sempre em acção podem muito bem vir ainda aqui parar...

O homem, o militar, o revolucionário

O capitão Calvinho nasceu no Alentejo. Em Aldeia Nova de S. Bento. Com 20 anos partiu para Moçambique. Nos calendários sobressaíam os números: um, nove, seis, seis. Era um jovem alferes. Vulgar. Sem formação política. Dois anos depois algures, em Motangula, rebentou uma mina sob a viatura onde seguia o alferes Calvinho. A dor, o sofrimento, o espectáculo triste dos hospitais.

Por acaso, numa viatura atrás de nós (relata o capitão Calvinho) **vinha Dinis de Almeida que, nessa altura, também era alferes. E o curioso da história é que estava para ser ele o ocupante da viatura atacada... Mais tarde, no Hospital, em Lisboa, conheci o Lavouras, actualmente director da ADFA, e em conversa chegámos a uma série de conclusões. Víamos chegar carradas de deficientes. Isso criou em nós um espírito de revolta. Fizemos circular um documento nos hospitais para ser apresentado a Marcelo Caetano. Pouco antes do 25 de Abril, o Dinis de Almeida foi ferido e no Hospital pôs-nos ao corrente do movimento dos capitães que forjava o golpe para derrubar o fascismo. A partir daí estávamos dentro da jogada.**

Pedimos ao capitão Calvinho para fazer uma análise política da situação. Sobre a estratégia do VI Governo; os saneamentos à esquerda; a preponderância de elementos militares direitistas no Conselho da Revolução; a saída revolucionária para a tomada de poder pelas classes trabalhadoras; etc.

O facto das forças revolucionárias terem perdido lugar no C. R. e o facto do VI Governo ser conservador pode vir a ser positivo na ,clarificação das posições no campo da luta de classes. Se até aqui o Povo (camponeses e operários) não tinham grande consciência de classe e se enfeudavam aos seus partidos do que por sua vez se enfeudavam ao M.F.A., começa agora a constatar que o M.F.A. não poderá ser nunca o motor da Revolução. Alinha apenas em golpes de Estado. Em tirar um poder para colocar outro. Nunca fará a Revolução. O Povo já se vai compenetrando da situação. Quando sai a lei que manda calar os soldados surte um efeito contrário. Os soldados se não fosse essa lei continuavam calados, que foi como eles sempre estiveram. Quem mandava as bocas eram os Otelos, os Tomés, os Dinis de Almeida. Assim, os soldados aperceberam-se que tinham necessidade de se organizarem.

Mas qual é a sua proposta para fazer avançar a Revolução?

Terá de se conseguir uma convergência de toda a ideologia de esquerda. Uma Frente Revolucionária que una todas as forças de esquerda. E criar-se um Estado-Maior que integre as forças populares unificadas e as organizações militares revolucionárias. Com a experiência das revoluções (russa, cubana, chinesa, vietnamita) podemos, traçar numa perspectiva portuguesa, uma dinâmica para o processo. A partir daí terá de se definir uma linha política de acção.

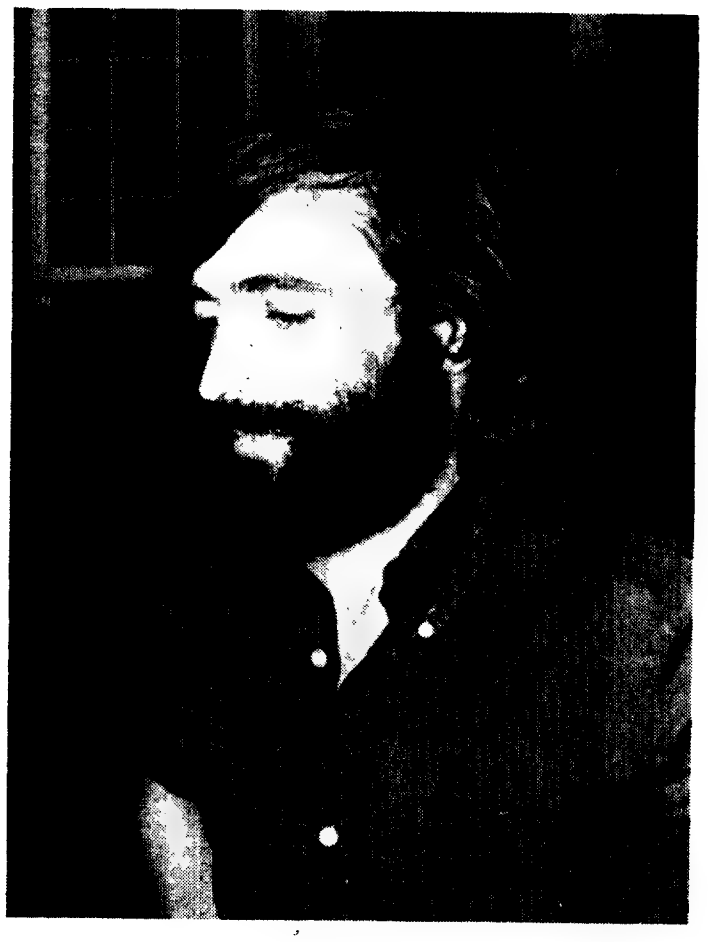
A direita tenta fazer com que a esquerda saia, impensadamente para a rua na intenção de um confronto armado. Isso seria óptimo para a direita impor o estado de sítio e justificar a repressão.

No entanto a esquerda continua desunida...

Isso é mau. As divergências mesquinhas que existem entre os partidos de esquerda perante uma intervenção da direita fariam com que assistissemos apenas a focos de luta não devidamente enquadrados. Saberiam encontrar uma resposta individual de cada um dos grupos. Portanto acho que seria necessário criar um Estado-Maior popular que avançasse com todo um esquema de unificação.

Temos a F.U.R. e os S.U.V.s que de certo modo já me parecem um embrião dessa unidade que apontou...

São de facto duas forças revolucionárias em potência que servem o processo. Os S.U.V.s têm características importantes para o desmantelamento do Exército burguês que oprime o Povo. Todavia, neste momento, considero tarefa prioritária o saneamento dos comandos reaccionários especialmente das Regiões Militares do Norte e Centro e também daqueles oportunistas que andam a ver para onde isto cai. Alguns deles até mandam «bocas» democratas, mas nós sabemos bem quem eles são. Quanto à F.U.R. penso que foi uma tentativa frustrada à partida. Porém ainda podem recuperar o terreno perdido. No entanto, acho importante a participação da U.D.P. na Frente. E também a do P.C.P.



Evidentemente que sem o P.C.P. é difícil avançar. Por outro lado, tanto o P.C.P. como a U.D.P. que quanto a mim são semelhantes (a diferença está na linguagem e às vezes na estratégia) têm tendência para a manipulação...

Estou de acordo. Mas integrados numa Frente Revolucionária podiam perder essas tendências. E no caso específico do P.C.P. até podia abdicar do reformismo. O P.C.P. tem de se definir. Não é eliminado a ditadura do proletariado do seu programa que se consegue fazer revoluções. Isso só serve para enganar o Povo. Eu penso que não há nenhum Governo que não seja ditador. Ninguém tem ilusões que o que vai sair da Constituinte é uma ditadura burguesa. Por isso há que escolher a ditadura que convém às massas trabalhadoras. Claro que terá de ser a ditadura do proletariado.

Spínola já admite

PORTUGAL, CHILE DA EUROPA...

PARIS, 10 (FP) — «O comunismo continua no Poder em Lisboa». Esta afirmação do ex-general António de Spínola situa a entrevista que o antigo chefe do Estado português concedeu ao correspondente do jornal «Le Monde», no Rio de Janeiro.

«Desejamos estabelecer em Portugal uma democracia liberal e pluralista, expulsando o comunismo do país», declara por outro lado o ex-general.

António de Spínola, que criou em Agosto o «Movimento Democrático de Libertação», afirma que «à violência há que responder com a violência», não excluindo a hipótese de uma guerra civil a prazo mais ou menos breve. «Se houver uma guerra civil», disse, «terão sido os comunistas a desencadeá-la através da sua acção».

«Porque razão terá o Partido Comunista o direito de organizar e armar uma parte da população e não nos assistirá a nós o mesmo direito, sendo certo que o nosso movimento corresponde aos anseios da maioria dos portugueses», declara o entrevistado que não nega entretando a existência do risco de Port gal se transformar num «novo Chile». «Não posso ficar de braços cruzados a pretexto de que que esse risco existe», assegura. «Não posso deixar-me paralisar pelo espectro do fascismo».

Na opinião do antigo chefe do Estado, «o comunismo continua no Poder em Lisboa pelo facto de a estrutura de Portugal ser a de um país comunista: a economia foi estatizada, os meios de Informação encontram-se em grande parte nas mãos do P.C., as minorias 'actuantes' comandam por intermédio das comissões revolucionárias de bairro. Por outro lado, destruindo a disciplina no Exército, o P.C. está a praticar a política da terra queimada, criando uma situação em que surge como a única força organizada.»

Nesta entrevista, o ex-general acusa o M.F.A. de ter distribuído «Milhares de armas» ao P.C. e à L.U.A.R. (Liga de Unidade e de Acção Revolucionária), grupo de extrema-esquerda que dispõe de milicias armadas. Por outro lado responsabiliza os actuais dirigentes pela «catastrófica» situação em que se encontra o país. «Aliás», declara, «não falam eles de consolidar as conquistas revolucionárias, a que corresponde o propósito de manter Portugal no modelo do comunismo ortodoxo que adoptaram? Mesmo que o Governo quisesse voltar atrás, não poderia fazê-lo. Ninguém falou ainda da necessidade de um recuo, nem mesmo Mário Soares».

Numa aparente referência ao M.P.L.A., o antigo oficial de Cavalaria diz que um quadro de represálias sádicas estava a surgir com «o ateamento deliberado do racismo por parte do movimento nacionalista que representa o imperialismo soviético».

Prossegue: «Mulheres e crianças estão a ser violentadas diante dos maridos e pais, que são, depois, torturados e mortos em orgias públicas de sangue. A venda de cadáveres é feita depois, com os familiares, de forma a que possam ver, pela última vez, os entes queridos.

«A prática do canibalismo renasceu e ao público está a ser oferecida para consumo carne humana esquartejada.»

. Spínola acrescenta que existiam «perspectivas angustiosas deste quadro de irresponsabilidade criminosa» se tornarem piores após a independência de Angola, em 11 de Novembro.

Ao ser-lhe perguntado se pensava que os novos dirigentes de Lisboa eram mais moderados desde a demissão do Governo do general Vasco Gonçalves, o antigo oficial de Cavalaria respondeu: «Como posso eu acreditar nisso quando esses dirigentes são responsáveis pela situação catastrófica no meu país.

«Em qualquer caso não falam eles em consolidar as conquistas revolucionárias?», perguntou por sua vez Spínola.

Evocando o seu afastamento, há um ano, da presidência da República, o ex-general Spínola afirma: «O que me levou a apresentar a demissão foi em larga medida o facto de o general Costa Gomes e outros terem permitido que se criassem estruturas revolucionárias no Exército. Já calculava que isso seria o fim da disciplina militar. Infelizmente não me enganei».

Respondendo por fim à pergunta «aceitaria regressar a Lisboa em nome da conciliação nacional?», o ex-general indicou: «Para voltar, imporia as minhas condições e penso que estas seriam inaceitáveis para o Governo.»

Estrangeiro

CORRESPONDÊNCIA DE MOSCOVO

Por VLADIMIR LOMEIKO

A VISITA DE COSTA GOMES À URSS

ENCONTRO DE DUAS REVOLUÇÕES

A visita do Presidente Costa Gomes à U. R. S. S. constituiu, para os soviéticos, o primeiro encontro a alto nível com o Portugal revolucionário. Agora, passados que são os quatro dias da presença de Portugal na Rússia — dias solenes e emocionantes — procuro consciencializar o que representaram eles para mim, para os meus compatriotas e para os nossos dois países. Uma visita é sempre a soma de muitas componentes: o nível da recepção, o carácter e a atmosfera em que decorrem as conversações, até que ponto são concretos e substanciais os resultados obtidos e, finalmente, a repercussão que obtém a visita no país e no exterior.

Esta não foi uma visita restrita, abrangendo apenas o político, mas sim um acontecimento que tocou de perto todos os soviéticos — a começar pelos alunos das escolas primárias e a terminar nos artistas e cientistas do país. Durante o encontro com Costa Gomes, Leonid Brejnev disse que os soviéticos acolheram com calorosa simpatia e solidariedade a libertação de Portugal da ditadura fascista e desejou êxitos aos operários, camponeses, soldados, marinheiros, oficiais e a todas as forças democráticas que estão a construir um Portugal livre e independente.

Tanto no nosso país, como em todo o mundo, foram sublinhados os traços marcantes desta visita: as negociações foram mantidas ao mais alto nível, os acordos assinados possuem um carácter concreto e a longo prazo, nos contactos reinou um ambiente realizador e amistoso impregnado de cordialidade e de um espírito de amplo acordo. O Presidente Costa Gomes encontrou-se com o secretário-geral do C. C. do P. C. U. S., Leonid Brejnev, e manteve negociações com o presidente Nicolai Podgorny e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko.

Foram assinados documentos de grande importância no decorrer desta visita: a declaração soviético-portuguesa, o acordo da cooperação no campo da cultura e da ciência, o acordo de cooperação económica, científica e técnica a longo prazo e o comunicado soviético-português. Na declaração acentua-se que ninguém deve tentar impor a outros povos esta ou aquela solução para os seus problemas internos. Cada povo deve ter a liberdade de escolher soberanamente o seu destino. Esta posição conjunta da União Soviética e de Portugal é tanto mais importante quanto, como se sabe, a reacção internacional continua a exercer pressões sobre Portugal no sentido de impedir ou travar as transformações democráticas em curso no país.

Na recepção oferecida em honra do visitante português, o presidente Nicolai Podgorny declarou que na sua justa luta pela consolidação das conquistas revolucionárias e por profundas transformações socioeconómicas no país, o Povo Português não está só: conta com a solidariedade dos soviéticos e dos democratas do mundo inteiro. Nós pronunciamo-nos decididamente contra toda e qualquer interferência nos assuntos internos portugueses e saudamos cada novo passo que encontra para a unidade das forças que lutam pela construção de um Portugal livre e democrático.

Ambas as partes se mostraram dispostas a ampliar a sua cooperação com vista ao fortelacimento da paz e da segurança internacional, e a tudo fazer para que a distensão política na Europa seja completada com a distensão militar, conferindo ao desanuviamento um conteúdo concreto.

A União Soviética e Portugal reforçam os seus propósitos com acções práticas. Assim, nos nove meses já decorridos deste ano, efectuaram-se entre os dois países trocas comerciais no valor de 32 milhões de rublos, total que é quatro vezes e meia maior que o do todo o ano passado.

Nos termos dos novos contratos agora assinados, a U. R. S. S. continuará a importar de Portugal vinho, amêndoas, pasta de tomate, calçado, tecidos, cortiça, e ainda navios, guindastes e outras mercadorias, exportanto para Portugal petróleo, algodão e peixe.

É bem significativo o facto de que, ao mesmo tempo que Moscovo recebia o Presidente Costa Gomes, no porto de Odessa, no Mar Negro, ancorava o petroleiro «Herminius», da Seponata; a 3 de Outubro seguiam para Lisboa 40 mil toneladas de petróleo soviético.

Os novos acordos de cooperação económica, científica e técnica a longo prazo abrem boas perspectivas para o estabelecimento de relações seguras entre a U. R. S. S. e Portugal.

Foi precisamente isto que sublinharam os participantes no encontro de activistas da Associação de Amizade U. R. S. S. — Portugal com a delegação da Associação Portugal — U. R. S. S., que se realizou na altura na Casa da Amizade com os povos dos países estrangeiros, em Moscovo. Também a Imprensa e a rádio soviética destacaram este aspecto.

O Presidente da República Portuguesa foi alvo das solenes homenagens devidas a um Chefe de Estado, tendo sido cumpridos, durante a sua visita, todos os preceitos do protocolo diplomático. Para além disso, porém, algo mais havia na atmosfera que cercou esta visita, algo de inconfundível e fora do comum: uma nota de calorosa simpatia e solidariedade.

Simpatia e solidariedade expressas nos sorrisos dos moscovitas e leninegradenses que se deslocaram ao aeroporto para saudar o Presidente Costa Gomes; simpatia e solidariedade que envolveram o solene encontro realizado a bordo do cruzador «Aurora» (que, em Outubro de 1917, deu o sinal para o assalto à autocracia); simpatia e solidariedade expressas no sonoro repicar dos sinos com que a ortodoxa Zagorsk recebeu Costa Gomes e na estrondosa ovação que o envolveu no teatro Bolchoi, no qual, pela primeira vez, a orquestra, antes de dar início à abertura do «Lago dos Cisnes» de Tchaikovski, executou o Hino Nacional português; simpatia e solidariedade, enfim, expressas nos olhos brilhantes dos soldados, pilotos e marinheiros que integravam a guarda de honra presente no aeroporto. Assim quiseram os herdeiros de Outubro prestar homenagem ao Presidente, e através dele, a todo o Portugal revolucionário. Quando, Leonid Brejnev, ao receber no Kremlin o ilustre visitante o saudou em portuguêS, dizendo: «Viva Portugal!», ele estava, pois, a expressar o sentir de todo o nosso povo — «Viva a Revolução Portuguesa, tão distante e ao mesmo tempo tão próxima!»

O resultado mais importante desta visita foi, pois, segundo cremos, o facto dos dois países terem passado a fazer uma ideia mais exacta um do outro; foram assinados acordos estatais de grande importância e a nossa solidariedade para com o Portugal democrático adquiriu um fundamento ainda mais sólido. Tudo isto deu origem a um novo fenómeno, ao mesmo tempo simples e grandioso: a nossa simpatia pela Revolução Portuguesa aumentou ainda mais, como sempre acontece após a concretização de um primeiro encontro há muito desejado...

DELEGAÇÃO ISRAELITA EM MOSCOVO

Uma delegação composta de cinco personalidades israelitas, entre as quais um deputado do Partido Governamental Mapam, Zakin, terminou agora uma viagem de uma semana à U. R. S. S. Esta visita foi uma espécie de «estreia», desde a ruptura das relações diplomáticas entre os dois países em 1967.

Os encontros que a delegação teve foram, é certo, limitados: a mais alta personalidade com que se avistou foi Dchakovski, chefe de Redacção da «Literatournaia Gazeta», e membro suplente do comité central. Embora os interlocutores dos israelitas tenham sido, na maior parte do tempo, jornalistas, a Imprensa de Moscovo não disse palavra sobre a sua visita... A longa conversação que Gromyko teve, no dia 24 de Setembro, em Nova Iorque, com o seu colega israelita, Ygal Allon, foi, sem dúvida, mais importante. Mas a concordância no tempo destes dois acontecimentos embora a entrevista em Nova Iorque tenha sido feita por iniciativa dos israelitas não se deve, evidentemente, ao acaso.

De facto, a diplomacia soviética sofreu mais do que beneficiou da ruptura brutal das relações diplomáticas decididas pela União Soviética e por todos os seus aliados do Pacto de Varsóvia — salvo a Roménia — logo a seguir à Guerra dos Seis Dias. Este gesto satisfez a opinião árabe, mas foi pouco conforme com a tradição de Moscovo. Brejnev tomou uma decisão análoga, ao romper com o Chile, após o derrube do regime Allende, mas este país não é objecto de um conflito militar nem se situa numa região de tão grande importância económica e estratégica como o Médio Oriente. Além disso, o facto de a própria existência de Israel ser contestada por alguns dos seus vizinhos dava à decisão soviética um alcance que não tinha, arrastando a U. R. S. S. para o lado dos países árabes «mais duros», sendo certo que a manutenção do Estado judeu, apadrinhado por Estaline em 1948, faz parte da doutrina constante da diplomacia soviética.

O resultado mais claro de ruptura das relações sovieto-israelitas foi deixar o campo livre à diplomacia americana. Dispondo já de numerosas amizades em diversos países árabes, manipulando poderosos interesses económicos, os dirigentes de Washington conseguiram, sobretudo desde a entrada em cena de Kissinger, uma verdadeira penetração em toda a região. Sem romper os seus laços com Israel, muito pelo contrário, restabeleceram relações com o Egipto e a Síria. Por seu lado, a U. R. S. S. viu-se paralisada, apesar de continuar a fornecer armas, pois isto não é suficiente, uma vez chegada a hora da negociação.

Quererá isto dizer que Moscovo tenciona restabelecer brevemente relações diplomáticas com o Governo de Jerusalém? Tal gesto está praticamente excluído no imediato, que mais não fosse por equivaler à avalização do acordo israelo-egípcio de 4 de Setembro. Ora, a U. R. S. S. criticou este acordo, não só por ele ter sido concluído sob a égide americana, mas também por arrastar concessões demasiado importantes do Egipto. Deste modo, estão por preencher as condições de uma retomada de relações entre soviéticos e israelitas, tais como foram postas à delegação que visitou Moscovo evacuação dos territórios ocupados, aceitação de um Estado palestiniano e vontade de chegar a um regulamento global no quadro da conferência de Genebra. O que Moscovo pode esperar, em compensação, é explorar as debilidades de acordo israelo-egípcio e «punir» o presidente Sadat pela sua infidelidade, aproximando-se dos seus adversários, sírios... ou israelitas.

©«Le Monde»

Os livros da semana

Alice Nicolau

Dois livros sobre o Chile: «Chile, autores e réus» e «O que é o M.I.R.», são hoje referenciados nesta secção, que aparecerá na página 12 do «DL» todas as sextas-feiras. O primeiro, da autoria do jornalista brasileiro radicado entre nós, Fernando Dil, é uma edição da Forja, colecção Cadernos. Neste pequeno volume de 115 páginas, o leitor poderá documentar-se sobre as fases do ataque imperialista — e das várias operações com nome de código e tudo — contra o Governo de Unidade Popular. O ascenso do fascismo é-nos dado, por meio de extractos de diversos documentos, todos eles ligados entre si, por um trabalho jornalístico de quem sabe lidar com estes elementos dispersos e dar-lhes uma correcta sistematização. De salientar, sobretudo, a denúncia da interferência da Alemanha Federal nos acontecimentos. Trata-se de um elemento pouco divulgado entre nós e que reveste particular significado, dadas as abusivas intromissões que certos sectores alemães ocidentais têm ousado em relação ao nosso processo.

Em anexo, várias informações muito úteis: as conclusões da comissão internacional para a investigação dos crimes da Junta Militar do Chile. O Chile em números, e duas cronologias: a da história dos movimentos revolucionários e a do golpe. O livro contém ainda três fotos, uma das quais — o fuzilamento de oficiais progressistas — é, se não inédita em Portugal, pelo menos, muito pouco divulgada.

Quanto à bibliografia que acompanha o livro, é, na sua maioria, em língua alemã. Por um lado tem a vantagem de fornecer dados pouco utilizados em Portugal, mas tem o inconveniente de ser pouco utilizável para a maioria do público português que desconhece essa língua.

As Edições Afrontamento do Porto editam um volume de 77 páginas, «O que é o M.I.R.», composto na sua totalidade por um documento que aquela organização revolucionária chilena redigiu em Dezembro de 1974. O primeiro capítulo é uma análise de dez anos de luta do povo chileno, onde se expõem as origens do M.I.R. e as suas divergências com os partidos de esquerda tradicionais do país. Os capítulos restantes são dedicados aos seguintes temas: «Concepções fundamentais do M.I.R.», «A Estratégia do M.I.R.», «A construção do partido revolucionário do proletariado chileno», «O M.I.R. e a resistência popular contra a ditadura», «A luta das massas debaixo da ditadura», «A plataforma de luta no actual momento», «O caminho para o triunfo» e «A Organização do M.I.R.»

Consideramos que esta obra é importante para uma clara compreensão do caso chileno. E entendemos que as editoras portuguesas podiam lançar mãos ao trabalho, que sabemos pouco difícil: a edição de documentos de cada um dos partidos da Unidade Popular. Lembremos que Politique-Hebdo em França, editou colecções de textos das várias organizações da U.P., abrangendo os três anos do Governo de Allende. Hoje, será talvez possível enriquecer uma edição desse género, acrescentando-lhe textos da resistência e de análise sobre a queda do regime. Para além do interesse documental, desse trabalho, ele poderia constituir uma ferramenta indispensável para quem em Portugal luta pela Revolução. Estarão os editores portugueses dispostos a aceitar este desafio?

«Chile, autores e réus»; autor: Fernando Dil. Capa de Isabel Lobinho. Editora: Forja. Colecção: Cadernos. Número de páginas: 115. Data de impressão: Setembro de 1975. Preço de capa: 50$00.

«O que é o M.I.R.». Autor: Comité Central do M.I.R. Editora: Edições Afrontamento. Número de páginas, 76. Data de impressão: Setembro de 1975. Preço de capa: ?

Estrangeiro

DOZE OFICIAIS ESPANHÓIS ENCONTRAM-SE PRESOS

MADRID, 10 — (ANOP e R) «.. Segundo revelou ontem o gabinete de Imprensa da Quarta Região Militar em Barcelona, em relação com o processo contra nove oficiais presos em Julho em Madrid, acabam de ser presos mais três, que se encontram no quartel de Gerona à disposição do juiz instrutor, nomeado pela autoridade judicial daquela região.

Com estas três prisões, são já doze os altos oficiais, comandantes e capitães presos desde o dia 29 de Julho «com o fim de esclarecer os factos e aprofundar na responsabilidade em que, de acordo com o código da justiça militar, pudessem ter incorrido os sete militares» — afirma a referida nota oficial em que se revelava a prisão dos primeiros.

Passados dois dias foram presos mais dois capitães e consta que dezenas deles interrogados em várias cidades do país.

O motivo porque teriam sido presos aqueles oficiais, facto que levantou a maior emoção em toda a Espanha, estava relacionado supostamente com as actividades da União Militar Democrática, criada meses antes e que pretendia uma participação política mais ampla do Exército no processo evolutivo espanhol.

Esta organização tinha-se ampliado a vários quartéis e contava já com cerca de setecentos oficiais que se reuniam em pequenos grupos de auatro para não irem contra os regulamentos militares.

Foram acusados de «conspiração ou incitamento ao delito de conspiração e aguardam julgamento que poderá condená-los a vários anos de cadeia.

Se a pena ultrapassar os três anos, serão expulsos do Exército.

Consta que outros oficiais poderão ainda ser presos, mas em etapas sucessivas de modo a não causar grande alarme.

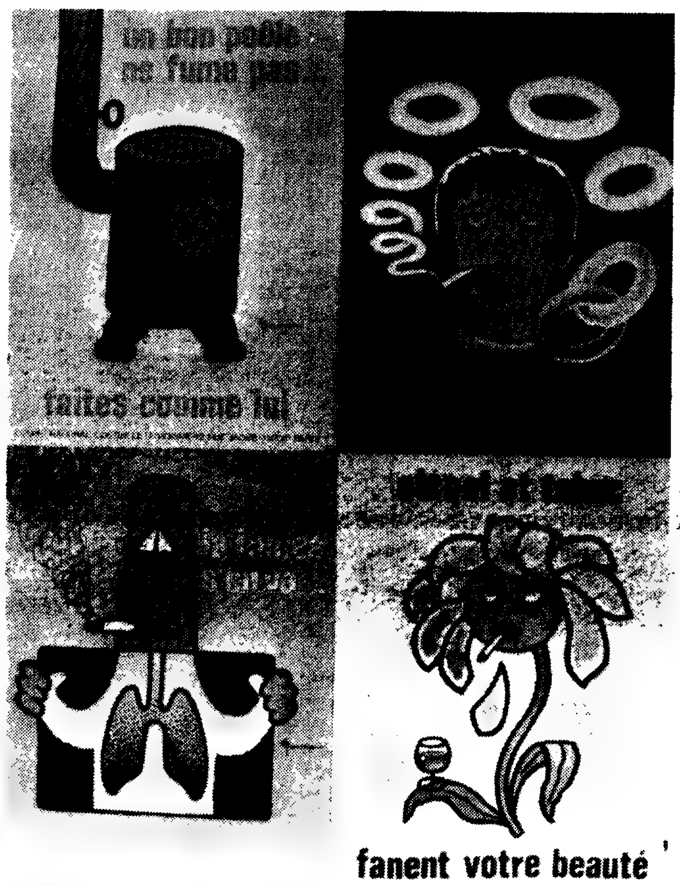
Espera-se hoje que o Governo do generalíssimo Franco anuncie novas medidas para combater o recrudescimento da violência da guerrilha em Espanha desde os fuzilamentos, em Setembro, de cinco homens acusados da morte de polícias.

O número de agentes da polícia que perderam a vida desde as execuções aumentou ontem para dez quando um guarda madrileno morreu dos ferimentos provocados pelas balas que o atingiram em 1 de Outubro.

Entretanto, embaixadores europeus, que foram chamados aos seus países como protesto contra as execuções do mês passado, começam a regressar a Madrid.

O último a voltar foi o embaixador austríaco Gerald Hinterregger, que veio ontem de avião. Foi precedido pelo enviado alemão ocidental Georg Von Lillienfeld.

Espera-se que sigam o exemplo os embaixadores da França, Suécia, Dinamarca, Noruega, Islândia e Finlândia — mantêm diréctos diplomáticos.



Simone Veil, ministro da Saúde da França, iniciou uma grande cruzada contra os perigos do tabaco. Da campanha fazem parte sugestivos cartazes. (Foto Keystone).

COMENTÁRIO

ENTRE XIRINACHS E SAKHAROV...

A Comissão Nobel de Oslo acaba de surpreender o Mundo, ou, pelo menos, aqueles que no Mundo se surpreendem ainda com estas coisas. Muita gente apostava em que o Prémio Nobel da Paz de 1975 seria atribuido ao padre catalão Xirinachs, destacado lutador antifascista, internacionalmente conhecido pelas suas várias prisões e greves da fome. Pareciam também disso estar convencidas as próprias autoridades espanholas, que, cautelosamente o libertaram da prisão nas vésperas do dia da atribuição do Prémio, não esperando pelos doze meses que ele teria ainda de cumprir para satisfazer a pena a que fora condenado.

Afinal quem veio a receber o Prémio foi o inventor da bomba de hidrogénio, o dissidente soviético Sakharov. Segundos os observadores, a atribuição do Prémio a este cientista constitui um teste feito à capacidade da U.R.S.S. para cumprir as cláusulas sobre direitos humanos a que se obrigou na Conferência de Helsínquia. Fossem quais fossem as razões alegadas ou supostas por observadores «imparciais», a verdade é esta: no último quartel do século XX, uma instituição de um país social-democrata escolhe premiar a «luta» de um dissidente de um país socialista, esquecendo um lutador obstinado contra o último regime fascista da Europa. A opção é clara e não carece de mais comentários. Estamos a pensar como seria doloroso para os capitalistas europeus dar outra bofetada em Franco, depois daquela semana exaltada de protestos contra o fuzilamento de cinco patriotas. Retirar embaixadores, fazer grandes declarações, apoiar manifestações de massas, tudo isso contra um país, que até é capitalista, que até pode ser amigo e aliado, que até é bem comportado nas relações internacionais, foi um esforço demasiado. Exige-se agora uma compensação. Premiar um dissidente soviético. Mostrar ao Mundo que Sakharov luta pela paz, que Sakharov é vítima de um «totalitarismo». Isto poderia [illegible]ssionar ainda [illegible]. Se por acaso [illegible]omissão Nobel [illegible] já premiado um «[illegible] pacifista», chamad[illegible] Kissinger, e se Sakharov não tivesse já mostrado o que defende: em Setembro de 1973, enviou ao general Pinochet uma mensagem de felicitações por ter libertado o povo chileno da ditadura comunista de Allende...

ALICE NICOLAU

CAMPANHA DE REPRESSÃO DESENCADEADA NO BRASIL

SÃO PAULO, 10 — (F. P.) — Quatro membros do Movimento Democrático Brasileiro, único partido legal da oposição, foram presos esta semana em Sorocaba, no Estado de São Paulo. Interrogado, um porta-voz do movimento disse que ignorava as razões destas prisões. Crê, todavia, que se relacionam com a campanha de repressão anticomunista desencadeada nas últimas semanas no Sul do país pela Polícia Política Brasileira.

São computadas em mais de cem as pessoas presas no Brasil desde o começo do ano no âmbito da campanha anti-subversão conduzida pelas autoridades.

ARBITRARIEDADES DENUNCIADAS

RECIFE, 10 — (A. N. O.P.) — O deputado pernambucano Jarbas Vasconcelos, do Movimento Democrático Brasileiro, anunciou anteontem na Câmara dos Deputados arbitrariedades cometidas contra presos políticos, no seu Estado, responsabilizando o governador Moura Cavalcanti, o secretário da Justiça, Sergio Higino Filho, e o director da penitenciária de Itamaraca, major Siqueira, por «quaisquer consequências mais graves da greve iniciada na segunda-feira», por 23 presos políticos da ilha de Itamaraca, no litoral de Pernambuco.

Depois de citar o manifesto das mães e esposas dos presidiários e o manifesto por eles divulgado no início da greve de fome, o deputado, acrescentou que «eles pretendem apenas um tratamento digno, humano e respeitoso: querem a volta dos dois presos transferidos para o Batalhão Dias Cardoso, Luciano de Almeida e Marcelo Mário de Melo, reclamam contra a precariedade de [illegible] uma tuberculose já constatada, solicitam o levantamento de censura à correspondência, aos livros, revistas e periódicos e, ainda, clamam pelo direito ao banho de sol».

Por outro lado, a secção de Pernambuco da ordem dos advogados do Brasil fez um apelo ao juiz auditor Alzir Carvalhães, para que vá imediatamente ao Recife a fim de tomar previdências em relação à greve dos presos políticos.

PRECONIZADA A UNIDADE SINDICAL MUNDIAL

PARIS, 10 — (F.P.) A Federação Sindical Mundial (F.S.M.), que reagrupa 160 milhões de aderentes, a maioria dos quais de países socialistas, deseja realizar acções convergentes ou mesmo unitárias com as outras centrais sindicais internacionais. É o que se salienta dos trabalhos do conselho geral da F.S.M., cuja reunião terminou ontem em Paris.

A F.S.M. considera-se encorajada nesta via pelo eco que as palavras de ordem de boicote à Espanha, lançadas simultaneamente, após a execução dos cinco militantes antifascistas espanhóis, pela Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (C.I.S.L., de tendência social-democrática), Confederação Mundial do Trabalho (C.M.T., de origem cristã) e F.S.M., e que culminaram, entre outras coisas no sucesso da «jornada antifranquista» de 2 de Outubro.

Para os dirigentes da F.S.M., as acções comuns podem ser orientadas em várias frentes, tais como a luta pelas liberdades sindicais e democráticas, auxílio aos países em vias de desenvolvimento e combate contra as sociedades multinacionais, tendo como objectivo a instauração duma nova ordem económica mundial. A este propósito, a F. S. M. apoia o projecto duma conferência sindical internacional relativa aos problemas de desenvolvimento, para fins de 1976, ou princípios de 1977.

ARMA METEOROLÓGICA USADA NAS HONDURAS?

LIMA, 10 — (ANOP) — A utilização pelos Estados Unidos da arma meteorológica contra o Vietname e as Honduras foi denunciada em Lima pelo presidente da Associação Peruana de Defesa contra a Contaminação e Envenenamento do Ambiente.

Edmundo Rey Riveros disse que os Estados Unidos estão a provocar [illegible] ciclones, inundações, secas e [illegible]

[illegible] o preço da banana — observou Riveros, acrescentando que os Estados Unidos [illegible] seca que fez perder a colheita daquele fruto.

ISRAEL ASSINOU O ACORDO INTERINO COM O EGIPTO

JERUSALÉM, 10 — (R.) — Israel assinou hoje o acordo interino de paz com o Egipto, abrindo o caminho às retiradas de efectivos militares de desfiladeiros estratégicos e de campos petrolíferos no Sinai ocupado.

O acordo foi firmado horas depois do Congresso dos Estados Unidos ter aprovado por 70 contra 18 votos o plano do presidente Gerald Ford de enviar cerca de 200 técnicos civis norte-americanos para guarnecerem postos de primeiro alerta no deserto do Sinai.

Israel rubricara já o acordo em Genebra, em Setembro.

A assinatura será seguida ainda hoje pela entrega das instalações petrolíferas de Ras Sudar, no Golfo de Suez, à técnica da American Mobil Oil.

Os egípcios ocuparão os campos petrolíferos de Ras Sudar, em 15 de Novembro, e os de Abu Rodeis, mais ao Sul, em fins desse mês.

A retirada de tropas israelistas dos estratégios desfiladeiros do Sinai, local dos postos de primeiro alerta, estará concluída em 21 de Fevereiro.

BATALHA EM BEIRUTE

BEIRUTE, 10 — (R.) — Grupos rivais de homens armados [illegible] numa batalha com foguetões e fogo de morteiros, durante a noite, mas Rádio Beirute informou hoje, de manhã, que parecia ter diminuido a violência da luta.

Nada se sabia acerca de vítimas em consequência da mais recente intensificação da onda de violência entre facções da direita e da esquerda em que perderam a vida, pelo menos, 65 pessoas nas 24 horas até à noite passada.

Nos últimos seis meses, morreram mais de 1500 pessoas.

O primeiro-ministro libanês, Rashid Karami, admitiu que as forças de segurança do seu país não estão equipadas para controlar a violência que lavra em Beirute e em Tripoli.

As observações do chefe do Governo foram feitas numa entreviste à Televisão, após uma reunião em Damasco com o presidente da Síria, Hafez Assad.

Entretanto, foi anunciado ontem, à noite, no Cairo que o Kowait pedira uma sessão de emergência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga Arabe para discutirem a crise libanesa.

O jornal do Rowait «Al-Hadaf» diz hoje que o Egipto, a Tunísia e Marrocos concordaram com o pedido.

ASSAD EM MOSCOVO

MOSCOVO, 10 — (ANOP) — O presidente Sírio Hafez Assad chegou ontem inesperadamente a Moscovo para «uma visita curta e amigável», nas palavras da agência oficial Tass.

Segundo a agência, Assad, que chefia uma delegação do Governo e do Partido Baas, foi cumprimento no aeroporto, à chegada, pelo secretário-geral do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, pelo presidente Nikolai Podgorny, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko e pelo ministro da Defesa Andre Gretchko.

A Tass não forneceu quaisquer detalhes sobre a visita, que não fora anunciada com antecedência e que ocorreu algumas horas depois de Assad ter concluido conversações em Damasco com o primeiro-ministro libanês, Rashid Karami.

HONDA 600 [illegible]
PEUGEOT 404 [illegible]
VENDEM-SE
Mostram-se na Garagem Sacor [illegible] Benfica.

Espectáculos

MUSICA

JAZZ E BAILADO EM MOSCAVIDE

«ARARIPA» NA COMUNA

Amanhã, na Casa da Comuna, haverá um concerto de Jazz pelo grupo «Araripa». Com inicio cerca das 21 e 30, o concerto pode ser visto e ouvido «largando» 20$00.

JAZZ E BAILADO EM MOSCAVIDE

«Os Bonecreiros» apresentam no próximo Sábado, dia 11, no seu Teatro em Moscavide, Rua António Maria Pais n.º 6, às 21,30, o grupo de Jazz «Plexus».

Também no dia 15, quarta-feira, às 21,30, será apresentado o grupo de bailado «Verde Gaio que dancará, por exemplo, as «Canções Heróicas» de Lopes Graca.

«Plexus» em Moscavide

Estes espectáculos inserem-se numa política de dinamização cultural que «Os Bonecreiros» pretendem levar a efeito, no seu local de trabalho, em Moscavide.

TEATRO

O FIM DOS "CASTRADOS"

O FIM DOS «CASTRADOS»

Termina amanhã a carreira da peça «Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados», na Casa da Comédia. Os trabalhadores da companhia cumprirão, ainda, alguns compromissos com algumas empresas e com a Câmara Municipal de Oeiras, enquanto activam os ensaios de uma nova peça, a estrear oportunamente.

«D CAIO»

O Perna de Pau, Teatro Infantil de Fantoches, apresenta amanhã, às 17 horas, no Teatro do Bairro Alto, Rua Tenente Raul Cascais, 1-A e 1-B, a peça «D. Caio».

CRIANÇAS À COMUNA

A Comuna-Teatro de Pesquisa», volta a apresentar, amanhã, a partir das 15 e 30, mais uma tarde infantil, com entradas gratuitas.

Além da apresentação do espectáculo «Bão», serão projectados filmes infantis.

Tal como habitualmente, tudo isto se vai passar na Casa da Criança, no casarão cór-de-rosa da Comuna, na Praça de Espanha.

Os «Castrados» em últimas representações.

ENCENADOR CATALÃO PARA A SEIVA TRUPE

Continuando apresentar por vários pontos do Norte do País o seu último espectáculo «Agora É Que a Porca Torce o Rabo», o grupo Seiva Trupe iniciou os trabalhodos para o seu próximo espectáculo, que deverá ser apresentado em princípios do próximo mês de Novembro.

Para o dirigir encontra-se na cidade do Porto o director de teatro catalão, Pere-Planella Reixach, que trabalhou em Nancy, no Cuiferd, com Michele Kokosomsky, foi professor da escola de Teatro Adriágual, dirigida por Ricard Salvat e, actualmente, é professor de expressão corporal e de interpretação do Instituto Superior de Teatro de Barcelona e director do grupo Gest.

Pere-Planella Reixach, que tem dirigido vários espectáculos para diversas companhias de Espanha, está a trabalhar com a Seiva Trupe num espectáculo sobre um texto de Brecht.

CINEMA

«BRANDOS COSTUMES»

O filme «Os Brandos Costumes», de Seixas Santos, será projectado, a partir de sábado, às 12 e 30, no Cinebolso. Única excepção: o domingo.

«SALMO VERMELHO»

«Salmo Vermelho», de Miclós Jancsó, e «Passeio Vermelho», de Jean Renoir, serão exibidos no próximo domingo, no Porto, numa iniciativa do Cine-Clube daquela cidade.

GISCARD E A PORNOGRAFIA

«Tomar a breve trecho medidas necessárias com vista a remediar os excessos actuais de certas produções cinematográficas»: eis o que o presidente da República francesa pediu ao Governo e aos profissionais de cinema, com o fim de travar a vaga de filmes «porno» que invade a França.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: AV. DA REPÚBLICA, 27 - 29 — TELEF. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

Convocam-se todos os delegados sindicais para uma assembleia a realizar no próximo dia 13.10.75.

A Ordem de Trabalhos é:

1 — Informações
2 — Verticalização
3 — Relações com a Intersindical

Apelamos para uma comparência maciça devendo **todos os delegados vir devidamente credenciados.**

Lx. 8.10.75.

Pela Direcção
Jaime P. S. Rodrigues

"TRIO HARMONIA": O MELHOR

Tal como em 1962 em Trossigen, Alemanha Federal, 1963 em Estrasburgo, França, 1969 em Winterthur, Suica. 1973 em Ieper, Bélgica, o conjunto português «Trio Harmonia» (constituido por Raul Mendes, Hermenegildo Mendes e José António Correia), voltou agora a conquistar pela quinta vez (tantas quantas concorreu), o título de campeão mundial de harmónica, em prova prestada em Offemburgo nos dias 4 e 5 de Outubro.

Entre os 89 concorrentes que representaram 12 países, Portugal ficou em primeiro lugar com a «Rapsódia Romena n.º 1», de Enesco, a Suiça em segundo e a Alemanha em terceiro.

Outro conjunto português esteve presente no certame o «Mendes Harmónica Trio», tendo obtido o quinto lugar da classificação.

A EXCEPÇÃO (BRECHT) E A REGRA (NÓS)

14. Homenagem a Helena Weigel

«Ela mostrava / Tudo o que era preciso / Para vermos uma mulher de pescador, mas não se transformava / Nessa mulher, representava/ Como se ao mesmo tempo estivesse ocupada a reflectir / Exactamente como se perguntasse a cada momento: como aconteceu isso? / Embora não pudessemos / Adivinhar o que ela pensava dessa mulher / Ela mostrava / Que dela tinha uma ideia, e desse modo convidada cada espectador / A ter a sua própria ideia». (B. B. Descrição do jogo de H. W.).

O filme sobre Helene Weigel constitui uma homenagem comovente a uma actriz genial e a uma espantosa mulher — dez réis de gente carregados de dinamite. Antes da projecção do filme, Werner Hecht um dos seus realizadores falou da sua experiência no Berliner Ensemble e da actriz, a quem se referiu como representando o tipo de intérprete que B.B. concebera. O filme foi realizado depois da morte de Helene Weigel que, contou Hecht, odiava os jornalistas e os realizadores de cinema, e em especial os entrevistadores da TV. Por isso, houve necessidade de recorrer a todo o material possível, incluíndo uma reportagem de 1928, desconhecida do público, e ainda a cenas de peças como «Mãe Coragem», e «A Mãe», de Gorki-Brecht. Além disso foi incluida uma entrevista gravada pouco antes da morte da actriz. Fizemos o filme, disse Hecht, como se se tratasse de uma declaração pessoal de H. W. sobre ela própria. H. W. morreu em 1971, com 74 anos. Saiu directamente da escola para o palco, sem ter passado pelo conservatório. Teve um êxito imediato. Os pais, que tinham uma loja de brinquedos em Viana, pensavam que não seria bonito a filha seguir a carreira teatral. Mas em 1922, depois do grande êxito que obteve, passaram a aprovar a sua decisão. Nessa altura, tornou-se conhecida em Berlim pelo facto de falar impulsivamente e de gritar como nenhuma outra. No filme, surgem alguns fotogramas do clássico «Metropolis», de Fritz Lang em que Helene Weigel surge em primeiro plano. Para nós, que não conhecíamos o filme, foi uma revelação.

Helene Weigel e Bertold Brecht conheceram-se em Berlim em 1923 e um ano depois tiveram um filho. Nessa altura, mais do que a actriz era a mulher que B. B. apreciava. Quando começou a trabalhar com o dramaturgo, H. W. passou por uma grande crise da qual ressurgiu com uma nova personalidade artística. O seu estilo de representação, muito exterior, como dissemos, interiorizou-se, de acordo com as indicações de B. B. Em 1930 casaram, e pouco depois tiveram um segundo filho. A nova personalidade interpretativa de H. W. coincidiu com a estreia da adaptação feita por Brecht do romance de Gorki, «A Mãe». Foi o último trabalho dos dois na Alemanha. Os novos senhores instalavam-se solidamente no Poder e os livros de Brecht, juntamente com os de outros escritores antifascistas, eram queimados na via pública pelas chamadas forças de ordem. O casal teve que abandonar tudo. B. B. nem sequer pôde receber os direitos das obras que tinham sido representadas no estrangeiro que estavam depositados nos respectivos países. Até esse dinheiro os nazis lhe apanharam (o que implica estranhas cumplicidades do mundo ocidental com o nazismo). Nessa altura, valeu-lhes o dinheiro da herança a que H. W. tinha direito, o que lhes permitiu constituir uma base para B.B. poder trabalhar.

Quando perguntavam a H. W. qual teria sido a sua contribuição para a obra de B. B., ela dizia, com a ironia brechtiana que era também sua, «Eu cozinhava bem». Na realidade, a colaboração de H. W. foi preciosa para o dramaturgo trabalhar numa relativa serenidade. Talvez o exílio fosse mais duro para ela do que para o escritor. É que Weigel não pôde representar durante 15 anos. Em 1939, Brecht escreveu «Mãe Coragem» destinando para o H. W. o papel da filha muda. Infelizmente, nenhum empresário escandinavo teve coragem suficiente para produzir a peça. Foi na Suiça, com a adaptação de «Antigona», que B.B. escreveu especialmente para ela, que H. W. reapareceu. Antes da estreia oficial, apresentaram o espectáculo numa pequena cidade provinciana porque ambos receavam as consequências que o longo afastamento da prática teatral pudessem ter tido sobre a actriz. Contudo, H. W. não só não tinha perdido qualidades como adquirira o pleno domínio delas, tendo atingido a maturidade.

Em 1948, regressam a Berlim, via Checoslováquia pois as autoridades ocidentais não os deixaram atravessar a R.F.A. Fundam na capital da R.D.A. o Berliner Ensemble, no mesmo Outono em que foi criado o novo país socialista. Antes disso, B.B. encenara «Mãe Coragem» no Stadttheater cujo sucesso logo tornou possível a fundação do Berliner Ensemble que se viria a consagrar como uma das maiores companhias do mundo (para não dizer a maior). B.B. indicou H.W. para a direcção da companhia, reconhecendo nela capacidades organizativas e coordenadoras que a carreira do Berliner Ensemble viria a confirmar. H.W. não participou como intérprete em mais de 13 ou 14 espectáculos, mas todos eles constituíram grandes sucessos.

Ao terminar a sua apresentação do filme, Hecht, que trabalhou durante 15 anos no Berliner Ensemble, acrescentou: «Talvez ao verem esta montagem possam aperceber-se por que esta mulher só precisava de assobiar para movimentar 300 pessoas. A sua força política decorria das relações humanas que sempre soube manter ao longo da sua vida.»

(CONTINUA) *CARLOS PORTO*

SERÃO MANSOS?

TOIROS NA "PIEDADE A FAVOR DA "MISERICÓRDIA"

A favor do Hospital da Misericórdia de Santarém, realizam-se três corridas de toiros durante a secular Feira da Piedade na capital do Ribatejo.

Para a corrida inaugural, que terá lugar na tarde de domingo dia 12, o cartel reúne os cavaleiros Dr. Fernando Salgueiro, Ribeiro Teles, Gustavo Zenkel, Emídio Pinto e Manuel Jorge de Oliveira.

Actua o grupo de Forcados Amadores de Santarém.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

PRIMEIRA CARTA ABERTA A V. EX.ª

Dizem que V. Ex.ª é um oficial progressista do M.F.A. Dizem-no pessoas altamente responsáveis. Que o não dissessem, já nos bastava para suficiente indício a confiança que a assembleia da Armada lhe reiterou.

Devo dizer-lhe, antes de mais, que lhe escrevo esta carta deveras traumatizado por acontecimentos destes últimos tempos: o saneamento à esquerda em diversos estabelecimentos militares e ministeriais, a ordem de ocupação das estações emissoras dada por V. Ex.ª com uma «explicação» mais alarmista do que todas as situações alarmistas aparentemente na origem da ordem de ocupação, o discurso de V. Exa. aquando da manifestação em que o P.P.D. participava, conforme se disse, meio por meio... Nesse discurso, euforicamente, V. Exa. incitava à disciplina, privilegiava a disciplina, apregoava e slogava a disciplina — como se os maiores responsáveis, os industriais da indisciplina colectiva não fossem os Soares e os Carneiros que o aclamavam e escolhiam para figura de prova da nova situação...

Nesse discurso, V. Ex.ª referia-se ao povo de Lisboa, ao verdadeiro, ao autêntico povo de Lisboa que estava na sua frente. Só por excessiva boa vontade se pode confundir o P.P.D. com o povo, entendendo-se por povo aquela parte da população que não vive da exploração que não vive da exploração do trabalho alheio e está interessada na construção de uma sociedade liberta de organização capitalista. Por excessiva boa vontade, por excessiva ingenuidade — ou por excessivo oportunismo.

O dom da palavra oral não é dado a todos. Eu não o tenho, pelo que estou em óptimas condições para entender os desentoados. Quando tenho de dizer alguma coisa, digo-o por escrito e mesmo assim sabe Deus. Mas lá vou fazendo o possível por me desenrascar.

Só que, desculpando os desentoados, os não absolvo quando desconhecem as suas limitações. E V. Ex.ª desconhece as suas limitações. V. Ex.ª não tem o dom da palavra — e teima em servir-se de um instrumento que não maneja bem. Daqui resultacertos... desencontros. Certos escorregabços que não seriam de tal modo graves, se não nos fizessem descrer do aval de progressismo concedido a V. Ex.ª.

. Quero que fique bem claro: eu não estou, de modo nenhum, a recusar-lhe o direito a esse aval. Quando muito, lamentarei que V. Ex.ª, por imprevidência ou incúria, possa molestá-lo. Com tudo quanto isso possa representar de prejudicial para o avanço revolucionário, a verdade é que o povo deste país começa a olhá-lo de lado — e mal vai a alguém quando o povo não olha, nem é olhado bem de frente.

Repare V. Exa.: se os pepedês avançam com pedras, paus e tiros, enquanto levam na boca o nome de V. Exa. o povo imediatamente conclui que V. Exa. não lhe pertence, pois pertence aos pepedês. Daí a cavar-se um fosso irreparável, é num instante. Daí à animosidade, é um ápice. Daí à indisciplina — é logo.

Compreenda: se os pepedês amaram Caetano; se depois amaram Palma Carlos; se depois amaram Spínola — nenhum outro nome que venha a seguir a estes no coração dos pepedistas pode encontrar um bom reflexo na imagem popular. Claro que o povo desconfia, mesmo que venha a pensar-se na possibilidade de o objecto nada ter a ver com o sujeito.

Desgraçadamente, V. Exa. como que se obstina em cavar na sementeira da ambiguidade. Ontem, mais uma vez, V. Exa. se aproximou mais de uma organização reaccionária. Dolorosamente viram-no os telespectadores afirmar que também para o P.P.D. o objectivo final era a instauração do socialismo na sociedade portuguesa...

Afinal V. Exa. quer ser progressista ou quer parecer oportunista? Afinal como se justifica esse carimbo de bom comportamento no passaporte de um vigarista, de um desordeiro, de um contra-revolucionário?

. V. Exa. pode garantir-se com as declarações programáticas. Mas já tem idade, experiência e oxalá tenha cultura bastante para compreender que o que se diz é uma coisa e o que se faz pode ser outra bem diferente. É na prática, na acção quotidiana, que se deve procurar a verdadeira natureza dos indivíduos. Que me importa a mim o lobo jurar e trejurar de dia, que é vegetariano, se à noite damos com ele, frenético, a assaltar as capoeiras?

Onde encontra, Excelência, as provas concretas de que o P.P.D. está com a Revolução, com a evolução pacífica do processo revolucionário?

É nos assaltos às sedes dos partidos progressistas?

É nas suas campanhas alarmistas?

É nos seus ataques ao M.F.A. progressista, indo ao ponto de pedir a sua dissolução?

É nas suas ligações originais com o poder da banca privada?

É na sua acção nos Açores, onde se vive hoje em dia um ambiente de verdadeiro terror fascista?

É na sua acção na Madeira?

É na sua profissão de fé social-democrata, a tal via que V. Exa. declarou não interessar ao projecto socialista em curso (ou em discurso...)?

As palavras de V. Exa. deixam-nos mergulhados em perplexidades. Muitos de nós pensarão que se V. Exa., progressista, diz que o P.P.D. é socialista é porque o é; muitos outros pensarão que se V. Exa. diz que o P.P.D. é socialista, então é porque V. Exa. não é progressista. Como desfiar esta meada, não sei. Nem sei se V. Ex.ª fala deimais ou se fala o que deve; se está de acordo com o que diz ou se, por falta do dom de palavra, não diz bem o que pensa. Se está de acordo com o que diz, porque o dizem progressista? Se não está, porque fala assim, sendo certo que para um político o acto de falar é uma importante acção política?

Não bastava, pelos vistos, a confusão abundante que por aí vai. Faltava, pelos vistos, que viesse alguém confundir-nos ainda mais. E que esse alguém, por mal dos nossos pecados, fosse precisamente V. Exa.

Muitos outros reparos merecia a intervenção de V. Exa. Mas esta carta já vai longa, V. Exa. tem mais que fazer.

E eu também.

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
Tel 35513 (AR REFRIGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo à tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA

Poema Eduardo Damas, Carlos Coelho, Jose Vilhena
Musica João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paião
MILÚ ★ CARLOS COELHO ★
AIDA BAPTISTA ★ OCTÁVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atracção nacional
HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL
O internacional VIP BALLET 18 esculturais bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

CENTRO DE PRODUÇÃO
Teatro Maria Matos
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco
«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.as Feiras
«ÚLTIMAS SEMANAS»
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA
contam:
AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS
Só até ao dia 11 as 21 30 h.
Sáb Mat às 16 h. T 607299
R. S. Franc. de Borja, 22

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
TEL. 32 71 72
ESPECTÁCULOS DEDICADOS ÀS CRIANÇAS DE LISBOA
DOMINGO, 12 DE OUTUBRO, AS 15.30 H.
COM A COLABORAÇÃO DO TEATRINHO TICO-TICO
«A BONEQUINHA DE TRAPO»
PEÇA INFANTIL EM 3 ACTOS
ENTRADA GRATUITA
BILHETES EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA DO TEÁTRO DAS 14 ÀS 20 H.
MAIORES DE 4 ANOS
SÁBADO, 11 DE OUTUBRO, ÀS 15.30 H.
FANTOCHES NO SALÃO DA PLATEIA PELO TEATRO BRANCA-FLOR
ENTRADA LIVRE M/4 ANOS

CASINO ESTORIL

EMENTA SEMANAL
COZINHA REGIONAL PORTUGUESA
JANTAR/150.00 (taxas e impostos incluídos)
APRECIE A CULINÁRIA NACIONAL
E ASSISTA A UM "SHOW" INTERNACIONAL

Hoje

Marlène Dietrich

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Ver e Pensar** — rubrica produzida pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Largo do Pelourinho** — um programa de Isabel da Nóbrega.
19.55 **Relatório**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Mundet** — um programa da Cinequanon.
21.35 **Eurovisão** — Jogos Sem Fronteiras
23.15 **Telejornal** — 3.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e **«O Perigo é a Minha Profissão»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Noite de Cinema** — «O Expresso de Shangai» — um filme produzido em 1932. Realização de Joseph von Sternberg, com Marlène Dietrich e Clive Brook.

Incluído no ciclo cinematográfico dedicado a dois grandes vultos da cinematografia — um director, Joseph von Sternberg, e uma actris, Marlène Dietrich — a RTP apresenta hoje (10-10) na «Noite de Cinema» do seu II Programa a grande-metragem «O Expresso de Shangai». Trata-se de um filme de 1932, em cujo elenco figuram, ainda, Clive Brooks, Anna May Wong, Warner Oland e Eugene Pallette. Conta-se no enredo como o capitão médico Harvey (C. Brook), do Exército britânico, encontra no famoso comboio a mulher por quem estivera seriamente apaixonado — Shanai Lily (M. Dietrich), então dedicada a exploraçao dos seus inegaveis encontros femininos junto de homens ricos. O expresso vai no último troco da viagem, golfando vapor por trilhos que passam por um território conturbado pela Revolução. O seu caminho é bloqueado pelos rebeldes; Harvey verá perigar a sua vida e talvez a descobrir uma Lily que julgava para sempre perdida.

23.40 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras (21.35)

II PROGRAMA

Noite de Cinema — «O Expresso de Shangai» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Da Saúde e da Vida; **13.00:** Retrospectiva — revista desportiva; **13.15;** Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** Hoje Pode Ver — os programas dos teatros e cinemas e da TV; **13.40:** Rock em Stock — um programa de música jovem; **14.35:** Falar de Educação; **15.05:** «Salto Mortal» — série alemã com histórias do mundo fascinante do circo; **16.05:** Ensaio — um programa produzido pelos trabalhadores da Planigrafe: **17.00:** Desenhos Animados: **17.25:** Expedição — documentário; **18.00:** «Ilha do Tesouro» — segundo a obra de L.R.Stevenson — «A Embaixada de John Silver» — com Michael Ande e Dante Maggio. Realização de Wolfgang Liebensiner; **18.30:** Cinema de Animação — um programa de Vasco Granja; **19.00:** Cada Dia Uma Esperança — pelo dominicano Luis de França; **19.15:** Cartaz TV; **19.30:** Panorama do Cinema que Nós Vemos: **20.30:** Telejornal — 2.ª edição; **21.00:** Há Só uma Terra; **21.30:** Noite de Cinema — «Farrapo Humano» («The Last Weekend») — ano de produção: 1945. Realização: Billy Wilder. Intérpretes: Ray Milland e Jane Wyman; **23.15:** Telejornal — 3.ª edição; **23.30:** Fexho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; **20.15:** Stop — um programa sobre trânsito; **20.30:** «O Perigo é a Minha Profissão»; **21.00:** Da Saúde e da Vida; **21.10:** Retrospectiva; **21.30:** Telejornal — a 2.ª edição em diferido do I Programa; **22.00:** «Jane Eyre» — série filmada produzida pela B.B.C. baseada no romance homónimo de Charlotte Brontë; **22.45:** A Gente que Nós Somos; **23.30:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim

FUTEBOL: MILITARES A 7$50

Remodelação no esquema administrativo da Federação de Futebol, com a criação de um quarteto que divide, entre os seus componentes, as tarefas anteriormente conferidas em exclusivo ao secretário-geral. Assim, temos: o major Manuel Arrabaça na secretaria, César Grácio, no planeamento e controlo técnico, Germano Óscar nos serviços financeiros e o prof. Marques de Matos nos serviços de estudos jurídicos e contencioso. Entretanto, elementos da direcção federativa foram recebidos pelo general Carlos Fabião. Assunto versado: o modo de ingresso de militares nos campos de futebol. Segundo um estudo que será submetido a assinatura do Estado Maior dentro de dias, cada militar, desde que se apresente fardado, pagará, esc.: 7$50 por bilhete de ingresso nos campos em que se disputem jogos de futebol das divisões nacionais, terminando a possibilidade de entrada nos estádios com um bilhete daquela importância a servir para dois militares.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

. Reina (de seu nome próprio Henrique Evaristo Efigénio) foi aos 38 anos de idade, obrigado a um exame de consciência: o adeus dado ao futebol (no Olhanense) implicou que, para ganhar o sustento de cada dia, fosse obrigado a acarretar bidões com leite, em Almada. Em tempos não muito recuados, Reina conseguira emprego num estabelecimento bancário olhanense: perdeu o lugar porque tinha de treinar futebol todos os dias...Agora, na hora da despedida, o clube ofereceu-lhe o posto de treinador de juniores e juvenis, com o ordenado mensal de quatro contos. Reina (dois filhos e mais família a cargo) fixou-se no Quarteirense como jogador-treinador. Vinte e um anos depois de ter dado os primeiros pontapés no Estádio Padinha, aí temos Reina dependente de uma (possível) festa de homenagem e, sobretudo, à espera de sorte que possa proteger a sua vida futura.

. Já depois do calendário do torneio ter sido organizado (pela Associação de Futebol de Faro) o Sport Lisboa e Fuzeta informou que, por impossibilidade de formar equipa, não concorre ao campeonato algarvio de juniores.

Por não terem legalizado a situação de todos os seus jogadores, na temporada passada, foram desclassificados do regional lisboeta masculino de voleibol (3.ª divisão) as turmas da Escola de Instrutores de Educação Física, Carnide Clube e Sociedade Ordem e Progresso.

Rocha Dinis sucede a Milton, no cargo de treinador de futebol do Ala-Arriba. Razão invocada para a substituição: a turma não tem sido feliz nas suas exibições.

Por terem usado braçadeiras negras, num jogo disputado 24 horas depois da recente execução de cinco militantes espanhois, dois futebolistas do Santander (Uriarte Aitor Aguirre e Sergio Manzanera) foram agora multados em 100 000 pesetas cada um pelas autoridades espanholas.

Os dois jogadores foram detidos pela Polícia logo após o jogo (a 29 de Setembro) e, interrogados sobre o motivo do uso das braçadeiras. Aguirre (um basco como dois dos executados) e Manzanera (amigo de um dos cinco condenados) responderam que estavam de luto «por razões particulares».

ONTEM

No decorrer de um encontro com os órgãos de Comunicação Social, o Comité Olímpico Português tornou público o plano da sexta Assembleia Geral dos Comités Nacionais Olímpicos Europeus, que vai desenrolar-se em Lisboa, de 16 a 18 do corrente.

HOJE

Esta noite (20 e 30) efectua-se, no ginásio-sede do Barreirense, uma assembleia geral dos associados do clube. Motivo-base: a discussão do eventual aumento do preço de quotas.

Para os amantes do boxe, parece que há espectáculo no Parque Mayer. Não damos a certeza, porque não recebemos qualquer informação a respeito. Provavelmente, a sessão prevista terá sido anulada: ou pouco merecedora de publicidade.

Se mora na Cova da Piedade ou é adepto do Desportivo local, tome nota: este noite, processa-se uma assembleia geral para eleição do presidente do conselho fiscal.

Para os «fans» do Belenenses, dia de festa: no Restaurante «O Peixe» (em Belém) comemora-se, durante um jantar, o 56.º aniversário da colectividade do Restelo.

PORTUGAL

O sector de formação da Direcção-Geral dos Desportos, em colaboração com a Federação de Andebol, organizará 4 cursos de monitores até final do corrente ano. Está, também certa a realização de 2 cursos de treinadores-estagiários. Para 1976, pensa-se terminar proximamente um plano mais vasto de acções de formação, que serão oportunamente anunciadas.

O Benfica empossou os responsáveis por diversas comissões desportivas. Nomes e secções: Leonor Henriques (atletismo), Luis Negrão (actividades submarinas), eng.º Armando Costa (basquetebol), José Teles (bilhar), José Ribeiro (campismo), José Soares (ciclismo), João Sotto-Mayor (cicloturismo), Alvaro Gião (hóquei em campo), dr. Renato Figueiredo (xadrez), Luis Nascimento (voleibol), Hermenegildo Neto (hóquei em patins), Manuel de Oliveira (luta), Fernando Valério (motorismo), Fernando Silva (natação), Ferrer Monteiro (patinagem artística), Manuel Moreira (pesca desportiva), Carlos Ferreira (râguebi) e Jorge Cunha (ténis de mesa).

Nos planos da Federação de Ginástica inclui-se o lançamento de uma campanha sobre minitrampolim, extensiva a todos os escalões etários de ambos os sexos.

Jornadas da Juventude, em futebol de cinco: Coimbra (por iniciativa da União da Juventude Comunista) tem aplaudido vários praticantes, que actuam no Estádio Universitário e no campo da Palmeira. Jogos amanhã e depois, alargados a quatro séries.

Dia do Clube, para os associados do Sport União Sintrense que, no domingo, queiram assistir ao embate do seu emblema com o Esperança de Lagos, a contar para o nacional futebolístico da 3.ª divisão.

O técnico Ricardo da Costa Ferraz foi nomeado coordenador do Plano de Desenvolvimento do Boxe. Desta modalidade vão realizar-se torneios destinados a praticantes juniores, ao mesmo tempo que parece ser propósito da D. G. D. auxiliar o fomento da prática do pugilismo ao nível de amadores, contemplando os clubes com equipamento para treino e pagamento a técnicos especializados.

Os hoquistas internacionais Livramento e Américo Solipa encontram-se impedidos de jogar: Livramento fracturou o dedo polegar da mão esquerda e Solipa foi operado a apêndicite aguda.

RARIDADES

Matateu é, actualmente, treinador de futebol em Vancouver (Canadá).

A equipa ciclista do First Portuguese, de Toronto, é orientada pelo antigo praticante «leonino» José Calquinhas.

Rui Ariz e Costa Leite, dois basquetebolistas juniores vindos de Moçambique, ingressaram no Benfica. Particularidade curiosa: no grupo de «encestadores» da primeira categoria do clube da Luz apenas três resistentes saltaram da passada época (Aniceto, Machado e Robalo). Entretanto, foram promovidos diversos juniores: Jaime, Barata, Vasco Galante, Ferreira e Luis Lopes.

Pataca, momentaneamente orientador dos juniores do Sport Lisboa e Olivais, recebe, no domingo, a medalha de «exemplar comportamento», conferida pela Federação de Futebol ao praticante que jogou durante 17 anos em vários clubes (Benfica, Barreirense, etc.) sem sofrer qualquer castigo.

O mestre Tetsnig Marukali vai preparar, em Famalicão, um curso de karaté. José Barbosa («cinturão castanho») será o seu coadjuvante.

O futebolista Sheu, do Benfica (Sheu-Han, 22 anos, filho de pai chinês e mãe africana) tem sete irmãos, tem o curso

Continua na pág 17

ROGÉRIO PAULO E O ANDEBOL DA INATEL

Quando da deslocação de uma equipa de andebol de sete da Inatel à U.R.S.S., causou justificado assombro a inclusão, na caravana desportiva, do actor Rogério Paulo que, segundo o texto remetido pela entidade viajante à Imprensa, dirigia o grupo dos rapazes que iam ver desporto.

Teceram-se, então, os mais variados (e acres) comentários. Agora, colocando os pontos nos ii, o nosso amigo Fernando Chambel, da Comissão Administrativa da Inatel, surge a terreiro com o correcto esclarecimento do facto: e o insólito transforma-se, pura e simplesmente, num erro dos serviços da Inatel, como se pode notar na carta pessoal que houve a gentileza de nos remeter. E, onde se pode ler:

«Por lapso dos nossos serviços, saiu para os jornais uma nota em que se dizia que acompanhavam a equipa, como dirigentes, os colegas da Comissão Administrativa, dr. Sabino Guedes Lebre e Rogério Paulo. Ora a realidade é outra:

«1 — O dr. Guedes Lebre e o Rogério Paulo deslocaram-se à União Soviética a convite do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, para estabelecerem as bases de um futuro convénio a firmar entre o Inatel e o referido Conselho, respeitante a Turismo Social, Actividades Culturais e Intercâmbio Dessportivo a nível de trabalhadores.

«2 — Este convite estava programado a partir de Março passado, mas foi de todo impossível aos meus dois colegas deslocarem-se mais cedo.

«3 — O Conselho Fiscal propôs que os dois fossem no mesmo avião em que se deslocou a nossa equipa de andebol, mas com outro programa e outros objectivos.

«4 — Efectivamente, o dr. Guedes Lebre e o Rogério Paulo estiveram sempre em Moscovo e três dias em Volgograd, enquanto a equipa seguiu imediatamente para o Mar Negro, onde disputou os encontros aos quais, logicamente, os meus dois colegas não puderam assistir.

«Inclusivamente, diferentes foram os departamentos que atenderam as duas delegações, pois de duas delegações se tratava, que apenas coincidiram no voo. Os meus dois colegas conferenciaram, como é óbvio, com as cúpulas do Conselho, pois um convénio terá que ser firmado pelas administrações dos dois lados. Em resumo: deslocaram-se no mesmo avião duas delegações do Inatel, com objectivos diferentes e trabalhos distintos. Mais uma vez pedimos desculpa de um erro de informação de que nos coube, em parte, as culpas».

Pronto, fica tudo em pratos limpos. Rogério Paulo não foi à U.R.S.S. no comando de qualquer embaixada desportiva. O facto é que isso deveria ter sido informado à Imprensa em termos esclarecedores: e, infelizmente, o sector de divulgação das actividades do Inatel falhou por completo, quando associou o nome do artista (e dirigente do Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres) aos rapazes que, com a melhor das boas vontades e todo o entusiasmo pelo inesperado passeio, foram até à U.R.S.S. brincar ao andebol. O esclarecimento do Inatel, firmado pelo amigo Fernando Chambel, acaba com situações dúbias. Venha de lá esse abraço e até qualquer dia.

N.DE S.

ANDY WARHOL

"HEAT"

O CIO

SATELITE

"FLESH"

O PROSTITUTO

estúdio

"TRASH"

O VÍCIO

CINEMA CASTIL

animatógrafo

Desporto

Sheu: trabalho e estudo

Continuação da pág. 16

para montador-electricista e estuda outras matérias com explicadores particulares, de modo a conseguir concretizar aquilo que o pai (industrial de pesca, em Inhassoro, Moçambique) sempre lhe pede nas suas cartas: um curso que acautele o amanhã de qualquer chutador.

«Espionagem» no futebol: José Maria Pedroto vai à Checoslováquia observar, a 27 e 28 do corrente, as selecções daquele país e da Inglaterra, que irão confrontar-se em «AA» e «esperanças». Mário Wilson, por incumbência do Benfica, desloca-se à Hungria para, a 18 deste mês, ver em acção a turma do Ujpest. Por seu lado, para não ficar atrás, o Sporting remete um dos seus técnicos (Fernando Mendes, muito provavelmente) ao jogo que, amanhã, o Vasas disputa (em Budapeste) para o campeonato húngaro.

AGENDA

Datas previstas para o início dos campeonatos lisboetas de voleibol: a 1 de Novembro seniores masculinos e femininos da 1.ª divisão, mais os masculinos do segundo escalão; a 15 do mesmo mês femininos da 2.ª divisão e masculinos do 3. bloco, além de juniores (masculinos e femininos); 22 de Novembro juvenis (masculinos e femininos); a 7 de Janeiro iniciados (masculinos e femininos).

COMENTÁRIO

Imaginava-se que o First Portuguese, composto por elementos que trabalham e só depois brincam ao futebol em terras canadianas, era um grupo de chutadores sem força física nem contexto técnico para se opor, cabalmente, a qualquer «team» profissionalizado: mas, o desfecho do seu primeiro cotejo (efectuado no Bonfim, frente a uma mescla de elementos do Vitória de Setúbal, em face da ausência por lesão de diversos titulares do «onze» de Mário Lino) veio em desacordo com a ideia preconcebida. De facto, o 0-0 verificado no estádio de Setúbal, foi mero fruto de um acaso: ontem os rapazes do First, actuando nas Antas, perante um F. C. Porto sedento de conquistar aplausos do seu público, cairam rotundamente, baqueando de modo incontroverso e irremediável. Foi, «apenas» por 10-0. Nada mais a acrescentar, portanto, que as linhas e o nome dos goleadores:

PORTO — Tibi (Rui); Murca, Alhinho, Simões (Teixeira) e Gabriel; Octávio e Seninho (Gomes) Oliveira, Ademir, Cubillas e Dinis (Júlio).

FIRTS — Maus; António Carlos (Pirollas), Teófilo, Herminio (Norberto) e Jimy; Jorge Félix e Serrão (Owen); Michael, Campinense (Jaime) Rilla e Lázaro.

Tentos por: Seninho, Ademir (2), Octávio (2), Oliveira (3) e Cubillas (2). Factos notórios: a estreia (calma) do ex-sportinguista Alhinho no «team» caseiro e o aparente prejuizo que este resultado significa para os futuros intervenientes de jogos com o First, que sofrem (para já) largo decréscimo de interesse nas bilheteiras. Um chamariz que se esfumou.

OPINIÃO

O presidente do Comité Olímpico Internacional, «Lord Killanin, afirmou que o mundo do desporto não estava a tomar quaisquer medidas contra Espanha, por causa das recentes execuções. **O Comité Olímpico não tem que considerar os problemas internos de cada país, a menos que esses problemas afectem os atletas** — disse Killanin, que se encontra na cidade do México, para os Jogos Panamericanos.

Palavras de otelho (guarda-redes do Boavista) ao nosso colega «Record»:

«Quando, aos 27 anos, resolvi transferir-me para o Boavista tive a consciência total de que era como se recomeçasse a aprender tudo de novo. E assim sucedeu. Constatei rapidamente que não tinha a atenção necessária, nem reflexos, nem facilidade em sair aos cruzamentos. Tudo isso pelos quatro anos que andei a jogar, quando jogava, na reserva do Sporting sabia que ia encontrar um dos melhores guarda-redes portugueses, mas também sabia que tinha capacidade para competir com ele. Afinal de contas nunca fui compreendido, todas as hipóteses que tive me foram tiradas e pelo meio, e para cúmulo, ainda me foram surgindo alguns azares.

Desmoralizei bastante, mas a verdade é que nunca me preocupei com o Damas. Não atribuo culpas a ninguém só sei que no início das épocas aparecia, normalmente, como titular e depois, quando chegava a altura do Campeonato Nacional, já não tinha direito a nada. Estava ali para tapar furos e mais nada.

Mas a verdade é que no Sporting para além da categoria do Damas tive sempre que defrontar o seu nome e tenho quase a certeza de que digo, ao afirmar que foi o nome dele que me tirou a possibilidade de ser titular no Sporting.

E o futebolista conclui esse pedaço da sua evocação, dizendo

Se fosse hoje que me surgisse a oportunidade de ir para o Sporting, já não iria.

O futebolista Nelinho (Joaquim Manuel Rodrigues da Silva Marques, cuja «carta de desobrigação», adquirida pelos «encarnados» ao Palmense, custou 500 contos) esteve a jogar em Espanha, pelo Orense, que obteve o seu concurso mediante uma entrega de 450 contos ao Benfica. Retornado ao serviço do clube da Luz, o dianteiro explica-se, em Record»:

Na minha anterior passagem pelo Benfica, tive «mister» Hagan como treinador. Um treinador que mandava um homem lá para dentro para jogar uns 15 ou 20 minutos, quando muito. Um jogador é atirado para o campo para safar as coisas quando estão tremidas: ou para disputar o resto de um jogo que já está desde há muito tempo resolvido. Não ha qualquer especie de estimulo para um jogador, numa situação destas.

LÁ FORA

Resultados de jornada de abertura da fase semifinal do Campeonato Brasileiro de Futebol: São Paulo-Fluminense, 1-0; Goiás-América (Rio Janeiro), 2-0; Atlético (Minas Gerais)-Internacional, 0-2; Guarani-América (Rio Grande do Norte), 1-1; Grémio-Remo, 4-0 e Curitiba-Figueirense, 1-2. Classificação no grupo 1: Guarani (São Paulo), 1 jogo / 1 ponto; Atlético (Minas Gerais), 1/0; América (Rio de Janeiro), 1/0; Fluminense (Rio de Janeiro), 1/0; Remo (Pará), 1/0; e Curitiba (Paraná), 1/0. Ainda não jogaram: Cruzeiro (Minas Gerais), Palmeiras (São Paulo), Corintians (São Paulo) e Tiradentes (Piauí).

Grupo 2: Internacional (Rio Grande do Sul), 1/3; Grémio (Rio Grande do Sul), 1/3; Goiás (Goiás), 1/3; São Paulo (São Paulo) 1/2; Figueirense (Santa Catarina), 1/2 e América (Rio Grande do Norte), 1/1. Estão ainda sem jogar: Vasco da Gama (Rio de Janeiro); Santa Cruz (Pernambuco), Sport (Pernambuco), e Flamengo (Rio de Janeiro).

Moçambique teve o seu primeiro campeonato nacional desportivo. Aconteceu em ténis e o vencedor foi António Castro Trindade: portanto, o primeiro moçambicano a ostentar um título nacional do seu país. Aos 42 anos de idade, Trindade é considerado o mais completo desportista de Moçambique, pois pratica (e já ai ganhou títulos) modalidades como o hóquei patinado, as corridas em patins, o badminton, o xadrez e o ténis de mesa.

Num torneio de judo efectuado em Bucareste (Roménia) o português António Roquete classificou-se em 3.º lugar, na categoria de meios-médios juniores.

Uma defecção em massa (sem precedentes) de jogadores designados e a crescente incerteza sobre a situação em Espanha, criaram novas dúvidas sobre a realização do encontro de futebol marcado para domingo, em Barcelona, entre a Dinamarca e a Espanha, para a Taça das Nações. Hoje, de manhã doze dos 16 jogadores seleccionados pediram escusa de irem a Espanha, estando a Federação Dinamarquesa a procurar substitui-los. Nenhum dos jogadores desistentes alegou motivos políticos mas, sim, lesões e doenças. As mais diversas...

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34 - 1.º, Lisboa — Telef. 770274

CONVOCATÓRIA

Os Sindicatos signatários convocam todos os trabalhadores dos TRANSPORTES RODOVIÁRIOS para um Plenário a realizar no próximo dia 13 de Outubro de 1975, segunda-feira, pelas 21.00 horas, no PAVILHÃO DOS DESPORTOS com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

— TOMADA DE POSIÇÃO DOS TRABALHADORES CONTRA A OPOSIÇÃO DEMAGÓGICA E CONTRA-REVOLUCIONÁRIA DAS ENTIDADES PATRONAIS NAS NEGOCIAÇÕES DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO.

A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

EM FRENTE POR UM CONTRATO VERTICAL JUSTO!

UNIDOS VENCEREMOS!

OS SINDICATOS SIGNATÁRIOS

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Tel. 57 40 73 — LISBOA

SINDICATOS E REFORMA AGRÁRIA

Tendo a Direcção deste Sindicato tomado conhecimento, através dos órgãos da Informação dos dias 7 e 8 de Outubro de 1975, da sua suposta adesão à Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária, referida como certa, numa conferência de Imprensa dada pela referida C R A R A, vem esta Direcção esclarecer o seguinte:

1 — A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, nunca foi contactada por qualquer elemento da CRARA, pelo que não só a ignora como igualmente afirma ser destituído de verdade a notícia de apoio por parte deste sindicato.

2 — A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, manifesta o seu apoio à Reforma Agrária como forma de extinção da exploração capitalista, tendo em vista a construção da sociedade socialista.

Lisboa, 8-10-75.

Pela Direcção

Jaime P. S. Rodrigues

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 · tel. 82 02 21 / 83 46 58

ÁLVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 · (Benfica) · tel. 70 69 74 / 5

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) · tel. 84 88 64 / 5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

CURSOS INTENSIVOS P.ª ADULTOS E

Agora, também, abertos aos ALUNOS MENORES

URGENTE SABER

Como tomaram o poder em 1917, com a força das armas, os trabalhadores russos. Veja o filme OUTUBRO todos os dias no Cinema Universal às 15 e 21 h.

Como é feita a perseguição aos proletários em luta pelo aparelho de estado burguês. Veja o filme A GREVE todos os dias no Cinema Universal às 17 e 23 h.

Como é uma cooperativa agrícola animada de verdadeiro espírito revolucionário e anti-burocrático. Veja o filme A LINHA GERAL todos os dias no Cinema Universal às 19 h.

Urgente ver e rever estes filmes de SERGEI EISENSTEIN, o realizador de COURAÇADO POTEMKINE.

Cópias novas em 35 mm., com legendas em português.

CINEMA UNIVERSAL - Rua da Beneficência, nº 175 Lisboa.
Telefone - 77.44.02 (aceitam-se marcações por telefone)

Geral

A. Melo, L.DA

Sede — Lisboa, Av. Almirante Gago Coutinho, 137
Sucursal — Luanda (Angola), R. Mousinho de Albuquerque, 33 e 37

É convocada a assembleia geral extraordinária desta sociedade para reunir no estabelecimento da sede social pelas 15 horas do dia 10 de Novembro próximo futuro a fim de apreciar e votar o projecto da sua cisão simples e o parecer que o revisor de contas sobre ele emitiu.

O projecto de cisão e o parecer do revisor de contas podem ser consultados na sede social e na sucursal pelos sócios e credores até ao dia da assembleia.

Lisboa, 7 de Outubro de 1975

O SÓCIO GERENTE
António Paulino de Melo

Em LAGOS o DIARIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

INTELECTUAIS PORTUGUESES PEDEM A DEMISSÃO DO GOVERNADOR DA MADEIRA

Em Assembleia geral do M.U.T.I. — Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução — foi aprovada por aclamação uma moção de protesto «contra a atitude inqualificável e antipatriótica do governador da Ilha da Madeira», pedindo-se que sejam tomadas enérgicas e eficazes providências, designadamente a demissão imediata do governador.

A assembleia realizou-se no passado dia 7 e a moção foi aprovada com base nas notícias procedentes do Funchal e relacionadas com a ocupação da estação regional da Emissora Nacional, por retornados das ex-colónias e indivíduos ligados à Flama. Ao longo desta assembleia dos trabalhadores intelectuais, viria ainda a ser pedida a publicação de um diploma de abolição da «colónia», «verdadeira instituição feudal que permite aos donatários da ilha explorarem os camponeses».

Manifestações de solidariedade com os trabalhadores metalúrgicos e de repúdio pelo encerramento do C.I.C.A. do Porto, foram outras propostas, igualmente aprovadas por aclamação.

D. MARIA LOURENÇO GAMA DE ALMEIDA

Faleceu em Ponte de Sor a sra. D. Maria Lourenço Gama de Almeida, natural de Benavila, esposa do sr. Mário de Almeida, nosso prezado correspondente naquela vila alentejana. O funeral constituiu uma impressionante manifestação de pesar.

À família enlutada, e em especial ao sr. Mário de Almeida, apresentamos sentidas condolências.

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE DOIS GRUPOS ELCTRO-BOMBAS DESTINADOS À ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DOS OLIVAIS

10.ª AMPLIAÇÃO

ANÚNCIO

Faz-se público que foi prorrogada para o dia 28 de Outubro de 1975 a data da abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 27 de Outubro, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Lisboa, 9 de Outubro de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

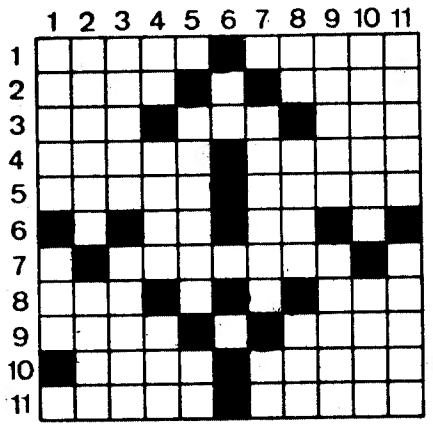
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11207

HORIZONTAIS

1 Carepa. Nome de peixe.
2 Rezai. Xaile das mulheres indias e parses.
3 Maior. Preposição. A família.
4 Presa com elos. Produz vezo em.
5 Mediu com rasa. Movas os remos.
6 Idem. Pronome pessoal.
7 Guarnecerias de asas.
8 Chefe etiope. Pega.
9 A Irlanda. Içar.
10 Lavras. Cidade e porto de França.
11 O mesmo que Arauás. Lavrais.



VERTICAIS

1 Gastar. Greda branca.
2 Armadilhas para pássaros. Lavrar.
3 Curas. Agarrara.
4 Letra grega. Numeral cardinal. Recusa.
5 Cumprimentar. Sua Santidade.
6 Beril (s.q.)
7 Pessoa que sofre muito. Tempo do verbo haver.
8 Campeão. Filão. Rio da Suíca
9 Amofinem. Livra.
10 Satisfação. Tempo do verbo ir (inv.)
11 Encolerizas. Oportunidades.

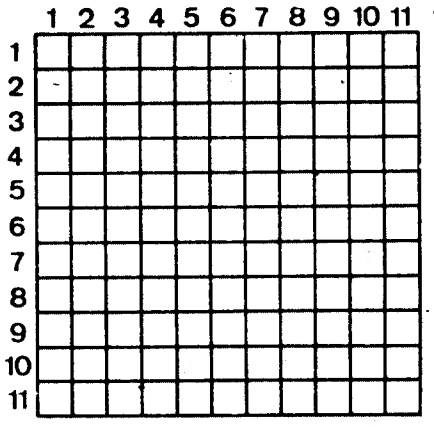
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7366

HORIZONTAIS

1 Produz. Esteiro. Preposição.
2 Segundo. Mouca. Catedral.
3 Patas. Braço de mar.
4 Dais mios. Avalias.
5 Fundadora de Cartago. Vila e sede do concelho de Coimbra.
6 Érbio (s.q.) Preposição latina que designa movimento.
7 Guarnecia de asas. Tempo fraco entre os Gregos.
8 Moeda de prata espanhola. Pesquisai.
9 Peixe fluvial do Brasil.
10 Tempo do verbo ir. Estruma. Milímetro.
11 Preposição e artigo definido. Camareira. Saudável.



VERTICAIS:

1 Cidade e porto da Jugoslávia. Prendia.
2 Nesse lugar. Que não tem lesão. Preposição e artigo definido.
3 Adejara.
4 Numeral cardinal. Dança popular portuguesa.
5 Da Russia. Querida.
6 Distar. Muito.
7 Terreiros em frente ou em volta das igrejas. Termina.
8 Freguesia do concelho de Barcelos. Invulgar.
9 Recuaste.
10 Pertences. Queimava. Ruim.
11 Seara madura. Tremor de terra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11206

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Acaro. Rimam.	1 Amada. NUNCA.
2 MAIS. VALE.	2 Caçada. Ni
3 Aca. Pai. Lar.	3 Aia. Iria. Re.
4 Da. TARDE.	4 Rs. Taça. Tia.
5 Adiar. Então.	5 Para. Qual
6 Arca. Mear.	6 Mar. Mu.
7 Ia. Sr.	7 Idem. Eras.
8 Una. QUE. Amo.	8 IV. Enes. Aca.
9 Ni. Tu. Rã. Em.	9 Mal. Tara. Ur.
10 Ria. Acuda.	10 Ala. Ar. Mede.
11 Areal. Sares.	11 Merco. Romãs.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7365

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Sátão. Serra.	1 Sarro. Salas.
2 Acaba. Amuas.	2 Acém. Salada.
3 Relas. Remis.	3 Tal. Vós. Sir.
4 Rm. Ti. An. A.	4 Abater. Acre.
5 Ves. Ita.	5 Oásis. Asa.
6 Sor. Anã.	6 Vãs.
7 Sãs. AAA. Oco	7 Sara; Aam.
8 Al. Assas. Lo.	8 Ementa. Sama.
9 Lasca. Marre.	9 Rum. Ano. Res.
10 Adir. Medo.	10 Raia. Acordo.
11 Sarei. Vasos.	11 Assas. Oleos.

Provérbio: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA.

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Danging com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197**. YUKY STREAP-TEASE JAPPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música portuguesa
19.00 Informação de trânsito — música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana, Damas Nunes e Moreira dos Reis
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Painel da noite
23.00 Painel da noite
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.15 Temas de educação

2.º Programa

16.00 Uma obra... duas interpretações
16.45 3.º programa comemorativo do nascimento de Ravel e da morte de Luís de Freitas Branco
17.30 O compositor da semana: Debussy
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Solos de piano
22.35 Duas cantatas
23.15 Conjuntos de câmara
00.15 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Solos de cravo
20.50 Música de câmara
22.00 Música vocal
22.30 Concerto sinfónico
00.30 Solos de piano
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média. 299.13 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua

Modulação de Frequência

18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 M drugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco predominando de Noroeste

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15º
P. DOURADAS	
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	20º
FARO	20º
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
ELVAS 27º

Mínima:
P. DA SAÚDE 5,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,3º
Atmosfera	13,9º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.31	**3,8 m**	0.41	**1,2 m**
20.06	**3,5 m**	13.13	**1,3 m**
Dia 11			
8.27	**3,5 m**	1.32	**1,6 m**
21.10	**3,2 m**	14.16	**1,6 m**
Dia 12			
9.36	**3,3 m**	2.40	**1,8 m**
22.29	**3,1 m**	15.41	**1,8 m**

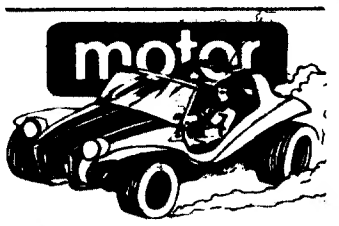
PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geral pouco nublado podendo tornar-se muito nublado na Orla Costeira Ocidental, vento fraco moderado de Noroeste.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.41
OCASO ÁS 19.06

DIA 12 | DIA 20 | DIA 27 | DIA 3



Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO N-1
TODA A NOITE

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à P. Paiva Couceiro) (tel. 843571)
ALVALADE
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384)
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (tel. 725140)
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (tel. 717958)
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (À Avenida Saoadura Cabral) (tel. 770776)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (tel. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (tel. 44158)
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (tel. 780511)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria 28-A (tel. 688857)
POÇO DO BISPO
Marvila (dê), Rua Direita de Marvila, 25 (tel. 381612)
SANTO AMARO
Lisbonens, Rua Leão de Oliveira, 2-B (tel. 637020)
SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (tel. 662075)

TURNO N-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (tel. 630944).
ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (tel. 728277)
ALVALADE
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140-B (tel. 760658)
ARROIOS
Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 121-B (tel. 45751)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Iagiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (tel. 844361)
BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Áurea, 154 (tel. 324816)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (tel. 703393)
CAMPOLIDE
Rualto, Lda., Alto do Carvalhão, 5/A/B (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (tel. 651721)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel. 553308)
ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140 (tel. 760658)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (tel. 790332)
OLIVAIS-SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, lote 469 (tel. 316402)
S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (telefone 326750).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44995)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T.932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, Av. da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.Antonio C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem-Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.212048)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260008). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116). Até às 22 horas
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 10 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2073035)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494182)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Marques, R.Arronches Junqueiro (T.22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T.24558)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 16

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vilarinha, Rua da Vilarinha, 161; **Bonfim**, Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos**, Praça de Carlos Alberto, 31; **Liga das Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Castro Carneiro**, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª** Largo de S. Domingos, 44; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Castro Carneiro, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A e **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645

COIMBRA

Cruz e Costa, R.António Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Soares**, R.Mouzinho Albuquerque, 26 (T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges 132 (T.22043)

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
NIMAS
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
BERNA
PROGRAMA FINAL
CALEIDOSCÓPIO
ANA E OS LOBOS

BERNA
T. 776098 — Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PROGRAMA FINAL
As 14, 16.30, 19.00
Não acons. a menores de 13 anos
O EMIGRANTE

APOLO 70
T. 763319 — 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
8.ª semana
Hoje às 24 h.
Grupo D M/18 anos
«36 FRENTE POPULAR»

ROXY
T. 48560 — 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
12.ª Semana

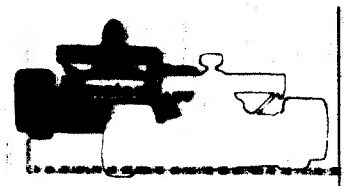
PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Para todos
MELODY
3.ª semana

NIMAS
T. 574313/574362 — Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

CARLOS MANUEL
21.15
Não acons. a menores de 13 anos
CLEÓPATRA

D. JOÃO V
T. 971794 — 21.00
Grupo D — m. 18 anos
ESCÂNDALO DE UM CRIME



UNIVERSAL
T. 774402
15.00 e 21.00 OUTUBRO — 13 anos
17.00 e 23.00 GREVE — 13 anos
Ás 19.00 **LINHA GERAL Para todos**

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BOFETADA

ÉDEN
T. 320769 — 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
SOL VERMELHO
Alain Delon, Ursula Andress, Charles Bronson
2.ª Semana
Um filme espectacular de Terence Young

TIVOLI
T. 570595 — 15.15 18.30 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
TARAS BULBA
2.ª Semana
c/Tony Curtis e Yu Brynner

CASINO ESTORIL
T. 264621 — 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

ROYAL
T. 665037 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
VEREDICTO

POLITEAMA
T. 326305 — Estreia às 21.30
Interdito a menores de 18 anos
KARATÉ EM HONG KONG

ROMA
T. 727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
NOITES ÁRABES
2.ª Semana

VOX
T. 720808 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO
6.ª Semana

SATÉLITE
T. 562632 — 15 17 19 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
7.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 — 15.15, 18.30, 21.30
Para todos (M/6 anos)
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
6.ª Semana de sucesso

CINEBOLSO
T. 573407 — 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
5.ª Semana

Em **ARGANIL** o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na **COMARCA DE ARGANIL** Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — Estreia às 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ANA E OS LOBOS
As 14, 16.30 e 19.00
Para todos
A CULPA FOI DO MACACO

CONDES
T. 322523 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, e...
O PROFESSOR NUDISTA
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
20.ª semana e última
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O último filme de Pasolini
6.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES

AVIS
T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O HOMEM ORQUESTRA
2.ª Semana
Um filme de Louis de Funès

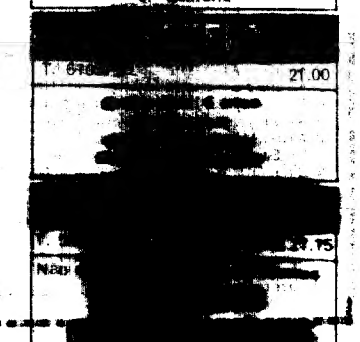
CASTIL
T. 530194 — 15.30 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O VÍCIO (TRASH)
Ante-estreia amanhã às 24 h
INICIAÇÃO SEXUAL DE CASANOVA

CINEARTE
T. 660446 — 21.15
Grupo B (10 anos)
QUE SE PASSA DOUTOR?

ESTÚDIO
T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O PROSTITUTO
Colorido! 6.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 15.30 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes — 20.ª Semana

EUROPA
T. 661016 — 15.15 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O MONSTRO DA GATINHA
3.ª Semana



Todos os espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»
A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Pra trás mija a burra»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Empresta-Me a Tua Piscina»
VILLARET
20.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legendado Cidadão Miguel Lino»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Onde as balas voam»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Tentacões de um Viúvo»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Caminhos do Prazer»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Amor Faz-Me Fome»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Bigg-Boss o Implacável»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Liberdades Femininas»

LINHA DE CASCAIS

Oxford
21.15 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Amor é Só uma Palavra»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»
ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Os Piratas do Ar»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«As Noviças»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios desportivos
21.15 (18 anos)
«Sartana o Vingador»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Cleópatra»
DAMAIA
D.João V
21.00 (18 anos)
«Escândalo de um Crime»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Gafanhoto»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Decameron Proibido»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corno»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (10 anos)
«John e Mary»
OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«UmaEscrava...eumDescanco»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«E Vieram 4 Para Matar Sartana»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Como Cacar um Marido»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Irmã da Casta Susana»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Trio Infernal»
VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Um Por Todos, Todos por Um»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Equilíbrio Instável»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Amigos»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Piscina»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Loja do Sexo»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX
LISBOA-PORTUGAL

A lógica e a batata

. Um Governo que pratica uma política de direita e se indigna quando alguém o considera de direita demonstra possuir um alto sentido de humor. Um Governo que procura impedir a marcha para o socialismo em nome do socialismo demonstra um alto sentido de originalidade. Um Governo que tenta liquidar a Revolução auto-denominando-se revolucionário demonstra um alto sentido de audácia. E um Governo que possui simultaneamente um alto sentido de humor, de originalidade e de audácia, mesmo que não governe, é um espanto, uma raridade, um achado.

Que país do mundo se pode gabar de ter tal governo?

. O facto de um ministro ser assobiado por uma multidão de operários prova apenas que os operários sabem assobiar. O facto de um ministro vir para a televisão dizer que foi assobiado por componentes de uma manifestação operária prova apenas que o ministro ouve bem (embora possa ser surdo a outras manifestações). O facto de um ministro ouvir bem os assobios prova apenas o alto sentido musical do ministro.

Ora um país que possuísse tal Governo, tal ministro e tais operários assobiadores seria um país não só original mas cheio de lógica. E como neste caso a lógica é uma batata, seria também um país de abundância.

MANUEL DE AZEVEDO

CONFUSÃO EM TIMOR

DILI, 10 — (R) — Tropas indonésias ocuparam novamente a cidade de Batugadé, na costa Norte do Timor Português, segundo afirmou hoje, em Dili, José Ramos Horta, elemento de destaque da Fretilin.

Ramos Horta disse que os indonésios, que a Fretilin anunciou terem tomado aquela cidade, na quarta-feira, foram expulsos ontem, mas voltaram e que se travava agora violenta luta.

O dirigente da Fretilin declarou ainda travar-se renhida luta noutra área da Raia, perto da cidade de Lebos, e que forças indonésias estavam envolvidas nos combates.

OFENSIVA U.D.T./APODETI

DJACARTA, 10 — (UPI/ANOP) — Forças conjuntas da U.D.T. e da Apodeti estão a avançar em direcção à cidade de Balibo, no Timor Português, depois de um ataque bem sucedido a Batugadé, perto da fronteira com a Indonésia, na segunda-feira — segundo informa hoje a Imprensa de Djacarta.

Entretanto, o Governo indonésio desmentiu novamente acusações da Fretilin de que tropas regulares indonésias estiveram envolvidas no ataque a Batugadé.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Empresa nacionalizada

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria dos nossos serviços de distribuição de energia eléctrica obriga-nos a interromper o fornecimento no próximo domingo, para trabalhos de conservação e ampliação nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua dos Sete Moinhos, Rua do Arco do Carvalhão, Av. Eng.º Duarte Pacheco (bomba de gasolina lado Sul e imediações), Cd.ª dos Sete Moinhos, Quinta da Bela Flor, Cd.ª do Baltazar, Cd.ª da Quintinha e imediações, Bairro da Serafina, Bairro de Liberdade (parte), Vila Amendoeira e imediações, Rua Maria Pia 500 a 616, Trav.ª de Campo de Ourique. (Das 8 às 12 h.)

8.º Sector — Rua Morais Soares 86 a 106 e de 107 a 177, Rua Francisco Sanches 81 a 87 e de 180 a 184 Praça do Chile 1 a 3, Rua António Pedro 70 a 78-B (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Est.ª do Paço do Lumiar, Az.ª Torre do Fato e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras — ALGÉS:** Bairro de Miraflores, Rua General Vicente de Freitas, Rua dos Bombeiros Voluntários e imediações. (Das 8 às 14 horas). **MIRAFLORES SUL:** Lotes, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, Bairro de Santas Martas e imediações. (Das 8 às 14 horas). **SANTO AMARO DE OEIRAS:** Bairro dos Sete Castelos, Rua de Santa Cruz, Rua de Belmonte, Rua da Vera Cruz, Av.ª Pedro Álvares Cabral e imediações. (Das 8 às 14 horas). Brandoa, Pontinha (parte), Alfornel. (Das 8 às 14 horas). **AMADORA:** Av. Eduardo Jorge, Rua Vicente Esteves, Rua do Outeiro, Trav.ª Quinta do Pau e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Conceição da Abobada, Leião, Leceia, Quenena, Polima, Outeiro de Polima, Ribeira das Parreiras. (Das 10 às 11 horas). Caparide, Livramento e imediações. (Das 8 às 14 horas). **CASCAIS:** Rua marques Leão Pancada, Sítio do Castelo, Trav.ª Tenente Valadim, Rua Tenente Valadim, Rua Luís Xavier Palmeirim, Av.ª D. Carlos I e imediações, Rua João Luís de Moura, Av.ª Emídio Navarro, Rua Marquês das Minas, Rua Freitas Reis, Rua José Carvalho Araújo, Rua Manuel Joaquim Machado, Rua Sacadura Cabral, Trav.ª Monte do Carmo, Rua Monte do Carmo, Rua Domingos S. Freitas, Rua Maestro da Vista Alegre, Rua dos Bem Lembrados, Rua José da Cunha Brochado, Rua Borges Barruncho e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — QUELUZ OCIDENTAL:** Antigas Ruas 1, 6, 9, e imediações. (Das 8 às 14 horas). S. João das Lampas, Conselho, Alfraquiques, Fachada, Cortezia, Assafora, Areias, Odrinhas, Alvarinhos, Santa Suzana. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Pobral, S. Julião, Baleia, Carvoeira. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira:** Alhandra. (Das 7 às 14 horas). **VILA FRANCA DE XIRA:** Rua Serpa Pinto, Rua Palha Blanco (parte), Rua Curado, Rua Joaquim P. Monteiro, Cd.ª Fonte Nova, Rua Dr. Miguel Bombarda, Rua João José Nascimento Costa, Praceta Jornal Vida Ribatejana, Quinta da Grinja, Pontevas, Povos (parte), Margem Esquerda do Tejo, Cabo, Eira da Murraceira, Gado Bravo. (Das 8 às 14 horas). **CASTANHEIRA DO RIBATEJO:** Rua Palha Blanco (parte), Rua D. António Ataíde, Bairro de S. João, Estrada Nacional 1 e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Labrugeira. (Das 8 às 14 horas).

MELO ANTUNES NA O.N.U.

PORTUGAL NÃO QUER IMPOR SOLUÇÕES EM ÁFRICA

. . A trinta e dois dias da data da independência de Angola, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, manifestou ontem, na Assembleia Geral das Nações Unidas, a sua preocupação sobre «a transferência de poderes na data da independência», atendendo à «situação concreta, que se vive actualmente em Angola, de verdadeira guerra civil».

. . O ministro Melo Antunes, que na sua exposição referiu as grandes linhas da política externa portuguesa, com a tónica nas implicações da descolonização portuguesa, referiu em seguida que para solução do problema angolano, «depositamos grande esperança na cooperação dos Estados africanos, mormente daqueles com interesses mais directos na área».

. . «Nesse sentido, prosseguiu o ministro dos Negócios Estrangeiros, constituiria contributo decisivo a realização imediata de uma conferência entre os três movimentos e Portugal, com a eventual participação na qualidade de medianeiros de outros Estados africanos escolhidos pelos movimentos, em que fossem estudadas modalidades concretas para esta transferência de poderes».

. . Também em relação a Timor, Melo Antunes manifestou à XXX Assembleia das Nações Unidas a sua preocupação, considerando que «a situação se apresenta extremamente grave».

Solução para Timor: «Portugal propôs aos partidos políticos timorenses, a abertura de conversações com vista a uma solução pacífica para o futuro político daquele território.» Portugal está pronto a aceitar um amplo leque de fórmulas políticas que (...) correspondam aos interesses do povo timorense, e sejam encontradas por via de acordo com os partidos representativos deste povo.

GRANDES LINHAS DE DESCOLONIZAÇÃO

. . Antes, o major Melo Antunes tinha traçado as grandes linhas da descolonização portuguesa: «Foi sempre princípio fundamental da nossa política de descolonização, o respeito pela personalidade dos povos colonizados e pela capacidade destes determinarem por si mesmos os seus destinos políticos e construirem os modelos de sociedade mais adequados às respectivas realidades nacionais.»

. . E mais à frente: «Sejam quais forem as opções políticas do povo português ou as convicções ideológicas dos seus dirigentes actuais, Portugal entende que não deve exportar nem impor às suas antigas colónias modelos políticos ou sociais predeterminados.»

. . Antes, referindo «questões que mais ameaçam actualmente a paz mundial», o ministro português dos Estrangeiros afirmou: «A nossa condenação do **apartheid** é peremptória e decorre com clareza da nossa globalidade política.»

. . Sobre a Rodésia: «Portugal reconheceu já o A. N. C. como único e legítimo representante das aspirações do povo do Zimbabwe, condenando a política repressiva e discriminatória do regime de Salisbury.»

. . «Quanto à questão da Namíbia», prosseguiu, «a nossa posição é a de que esse território se encontra sob ocupação ilegal da República da África do Sul.»

A REVOLUÇÃO COMEÇOU AGORA

Continuação da pág. 1

que passou pelo encerramento do C. I. C. A. P. e que visa destruir o Ralis, o R. P. M. e todas as unidades revolucionárias e expulsar das fileiras os oficiais, sargentos e praças progressistas.»

. E ainda: «A luta dos soldados não é «anarquia» e «desordem». É a resposta que, ao lado dos trabalhadores, temos a dar àqueles que querem trair a Revolução. A ordem obtém-se esmagando a contra-revolução. A disciplina, com uma política revolucionária ao serviço dos trabalhadores.»

. Emocionante foi ouvir de viva voz o que os soldados tinham para dizer, e disseram na Praça da República, transformada num mar de gente. Falaram primeiro os soldados do Porto, emocionados pela vivência das últimas horas no R. A. S. P. As moções de apoio aos S. U. V., lidas e aplaudidas longamente, sucederam-se durante muito tempo. O ponto alto, no entanto, foi atingido pelas palavras de um representante do Secretariado dos S. U. V. da R. M. C. que de um modo sucinto disse: «Camaradas Soldados, Camaradas Trabalhadores. Só uma íntima união entre os operários, camponeses, pescadores e trabalhadores em geral com os seus irmãos fardados, poderá constituir a barreira que se oporá ao avanço da reacção. Será a ligação Povo-Soldados a pôr final à exploração do homem pelo homem. Deste modo nos encontramos aqui manifestando o nosso «Sim» à Revolução socialista. Por isso fizemos uma saudação especial a todos os camaradas da R. M. C. aqui presentes, mostrando claramente que não participarão nas manobras reaccionárias do seu comandante nem funcionarão como peças de um aparelho repressivo».

E numa alusão clara ao comício-manifestação do P. S. anteontem realizado aqui com a presença de Mário Soares, rodeado por cerca de quatro mil socialistas: «As manobras divisionistas dirigidas contra o M. F. A., tendentes a aniquilar a Revolução iniciada em 25 de Abril, não resultarão contra os S. U. V. No C. I. C. A. P. utilizaram a violência fascista imposta pelo brigadeiro reaccionário Pires Veloso. Em Coimbra a jogada foi mais subtil, com encomenda apressada de um comício que pretendia fosse desmobilizador. Não, senhores oficiais reaccionários! O S. U. V. é um movimento unitário e verdadeiramente revolucionário. O seu objectivo é a construção do socialismo. Nada o impedirá de prosseguir na sua caminhada vitoriosa, pois «Unidos Venceremos».

Foi o fim. Sem ir ao Quartel General, sem palavras de ordem ou cartazes que pusessem em causa o comandante da Região ou outros oficiais — «as pessoas não interessam, a nossa luta é mais profunda», disse-nos um elemento do Secretariado dos S. U. V. — a manifestação dispersou. Mas isso não evitou que soldados em fim de festa e sempre acompanhados pela população deambulassem pelas ruas cantando alegremente: «Ó Charais vai-te embora e não chateies mais».

MILITARES DO R.A.S.P.

Continuação da pág. 1

RIVR, CR / YVN, Comissão de Extinção da ex-PIDE/ D. G. S. (Porto), RPM, RIOQ, RIT, RIC, HMPL, e RALIS. Depois de ser afirmado que é falso haver «fins vincadamente partidários na luta» entrou-se num período de perguntas e respostas. Sobre as formas de luta foi dito que a mais correcta é continuar a luta do CICAP e desenvolver a máxima mobilização e adesão das massas populares dentro e fora dos quartéis. Foi dito ainda: «Contrariamente ao que alguns possam pensar, a questão, embora tendo aspectos militares, é uma questão fundamentalmente política. Tentaremos estreitar os laços que nos unem, aqui no RASP, com todos os soldados e marinheiros dos outros quarteis e com a classe operária e todo o povo trabalhador.»

Nota à margem da conferência de Imprensa no RASP: o repórter de «O Comércio do Porto» foi impedido de participar no encontro com os órgãos de Informação porque, segundo os militares, esse jornal tem uma linha de informação contrária aos interesses dos soldados em luta.

CONFERÊNCIA D M-PREFA NO Q. G. DA R. M. N.

Oficiais sargentos e praças do Copcon (Porto), do Regimento de Cavalaria e da Polícia Militar, estiveram presentes na conferência de Imprensa dada ontem à tarde no Quartel-General da R. M. N. sobre os acontecimentos registados na madrugada de ontem, junto ao RASP e nos quais intervieram, na parte final dos mesmas, já depois das provocações dos militantes do P. P.D. aos militares do RASP. Foi dito que a decisão da sua intervenção fora tomada pelo comando da RMN, com o fim de evitar que os manifestantes do P. P. D. invadissem o RASP. Quanto aos factos mais graves ocorridos já depois da chegada das forças do Q. G., foi dito que um dos capitães, com o fim de dispersar os manifestantes, disparou para o ar. Tal atitude, em vez de solucionar o problema, esteve na origem das cenas de violência que se seguiram, com disparos de tiros de pistola.

«Nós vimos as balas a bater no chão à nossa frente e temos as «chaimites» cheias de marcas de balas» — disse o capitão Fernandes, que disparou uma rajada para o ar quando viu um camarada desarmado a ser alvejado — «houve efectivamente, tambem um soldado nosso que disparou uma rajada para o muro. Esta rajada deu-se quando esse soldado foi buscar ao meio da rua um camarada que tinha caído. Ao ver que a zona estava a ser batida pelo fogo, tambem disparou».

Por sua vez, o capitão David Martelo do Gabinete de Imprensa do Q. G. afirmou: «Não temos intenção de utilizar meios violentos. Se o quiséssemos fazer, tinhamos tido agora uma boa oportunidade e motivo».

Nota

AS BASES DE SPÍNOLA

A revista «Jeune Afrique» afirma, na sua página «confidencial»: «Madrid não recusa nada ao ELP (Exército de Libertação de Portugal), organização de extrema-direita que afirma ter ligações com o ex-general Spínola e contaria com cerca de 1800 homens. Cinco bases militares (Tuy, Salvaterra del Miño, Verin, Ayamonte e Salamanca) e dois emissores de rádio da Sociedade Espanhola de Radiodifusão, propriedade de Serrano Suñer, cunhado do general Franco, foram postos à sua disposição».

CARREIRISMO

O dr. Vítor Ferreira, ex-técnico da delegação do ex-INTP no Porto viu a sua carreira ascensional realizada com a actual equipa do M.T. Depois da filiação em certo partido, este técnico ocupa agora um lugar de relevo no gabinete ministerial. Entretanto, ao que se sabe, decorre sobre ele um processo de saneamento.

E O CONTROLO OPERÁRIO?

O V Governo decidiu-se pelo controlo operário e nacionalizou as empresas de cerveja e as minas. Nenhum dos diplomas foi ainda promulgado. Entretanto o VI Governo não mostra interesse em voltar ao assunto. Seriam medidas reaccionárias?

QUEM MANIPULA?

Palavras textuais de um trabalhador da EN do Porto: «O Emissor Regional do Norte está ao serviço do sr. brigadeiro Pires Veloso. As forças progressistas até já desistiram de enviar comunicados para cá».

Entretanto, em Coimbra, o locutor António Aragão, responsável do Emissor Regional do Centro, considera-se porta-voz do brigadeiro Charais.

Azar tem o brigadeiro Pezarat Correia. É que em Évora não há nenhum emissor. O Regional do Sul está em Faro.

ALMEIDA SANTOS

Jaime Gama, deputado do Partido Socialista, diz. na Constituinte que a RTP nos Açores «anuncia, no Telejornal, as horas de transmissão da emissora clandestina dos separatistas».

Entretanto, em Lisboa, o ministro Almeida Santos decide processar oito jornais por falarem no «plano dos coronéis».